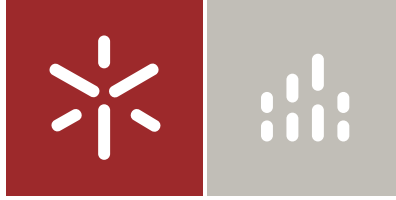




Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Nuno Alberto Oliveira Gonçalves

Um olhar sobre os limites de propriedades:
A permeabilidade visual na qualificação
espacial dos lugares



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Nuno Alberto Oliveira Gonçalves

Um olhar sobre os limites de propriedades:
A permeabilidade visual na qualificação
espacial dos lugares

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Ivo Oliveira

Direitos de autor e condições de utilização do trabalho por terceiros

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição
CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Declaração de Integridade

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração. Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Agradecimentos

Um sincero obrigado a quem me apoiou, de qualquer forma, na realização deste trabalho.

Um agradecimento especial ao orientador deste trabalho, o professor Ivo Oliveira, que prontamente me ajudou em todas as dúvidas ao longo destes nove meses.

Um obrigado ao engenheiro Luís, que sempre promoveu e facilitou a evolução desta tese de mestrado.

Aos meus amigos, que sempre serviram como escape em momentos mais atarefados, em especial ao Paulo, ao Zé, ao Daniel e ao Luís.

À Sara, por toda a motivação, carinho e paciência para comigo neste momento da minha vida.

Por fim, aos meus pais, por toda a força, paciência e todas as palavras que me ajudaram nestes últimos meses.

Resumo

Este trabalho versa sobre o efeito que, visualmente, qualquer limite de propriedade produz no espaço e, conseqüentemente, na sociabilidade dos lugares. As características físicas dos muros organizam e são indissociáveis dos níveis de permeabilidade que geram, intrinsecamente intervindo em relações interpessoais.

O estudo desenvolveu-se ao longo da estrada nacional EN206, entre Vila Nova de Famalicão e Guimarães e respetivas ruas e parcelas adjacentes. Uma amostra que cujas características são inerentes à identidade urbana e territorial do Vale do Ave.

Através da análise de duas amostras da faixa territorial, que exemplificam tanto áreas vastamente como pouco urbanizadas, identificam-se questões sugeridas pelas permeabilidades dos seus limites de propriedades. Temas que interferem tanto no interior como no exterior das propriedades, na via pública, alterando relações interpessoais num território de grande diversidade tipológica. Cruzando a análise com trabalhos desenvolvidos sobre o entendimento e o efeito que as barreiras criam, são gerados princípios de abordagem aos limites de propriedades que tentam melhorar o ambiente urbano.

O principal objetivo da investigação é apresentar uma leitura que considere e inclua o tema da permeabilidade na caracterização dos lugares e, que acima de tudo, lhes atribua um potencial transformador. Na investigação desenvolve-se um tema pouco tido em conta na conceção de um projeto, de que forma a ação sobre os limites de propriedade e respetivos níveis de permeabilidade pode contribuir para a melhoria da qualidade do ambiente urbano e, desejavelmente, da vida em comunidade.

Palavras-chave: permeabilidade, privacidade, comunidade, relações interpessoais.

Abstract

This work deals with the effect that, visually, any property limit produces on space and, consequently, on the sociability of places. The physical features of the fences, organize and are inseparable from the levels of permeability they generate, intrinsically intervening in interpersonal relationships.

The study was carried out along the national road EN206, between Vila Nova de Famalicão and Guimarães and respective streets and adjacent plots. A sample whose characteristics are inherent to the urban and territorial identity of Vale do Ave.

Through the analysis of two samples of the territorial strip, that exemplify both vastly and poorly urbanized areas, are identified issues suggested by the permeability of their property boundaries. Themes that interfere both inside and outside the properties, on the public road, altering interpersonal relationships in a territory of great typological diversity. Crossing the analysis with work developed on the understanding and the effect that barriers create, are generated principles of approach to property boundaries that try to improve the urban environment.

The main objective of the investigation is to present an understanding that considers the permeability theme in the characterization of the places and, above all, assigns them a transformative potential. The research works as a development of a theme of small consideration while the design of a project, how the action on properties boundaries and their permeability levels can contribute to improve the quality of the urban environment and, desirably, community life.

Keywords: permeability, privacy, community, interpersonal relationships.

Índice

_ Introdução	12
1_ Evolução dos limites de propriedades	15
1.1_ <i>A barreira que isola e unifica</i>	16
1.2_ <i>O limite, as suas dinâmicas e consequências</i>	22
1.3_ <i>O limite que influencia vivências e comportamentos</i>	28
2_ Permeabilidades dos limites de propriedades	31
2.1_ <i>Entre Vila Nova de Famalicão e Guimarães</i>	32
2.1.1_ Topografia	40
2.1.2_ Aprofundar e organizar o olhar sobre os limites de propriedade	47
2.2_ <i>Amostra I_ um lugar disperso, de pequenas parcelas e múltiplos usos</i>	54
2.2.1_ A permeabilidade dos limites de propriedades no espaço privado	60
2.2.2_ A permeabilidade dos limites de propriedades na via pública	64
2.2.3_ A influência dos limites de propriedade na identidade de cada lugar	67
2.3_ <i>Amostra II_ um lugar de menor densidade, maiores parcelas e usos uniformes</i>	76
2.3.1_ A permeabilidade dos limites de propriedades no espaço privado	82
2.3.2_ A permeabilidade dos limites de propriedades na via pública	86
2.3.3_ A influência dos limites de propriedade na identidade de cada lugar	89
2.4_ <i>Experiências contemporâneas sobre os limites de propriedades</i>	102
3_ Repensar os limites de propriedades	109
3.1_ <i>Princípios de melhoria do ambiente urbano</i>	114
3.2_ <i>Cenários nos limites de propriedades</i>	129
_ Referências	152

Introdução

Pretende-se entender o efeito que a relação entre a permeabilidade dos limites das propriedades produz no espaço e nas pessoas, desta forma, as divisões de propriedades, ou a ausência destas, serão sempre referenciadas e tidas em conta como barreiras visuais. Assim, procurar-se-á entender como podem os arquitetos intervir, com o intuito de melhor responder às necessidades de uma determinada comunidade e à especificidade das suas **relações interpessoais**.

Começar-se-á por entender o porquê da **necessidade de delimitar**, construir barreiras e divisórias, desde as suas vertentes primárias, a segurança e definição de espaço próprio, até ao paradigma atual, com uma ideia de definição de espaço mais clarificada e assente. Tentar-se-á perceber as necessidades que se mantêm e as que se alteraram, para isso ir-se-á proceder a um breve entendimento histórico desde o aparecimento e uso destas barreiras.

No local de estudo a tratar, irão ser apresentados diferentes modos de tratar os limites das parcelas. Uma vez que se trata de um único contexto, também o panorama sociocultural o é, logo são alvos de comparação e tratamento, baseados na evidência, os modos de **abordagens que limitam a visão** entre o interior e o exterior de propriedades.

Após a análise de elementos divisórios como sendo fundamentais na definição de propriedades, ir-se-á proceder à análise das consequências do seu uso, percebendo o tipo de relação que este, como barreira visual, estabelece com habitantes e transeuntes. Dado que uma barreira visual pode cortar a visão tanto entre espaços privados e entre estes e os espaços públicos, não é só a envolvente que é isolada dos habitantes, também estes são **isolados da envolvente**. Desta forma, o contacto entre pessoas é fortemente condicionado, promovendo o isolamento pessoal. Tal como Christina Kotchemidova¹ defende, as barreiras foram essenciais para a evolução social, além de uma resposta a uma questão de segurança, o muro teve outras funções, como definidor de comunidades. Já a delimitação de cada habitação, apesar de unificar os habitantes de cada propriedade, pode ter efeitos contrários, fragilizando os habitantes, e como reflexo, a comunidade.

¹ Christina Kotchemidova é professora de teoria e comunicação intercultural, escreveu, em 2008, sobre o nosso entendimento sobre os muros e barreiras, "The culture of the fence: artifacts and meanings".

Não havendo uma abertura para o exterior, assiste-se a um crescente **afastamento**, o contrário de algo convidativo, o que seria desejável num entendimento de comunidade, criando “raízes familiares” partilhadas com quem está mais próximo do local de habitação.

Como forma de entender se os limites de propriedades têm especificidades decorrentes das características dos espaços urbanos em que se inserem, ir-se-ão selecionar amostras que permitam confrontar o tema em estudo com diferentes territórios que revelam processos de ocupação distintos.

Como objetivo final desta dissertação teórico-prática pretende-se destacar e delinear formas de atuar sobre os limites de propriedade que possam ser relevantes perante uma comunidade específica e num ambiente construído, também ele de grande especificidade. Formas de atuar que simultaneamente possam ser consideradas aquando de uma nova intervenção arquitetónica. Tendo em conta a altura, materialidade, espessura e permeabilidade dos elementos limitantes de cada propriedade, é possível que este não seja apenas uma barreira visual, mas um isolamento perante o mundo, algo que já é oferecido pelo objeto da casa em si sobre o seu interior, em suma, que o objeto **sirva e seja visto como um apoio** e não apenas como uma barreira direta perante o próximo. Espera-se que este objeto seja tido em conta e projetado de forma não opressora e que seja pensado também nos efeitos que causará em ambos os seus lados, tendo em conta sempre o local a ser intervindo.

1_ Evolução dos limites de propriedades

1.1_ A barreira que isola e unifica

A história da civilização está intimamente ligada à história do muro. Na emergência da agricultura, da noção de família e de propriedade, este desempenha um papel fundamental. Simultaneamente marcou a transição de um padrão de nomadismo para **sedentarismo** e para a estabilização de territórios agrícolas delimitados. É assim que Christina Kotchemidova define o início do uso de barreiras como definição de propriedade, “*Human civilization is conceptualized as emerging from agriculture, family and property. All of these evolved with the fence.*”², concluindo que a “barreira” como elemento divisório delineou a evolução da sociedade, “*(...)the fence helped institutionalize one of the most important elements of the social contract – the collective recognition of private property*”³.

Com a evolução das comunidades, a forma de viver também tem sido alterada, desta forma os muros também têm sofrido alterações consoante a intensão da sua posição perante o próximo. Desde o assentamento de comunidades num local específico, seja num ponto mais elevado de uma região, onde a topografia confere maior segurança, seja numa cota mais baixa e fértil, tornando-se sedentárias, desenvolveu-se a necessidade de definir a posse de terreno e distingui-la do exterior, tanto por questões de definição de propriedade como de proteção perante os perigos externos, sendo estes os principais pontos da criação deste elemento divisório. Com a evolução dos modos de viver, agregado às definições de território, as construções de proteção e divisão sofreram alterações significativas, como o aparecimento de muralhas perante o possível ataque de outros povos. No interior destas barreiras aglomeraram-se povos inteiros, cidades, funcionando além de proteção do exterior, um **unificador do interior**, conferindo um carácter de unicidade para os seus habitantes, incitando a proximidade e a ligação entre estes.

² Responsabilidade do muro no desenvolvimento civilização humana. (KOTCHEMIDOVA, 2008, p. 1).

³ O “muro” como elemento definidor da noção de propriedade. (KOTCHEMIDOVA, 2008, p. 2).



FIGURA 1_ LIMITE E NOÇÃO DE PROPRIEDADE NO SÉC. XII – XIV. MURALHA E VILA DE ÓBIDOS, FOTOGRAFIA DO ARQUIVO DO “DIÁRIO DE AVEIRO”, 13 MARÇO DE 2018

Com o desenrolar do curso da história, devido ao apaziguamento das questões territoriais, o propósito do uso de muralhas foi diminuindo, a proteção perante um exterior particular. Substituídas por barreiras que individualizam propriedades, promovendo a proteção perante um exterior generalizado, desenvolvendo em foco a **noção de privacidade**, separando ideologicamente estes dois mundos. Num período prolongado de paz, na qual o propósito defensivo desaparece, muitas destas construções foram adquirindo outros significados e propósitos, por exemplo simbólicos, administrativos, políticos ou até ambientais.

Na atualidade existem algumas investigações que tentam desvendar as necessidades e os efeitos projetados pela criação de limites físicos de propriedades. Christina Kotchemidova faz alusão ao facto de este ser **mais entendido pelo seu simbolismo do que pelas suas características físicas**, ou seja, é mais forte a intenção que cria nas pessoas de entendimento de definição de espaço e separação entre público e privado do que a sua real intransponibilidade. Com outro ponto de vista sobre estes elementos divisórios, funcionando tanto como barreiras físicas como visuais, Robert Waldinger⁴ explica que é tentador “construir paredes e excluir pessoas”, entende-se que é inerente e instintivo ao ser humano a necessidade de momentos privados.

Além destes, também há trabalhos desenvolvidos sobre a abordagem de quarteirões a questões de carácter mais defensivo, mas que se relacionam com o tema a estudar instintivamente, Vinicius M. Netto⁵ defende que a melhor abordagem perante a necessidade de proteção e divisão do exterior é realmente baixar as barreiras limitadoras, desta forma os **transeuntes exteriores são expostos**, tornando-os o ponto central.

São várias as posições perante este mesmo objeto, o seu significado e as suas consequências, os vários posicionamentos são importantes ao tentar entender os vários tipos de limites de propriedades existentes, ambos pontos de vista têm lugar na contemporaneidade.

⁴ Robert Waldinger é psiquiatra e professor na Harvard Medical School, esta apresentação, realizada em 2016, é intitulada “Why it’s so tempting to build walls and shut people out and what to do instead”, sobre a necessidade de privacidade.

⁵ Vinicius M. Netto é arquiteto e professor na Universidade Federal Fluminense, realizou este trabalho, em 2006, intitulado “O efeito da arquitetura: impactos sociais, económicos e ambientais de diferentes configurações de quarteirão”, sobre como melhor resolver problemas que têm a ver com o piso térreo, e relações inerentes.



FIGURA 2_ O MURO COMO BARREIRA QUE "PROTEGE" A CASA

Ou seja, a individualização deste elemento, passando de algo que envolve uma comunidade para algo que envolve um indivíduo, reflete-se no exterior como uma não conformidade com a envolvente, **isolando-se do resto da comunidade.**

*“In this way, they are built not for those who live outsider them, threatening as they may be, but for those who dwell within. In a certain sense, then, what is built is not a wall, but a state of mind.”*⁶. Costica Bradatan⁷, defende que uma barreira individual é a resposta a um mundo de incerteza e confusão, neste caso este é algo no qual se pode contar, que é perene, permanentemente pronto a ser usado como resguardo. Há uma dicotomia entre o uso de uma barreira como isolamento pessoal e como manifestação pessoal como criador de algo rígido e decisivo. Contudo, parecem ambos ser indicadores de uma vontade expressamente pessoal e distintiva, quando há um espaço já criado e desenvolvido como abrigo pessoal, a casa, a tentativa de bloqueio visual num mundo onde se vive permanentemente rápido, sem paragens nem tempo para observar *“(...)na Rua da Estrada não é a lógica do peão que conta. A rua da Estrada é para os automóveis. O movimento rápido e as limitações de campo visual (...)”*⁸, pode parecer excessivo, escreve Álvaro Domingues⁹.

Na arquitetura moderna, por exemplo na Maison Dom Ino, Le Corbusier, 1914, percebe-se que todo o caminho era o de acabar com as barreiras, dado que a planta livre veio retirar função (estrutural) às paredes. Se por um lado a arquitetura moderna tem por base uma ideia de transparência, também é verdade que ela veio (muito provavelmente) obrigar a um maior controlo entre o espaço público e a rua, pelo menos nas sociedades onde historicamente as questões de propriedade e de família se apresentam muito latentes e relacionadas.

⁶ Ideia de que o “muro” não é uma resposta ao exterior, mas responde a algo próprio, interior. (BRADATAN, 2011, p. 2).

⁷ Costica Bradatan é um filósofo americano, professor de Humanidades e professor honorário de pesquisa de filosofia na Universidade de Queensland. Excerto retirado do artigo que escreveu “Scaling the ‘Wall in the Head’”, em 2011.

⁸ Forma de viver rápida nas ruas atualmente, onde domina o automóvel e a velocidade. (DOMINGUES, 2009, p. 75).

⁹ Álvaro Domingues é geógrafo e professor na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, onde também é investigador no CEAU-Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo.



FIGURA 3_ POSSIBILIDADE DE LIGAÇÃO VISUAL ENTRE O INTERIOR E O EXTERIOR DE UMA PROPRIEDADE

1.2_ O limite, as suas dinâmicas e consequências

_Alteração do limite

Da mesma forma que as necessidades e percepções pessoais sobre privacidade vão evoluindo, também os **limites de propriedades se adaptam**, respondendo a novos requisitos, ainda que objetivamente identificados ou como reflexo do que é moda nas imediações, quando não há um pensamento sobre a necessidade ou influência desta criação. Desta feita, a percepção do exterior, de quem percorre as ruas, também influencia a noção que se tem do local, da situação sociocultural de uma certa região, definindo assim mentalidades e sociedades, “*A arquitetura afeta o sujeito, afeta a sua leitura do ambiente, gera ambientes com ‘ruído’ menor ou maior*”¹⁰, através da necessidade de alguém se **fechar/isolar** do mundo dentro de um terreno ou de uma casa.

Em qualquer região, as abordagens aos limites de propriedades nunca são únicas, as variações são imensas, resultando numa miscelânea de tipos de barreiras perante o espaço público. Como consequência do dinamismo e da múltipla possibilidade de conjugações de barreiras visuais, espaços públicos podem resultar em momentos de túnel visual, transmitindo a ideia de que não é um lugar para estar, mas para chegar ao seu fim, ou em momentos que devido a uma baixa permeabilidade, influencie e convide a um momento de pausa, de observar a região envolvente.

Existe uma infinidade de possibilidades, assim como alterações ao longo do tempo, porque “*Uma casa é elástica – pode-se acrescentar, modificar, reformular (...)*”¹¹. Durante o desenvolvimento deste trabalho, deu-se um encontro com um senhor que acrescentava uma grade sobre o muro que servia como limitador do seu terreno. Ao questionar-lhe a razão de estar a fechar visualmente e fisicamente mais a sua propriedade, respondeu-me que se tratava de uma questão de **segurança**, dado que tinha receio que seja furtado. Tratava-se de uma parcela agrícola e de um abrigo de apoio à atividade, situada numa zona habitacional muito própria e definida, sem muito movimento de pessoal estranho à zona.

¹⁰ Os possíveis efeitos da arquitetura nas pessoas. (NETTO, 2006, p. 1).

¹¹ As variações existentes numa casa no decorrer do tempo. (DOMINGUES, 2009, p. 53).



FIGURA 4_ AUMENTO DA OPACIDADE VISUAL DE UM LIMITE DE PROPRIEDADE

Nada no seu discurso apresentou necessidades de isolamento de olhares exteriores ou noções de aumento de privacidade para a sua propriedade. Desta forma, o medo de ser furtado justificou a intervenção, acreditando-se que quanto mais opaco, alto e intransponível, maior será a segurança. Apesar de mais alto, o muro será sempre possível de transpor e do outro lado, no espaço privado, ganha protagonismo um espaço isolado cada vez mais fácil de ser vandalizado. Um eventual ladrão encontrar-se-á numa situação mais favorável, protegido de olhares exteriores, conferindo-lhe mais espaço próprio, conseqüentemente tempo, podendo permitir um furto mais eficaz. **A permeabilidade do limite do terreno tem influência direta na sua segurança**, tal como Vinicius M. Netto referiu que *“o melhor meio de aumentar a segurança é (...) a ‘vigilância mútua’ - isto é, um pedestre ‘vigia’ inconscientemente o outro, para sua própria segurança, e ao fazer isso aumenta o grau de controle sobre o espaço, o que beneficia a todos”*¹².

O reflexo e a forma de lidar com este assunto, a segurança, é um debate complexo e cada situação deve ser analisada de forma singular. Pelo facto de se desenvolver através de muitos pensamentos e percepções desenvolvidas pela sociedade, a sua resolução não é facilmente identificada, contudo pretende-se identificar o pensamento de que a decisão é decorrida, e não um reflexo instantâneo de bloqueio visual do exterior.

A privacidade e a segurança estão relacionadas, não se deve por isso descartar tal relação. Uma vez que as necessidades de segurança perante um “inimigo” exterior foram diminuindo com a evolução das sociedades, os requisitos foram também alterando. Dado que as relações entre e dentro das sociedades atualmente são civilizadas e regidas como tal, o uso de barreiras visuais menos eficazes é talvez a forma de conferir maior segurança perante possíveis trespasses de propriedades nestes tipos de urbanização, em zonas habitacionais bem definidas com vizinhança local. Contudo, para as propriedades que não se localizam nestes tipos de urbanização, o isolamento de um exterior pouco ou nada habitado pode realmente ser a melhor solução para este tipo de situações. Assim, **o local e a envolvente são os principais fatores definidores dos tipos de limites de propriedades**, tal como estes têm diferentes conseqüências públicas e sociais, dependendo do local de implantação. As dinâmicas de elementos divisórios podem ser altamente transformadoras das relações sociais e da forma de habitar um território, cruzando isto com as necessidades contemporâneas nasce a motivação deste trabalho.

¹² Noção de vigilância mútua nos habitantes de uma comunidade. (NETTO, 2006, p. 5).

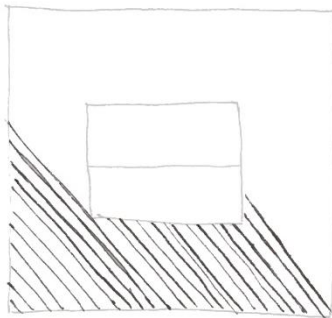


FIGURA 5_ INFLUÊNCIA DA OPACIDADE VISUAL NOS LIMITES DE PROPRIEDADES

_Mutabilidade visual

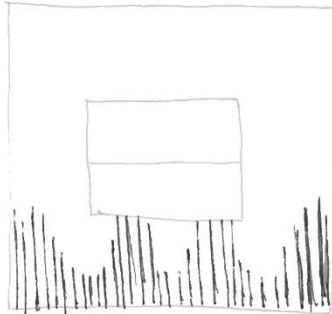
Além da possibilidade de alterar a permeabilidade dos limites de propriedade, quer através do acrescento de elementos como gradeamentos, chapas, vegetação, ou através da recolha destes, geralmente elementos que não requerem argamassa na sua estabilidade, que por esta especificidade têm a possibilidade de serem postos ou retirados de uma forma mais simples/rápida, há tipos de barreiras visuais que por si só **influenciam a percepção** que se tem sobre a propriedade de formas diferentes.

Estes tipos de barreiras visuais permitem ser usados tanto em casos de se querer proteger visualmente a totalidade da propriedade, como em momentos particulares, tendo em conta que não são inteiramente opacos. Estes efeitos podem variar a permeabilidade visual ao percorrer os limites das propriedades, através da dispersão da visão, não permitindo um foco único. No caso da aglomeração de elementos distintos pode **desvendar, ou não**, locais particulares das propriedades.



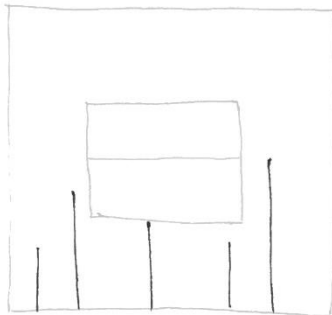
Controlo visual sobre uma parte da propriedade;
 Possibilidade de cortar visão sobre o interior da casa, com vãos paralelos aos raios visuais;
 Corte visual sobre a via pública, funciona bilateralmente.

FIGURA 6_ GRADEAMENTO OBLÍQUO



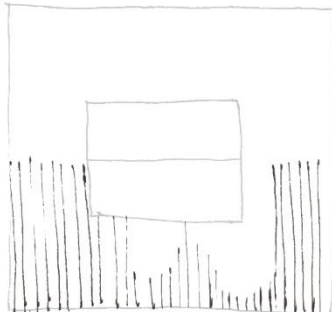
Dispersão visual sobre a propriedade;
 Permissão visual sobre o exterior da propriedade;
 Permite melhor visão pelo interior da casa para o exterior dado que permite uma melhor leitura com alguma distância.

FIGURA 7_ CHAPA COM EFEITO



Controlo e dispersão visual sobre a propriedade;
 Raios visuais pontuais e dispersos pelo limite de propriedade;
 Permeabilidade sazonal, a vegetação pode perder volume em estações mais frias.

FIGURA 8_ VEGETAÇÃO ALEATÓRIA



Controlo visual sobre uma parte da propriedade;
 Possibilidade de quebrar visão sobre um momento mais reservado na propriedade
 Possibilidade de criar diferentes ambientes num mesmo espaço.

FIGURA 9_ VEGETAÇÃO LOCALIZADA

1.3_ O limite que influencia vivências e comportamentos

Tendo em conta a percepção visual e psicologia de uma barreira como objeto delimitador de espaços públicos e privados, e dado que a percepção dos locais se relaciona diretamente com a visão através destes, entende-se que o grande ponto que define e organiza estas ideias tem que ver com a **permeabilidade** dos limites propriedade, como reflexo da privacidade.

Perante as várias e diferentes abordagens de permeabilidades dos elementos limitadores de propriedades num mesmo território, com as mesmas questões socioculturais, surge a intensão de realizar um trabalho que procure entender de que forma a questão da privacidade define estas barreiras e de que forma estas, conseqüentemente, **interferem na vivência** das pessoas que as usam, tanto no interior como no exterior das propriedades definidas. Através da análise de sistemas relacionais mais complexos, aliado a processos de lógicas espaciais, arquitetónicas, procura-se entender de que forma diferentes tipos de barreiras visuais interferem em diferentes espaços.

A ausência de uma barreira que nos divide do exterior, neste caso de um espaço exterior privado de um espaço exterior público, requer uma aceitação perante o próximo que pode não estar (bem) enraizada num indivíduo ou numa determinada sociedade, porque *“entendemos quem somos através da observação do mundo, (...)muros são construídos também quando nos sentimos insuficientemente fortes para existirmos sem eles, (...) para amadurecer é preciso que possamos ultrapassar esses muros, (...) criando conexões com o mundo de fora, nos permitindo sair e voltar quando queremos”*¹³, desta forma, a criação de uma barreira visual perante o exterior pode **influenciar comportamentos** desviantes, comportamentos que na contemporaneidade potenciam processos de isolamento, algo que automaticamente é enraizado em gerações seguintes.

¹³ Noção de que o muro pode ser um constrangimento no desenvolvimento pessoal. (LEMGRUBER, 2016).

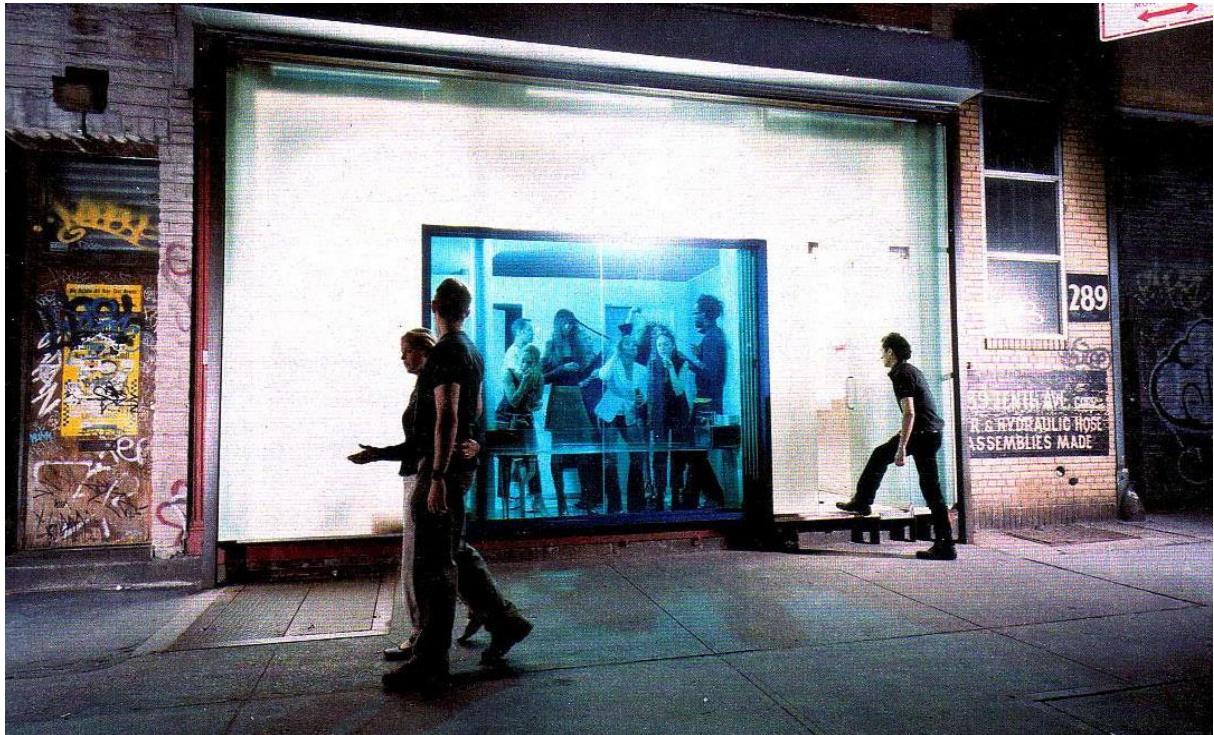


FIGURA 10_ PROVOCAÇÃO À PRIVACIDADE PELA EXPOSIÇÃO DO INTERIOR DO WC DE UM BAR SOBRE A VIA PÚBLICA. GLASS BAR, POR LEESER ARCHITECTURE, 2002, CHELSEA, NOVA IORQUE



FIGURA 11_ DILUIÇÃO DA BARREIRA VISUAL, TRANSPONDO O OBSERVADOR PARA UM LOCAL DISTANTE. SEAGRAM BUILDING, DE LUDWIG MIES VAN DER ROHE E PHILIP JOHNSON, 1958, MANHATTAN, NOVA IORQUE



FIGURA 12_ A PERMEABILIDADE VISUAL TRADUZ UM ACESSO FÍSICO, PERMITINDO UMA VISÃO DE MAIOR DETALHE, DIVAGANDO ENTRE PERMEABILIDADE FÍSICA E VISUAL. STOREFRONT FOR ART AND ARCHITECTURE. 1982, MANHATTAN, NOVA IORQUE

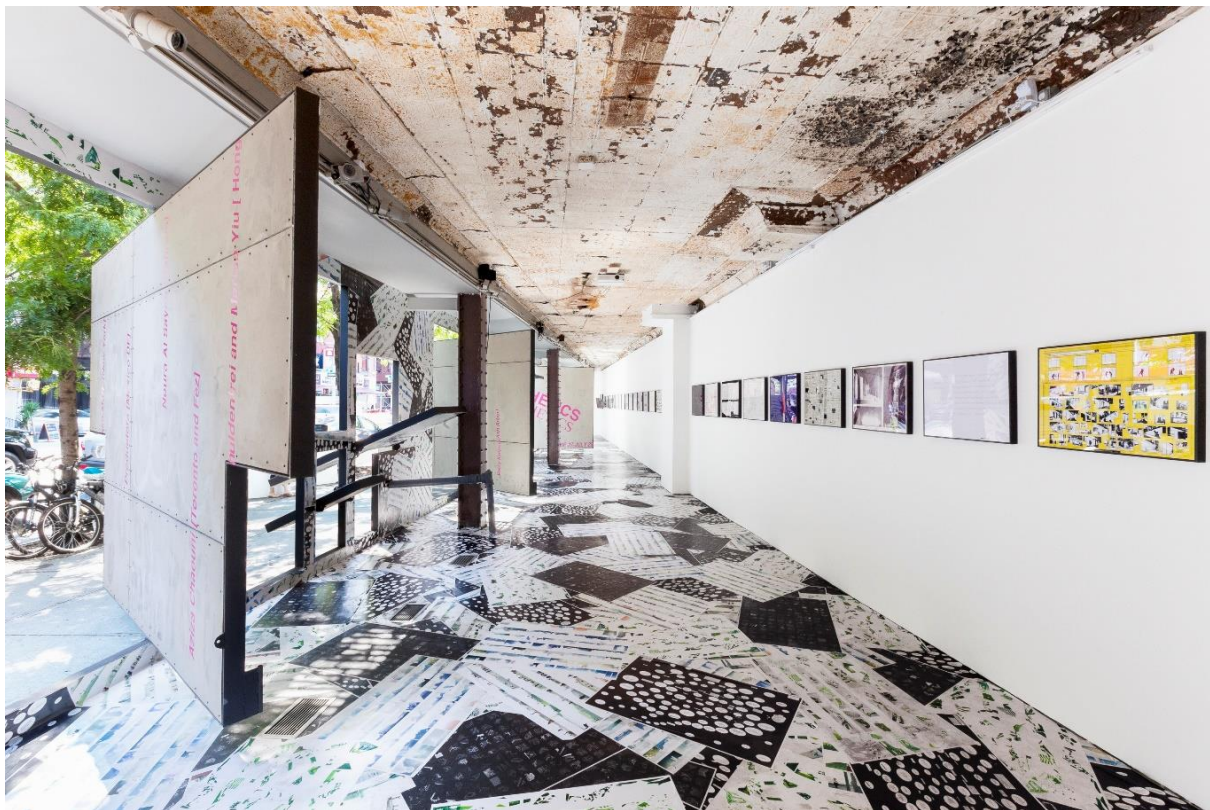


FIGURA 13_ AUMENTO DO ESPAÇO PÚBLICO, REGULANDO A PERMEABILIDADE DE UMA BARREIRA OPACA. STOREFRONT FOR ART AND ARCHITECTURE. 1982, MANHATTAN, NOVA IORQUE

2_ Permeabilidades dos limites de propriedades

2.1_ Entre Vila Nova de Famalicão e Guimarães



- Terreno vastamente edificado
- Terreno pouco ou nada edificado
- Estrada Nacional 206



FIGURA 14_ ORTOFOTOMAPA DA FAIXA TERRITORIAL EM ESTUDO, ESC. 1:20 000

Tendo como objetivo a caracterização dos sistemas de delimitação das parcelas e a compreensão das inúmeras transformações espaciais que lhes estão associadas, aprofundou-se o olhar sobre o território localizado entre as cidades de Vila Nova de Famalicão e Guimarães. Uma faixa territorial atravessada por 22km da estrada nacional EN206, no interior da qual coexistem áreas fortemente edificadas e áreas de parcelas agrícolas de maior dimensão que são indissociáveis de uma **matriz rural** que faz parte da génese deste território.

Trata-se de um território povoado disperso, resultado de uma topografia, hidrografia e cadastro próprios. Possui uma **grande diversidade e complexidade de tipos de urbanizações**, desde campos agrícolas a parcelas industriais, lotes urbanos nos quais foram identificadas moradias, edifícios de habitação coletiva, equipamentos públicos e indústrias. Derivado dos diferentes usos e processos de transformação do território, os elementos limitadores de propriedades refletem as **imensas possibilidades de edificação e transformação** a que cada parcela pode estar sujeita.

Os elementos que delimitam as propriedades podem ser muito diversos, acreditando-se que constituem uma significativa amostra do que ocorre na região onde está inserido. Dado que o número da população portuguesa tem vindo a aumentar mais significativamente a partir dos últimos 40 anos, há um aumento da procura por possíveis locais para construção de habitações. Uma vez que as propriedades perante a estrada nacional estão geralmente ocupadas por casas mais antigas, que por vários motivos se localizaram junto das vias principais, resulta num solo urbanizável disponível e a melhor preço afastado destas zonas, as novas habitações são construídas cada vez mais em terrenos mais afastados, e **afetados pelo declive** que se faz sentir com o afastamento da proximidade da estrada nacional, que geralmente procura sempre um percurso mais plano, estável.



FIGURA 15_ MAIOR NÚMERO DE HABITAÇÕES POR M2 EM ZONAS SECUNDÁRIAS À ESTRADA NACIONAL, AMOSTRA DE TERRENO DO TERRITÓRIO EM ESTUDO, ESC. 1:4000

Como resposta à grande demanda de propriedades para habitações, estas tendem a ser cada vez mais pequenas, em comparação com propriedades mais antigas que são, geralmente, compostas por habitação, zona exterior e área de campo para cultivo, por vezes tornam-se loteamentos de casas geminadas, focando-se apenas no aproveitamento do terreno próprio¹⁴. Tendo em conta esta noção de aproveitamento da propriedade cada vez menor, várias vezes se procura fechar as zonas exteriores do público, aumentando a opacidade dos limites das propriedades. Ou seja, destaca-se aqui um padrão, de que quanto mais há a procura por terrenos habitacionais, mais se os quer exclusivos, e **maximizar a área privada interior** para os seus habitantes. Um processo de densificação, comum ao das cidades, que torna cada vez mais construída e rígida a fronteira entre o espaço público e o espaço privado.

Tendo em conta este raciocínio, depreende-se que há uma tendência para se aumentar a opacidade visual dos limites de propriedades habitacionais, tendo um efeito perante o interior das propriedades como perante o exterior destas. Assim, as habitações adjacentes a estas novas construções podem sentir-se mais expostas, devido à única possibilidade de o olhar conseguir atravessar as barreiras visuais sobre si, resultando em alguns casos no aumento do bloqueio visual de construções comparativamente mais antigas que sempre tiveram as suas barreiras visuais relativamente baixas. Assim, pode haver uma tendência adjacente em se **quebrar a relação com a envolvente** e isolar cada vez mais as propriedades do exterior e vice-versa. *“Los criterios de localización y formalización no rigen por las condiciones preexistentes ni pretenden establecer ningún tipo de permeabilidad o continuidad con ellas. Dependen (...) de la ocupación máxima y la aplicación de una legislación general que cuantifica las medidas (...)”*¹⁵. Além desta tendência se manter, como se lê, a legislação rege apenas limites máximos de elementos divisores de propriedades, não promovendo ou evitando permeabilidade visual nestas barreiras.

¹⁴ Transformação dos tipos de propriedades como reflexo do aumento da procura. (LABASTIDA, 2013, p. 188-198).

¹⁵ Os novos processos de urbanização habitacional. (LABASTIDA, 2013, p. 196).



FIGURA 16_ A PROGRESSIVA PERDA DE PERMEABILIDADE

_Quotidiano na via pública

O uso da via pública nesta região mostra-se limitado à transição entre espaços, são poucas ou nenhuma as procuras por locais exteriores, públicos, para qualquer uso. Devido ao tráfego viário presente na estrada nacional, compreende-se a falta de relações e de usos em espaços adjacentes a esta, contudo, também as ruas interiores se apresentam despovoadas. As relações interpessoais parecem estar dissociadas da noção de vizinhança e comunidade, ou esta está realmente a dissipar-se.

A estrada nacional apresenta maior movimento pedonal, ainda que pouco ou nenhum se torne num momento de reunião, além do movimento viário mais frequente e rápido. Associada a parcelas comerciais e de serviços, é um espaço de passagem, uma **passagem rápida**. Cafés e alguns pontos de comércio local abertos sobre a via pública são a procura de quase qualquer transeunte.

As ruas secundárias, mais interiores, calmas, estreitas, parecem servir como espaços de encontros, jogos, conversas, etc. Devido à sua largura, contraposta às medidas uma sala de estar corrente, confere a este troço um espaço confortável de estar. Contudo, os seus habitantes parecem atribuir-lhes apenas um carácter de transição. Os limites de propriedades podem servir como definição do tipo de espaço que é criado. Talvez por muitos deles serem totalmente opacos e relativamente altos, **não funcionam como promotor de atração ao exterior ou como objeto de uso**, como para sentar.

Os muros de contenção de terras regularmente visíveis nesta faixa territorial retratam uma necessidade humana sobre o território, que desde sempre implicou a **transformação e modelação do solo**, trata-se de um processo que decorre da necessidade de construir abrigo, infraestruturas e solo trabalhável. Muitos dos limites de propriedades são indissociáveis de ações na topografia que procuram disponibilizar solo produtivo. Por esse motivo ir-se-á proceder ao estudo da topografia do território.



Travessia pedonal sobre a estrada nacional



Venda de produtos locais perante a estrada nacional



Espera pelo autocarro como momento de pausa na estrada nacional



Travessia pedonal sobre a estrada nacional



Espera para entrar em propriedade perante barreira visual opaca



Travessia pedonal sobre rua secundária



Rua interior que serve propriedades habitacionais, despovoada



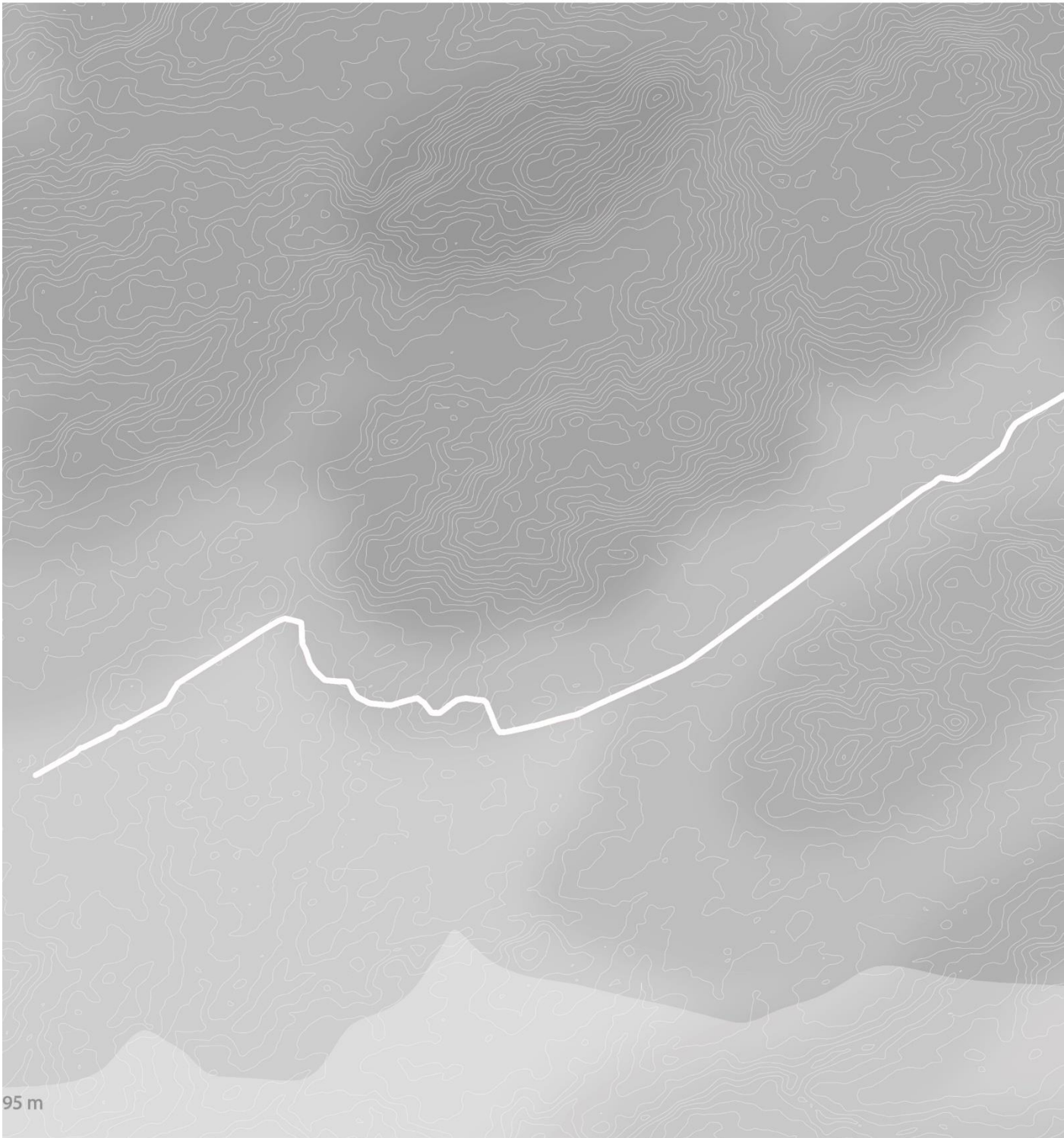
Rua interior que serve propriedades habitacionais, despovoada



Rua interior que serve propriedades habitacionais, despovoada

FIGURA 17_ USOS DA VIA PÚBLICA NESTA REGIÃO

2.1.1_ Topografia



95 m

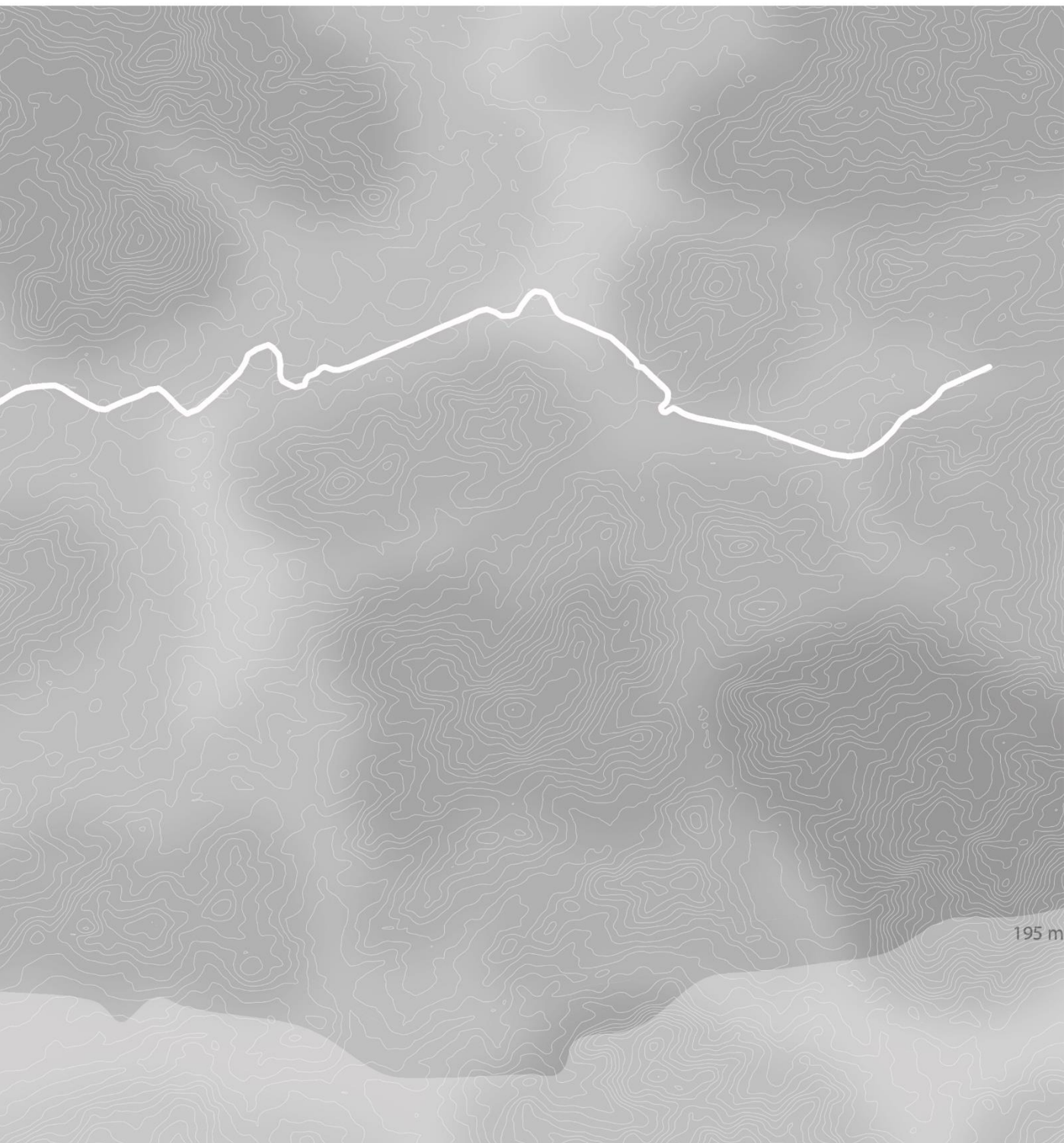


FIGURA 18_ TOPOGRAFIA DA FAIXA TERRITORIAL EM ESTUDO, ESC. 1:20 000

A faixa territorial em estudo apresenta uma topografia de grande variabilidade, mas sem cotas muito díspares. Esta porção da estrada nacional EN206 desenvolve-se de forma oscilante entre as cotas 95m e 195m, atravessando **espaços edificados que se misturam com solos agrícolas mais férteis**.

Associada ao sistema parcelar, à definição de propriedades, e à necessidade de criar solo facilmente trabalhável, **solo agrícola plano**, identificam-se muros de contenção de terras, nos quais se destaca a dupla função de delimitar a propriedade e viabilizar a exploração agrícola. O “muro” nasce, portanto como resposta à topográfica local existente, viabilizando a estabilidade local, facilitando o trabalho do solo em busca de alimento.

Este tema surge como resposta à topografia existente, através da intervenção humana, os muros de contenção de terra são várias vezes **deslocados até à periferia da estrada nacional**, como tal, são um elemento muito importante e presente na travessia deste troço. A topografia confere aos muros uma função principal fundamental, obter solo plano e trabalhável, em muitos outros lugares a sua função é menos clara, pelo menos não é plenamente cumprida, quer se fale de privacidade ou segurança, este tema irá ser alvo de definição para com o trabalho posterior.



FIGURA 19_ MUROS DE CONTENÇÃO DE TERRA





FIGURA 20_ LONGOS E REPETIDOS MUROS DISPERSOS CRIANDO SOLO PLANO, REQUIÃO, ESC. 1:2000

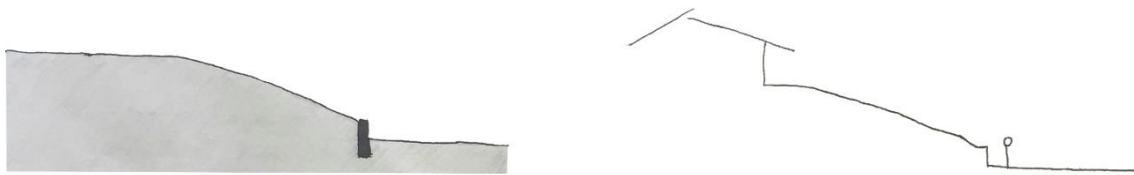


FIGURA 21_ FUNÇÃO E INFLUÊNCIA DOS MUROS DE CONTENÇÃO DE TERRAS NA COMPOSIÇÃO ESPACIAL



FIGURA 22_ PERCEÇÃO DE PROPRIEDADES EM TERRENOS ELEVADOS À COTA DA VIA PÚBLICA

Dado que os muros de contenção de terra são estritamente necessários, as permeabilidades perante as propriedades serão analisadas tendo em conta o início da cota do seu terreno, ou seja, será contabilizada a decisão de quebrar, ou não, a visão perante a propriedade, estando ou não numa **posição favorecida perante os raios visuais**. Os terrenos de propriedades que estão a uma cota superior à via adjacente funcionam automaticamente como resguardo e afastamento de olhares diretos, dado que estão numa posição privilegiada em comparação com a envolvente mais baixa. Visto que o nível do olhar tende a estar compreendido entre a altura do observador e o chão, as zonas comerciais e sociais apresentam-se nos pisos térreos, procurando serem mais facilmente vistas. Assim, dado este resguardo, automaticamente diminuindo possíveis olhares exteriores, as propriedades deste tipo tendem a não usar barreiras visuais adicionais nos seus limites.

2.1.2_ Aprofundar e organizar o olhar sobre os limites de propriedade

Na faixa de território em estudo foram identificadas duas amostras de forma a possibilitar o aprofundamento da investigação. Através de um trabalho de levantamento, procedeu-se à representação, na escala 1:2000, dos vários **níveis de permeabilidade**, uma escala que permite uma adequada representação dos espaços analisados e uma fácil incorporação no corpo do trabalho, assegurando uma maior continuidade e articulação entre a informação gráfica e escrita.

Este trabalho incidirá sobre os níveis de permeabilidade visual e as consequentes implicações nas relações interpessoais, é através desta perspetiva que se olha também para os limites de propriedades que são definidos ou contêm vegetação, gradeamentos, redes, ou similar.

Posteriormente, ir-se-ão selecionar duas áreas, no interior das quais se procura caracterizar a relação que, a partir da rua, habitantes e/ou visitantes estabelecem com a zona e com o território.

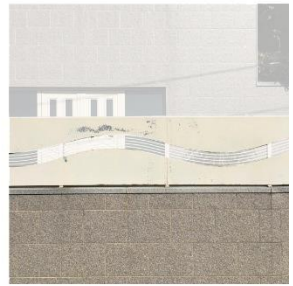
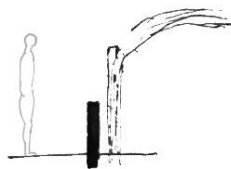
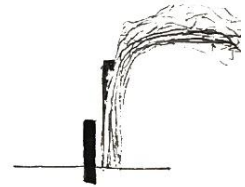
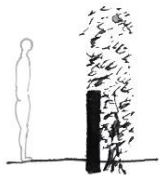
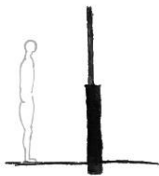
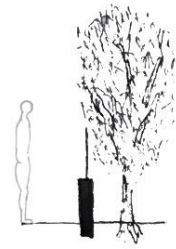




FIGURA 23_ DIVERSIDADE DE LIMITES DE PROPRIEDADES PRESENTES NAS AMOSTRAS



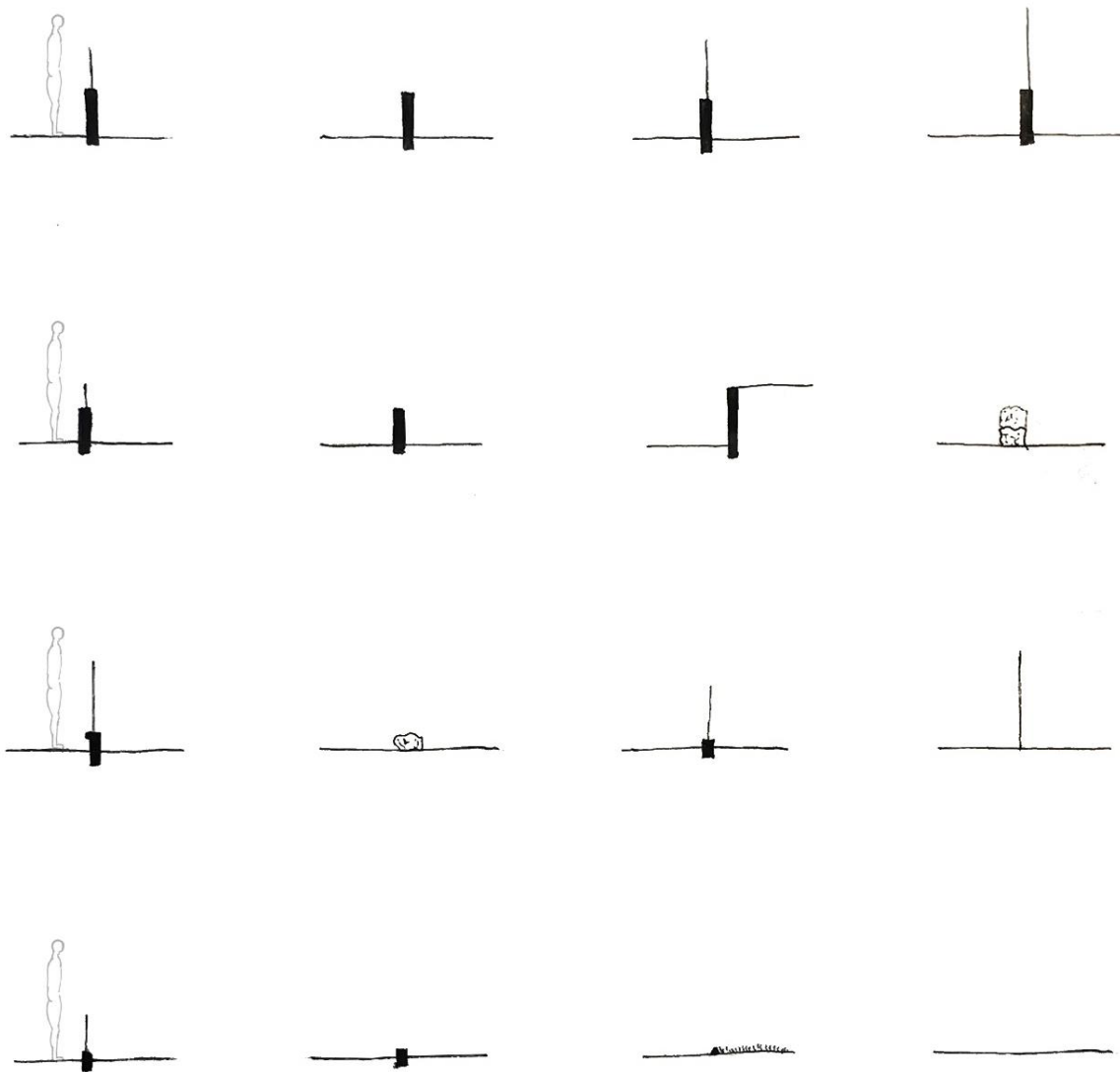


FIGURA 24_ SECÇÕES DOS TIPOS DE LIMITES DE PROPRIEDADES PRESENTES NAS AMOSTRAS

Com o objetivo de aprofundar a análise, foram identificados **quatro tipos de limites de propriedade** e procurou-se desenvolver uma representação da amostra que evidencie as diferenças decorrentes dos seus níveis de permeabilidade. Foram identificados 4 tipos – do menos ao mais permeável – considerando-se os níveis de permeabilidade resultantes do olhar que partindo do observador se estende na horizontal.

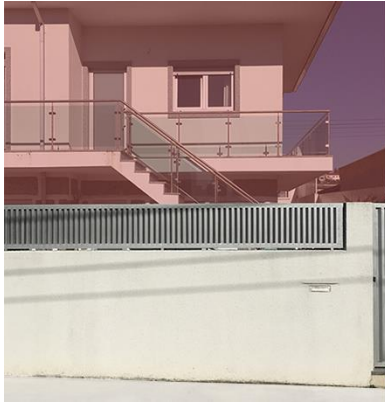
Esta organização de tipos de limites de propriedades tem a ver diretamente com o seu nível de permeabilidade, independentemente do material ou materiais que os constitui, desde alvenarias ou elementos metálicos à própria vegetação que, premeditadamente ou não, muitas vezes é apresentada.

Visão nula – tipo 1_ uma barreira que bloqueie o olhar totalmente sobre o terreno da propriedade, tendo uma altura significativamente maior que um transeunte, no limite bloqueia a visão perante esta;

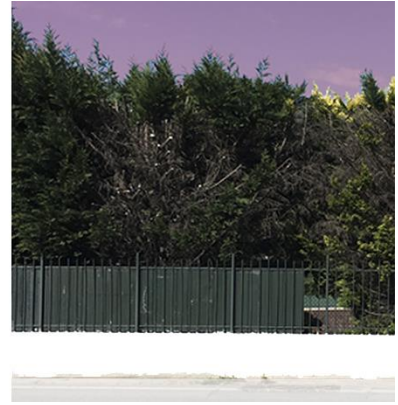
Visão escassa – tipo 2_ uma barreira que permita a visão apenas a partir do nível do olhar;

Visão parcial – tipo 3_ uma barreira que permita o olhar quase total, mas que crie e define uma divisão física entre público e privado, que possa até promover ações interpessoais;

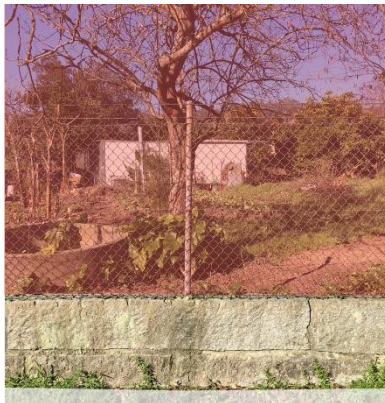
Visão total – tipo 4_ uma barreira visualmente nula, que possa, ou não, dividir o exterior e o interior fisicamente.



Tipo 1



Tipo 2



Tipo 3



Tipo 4



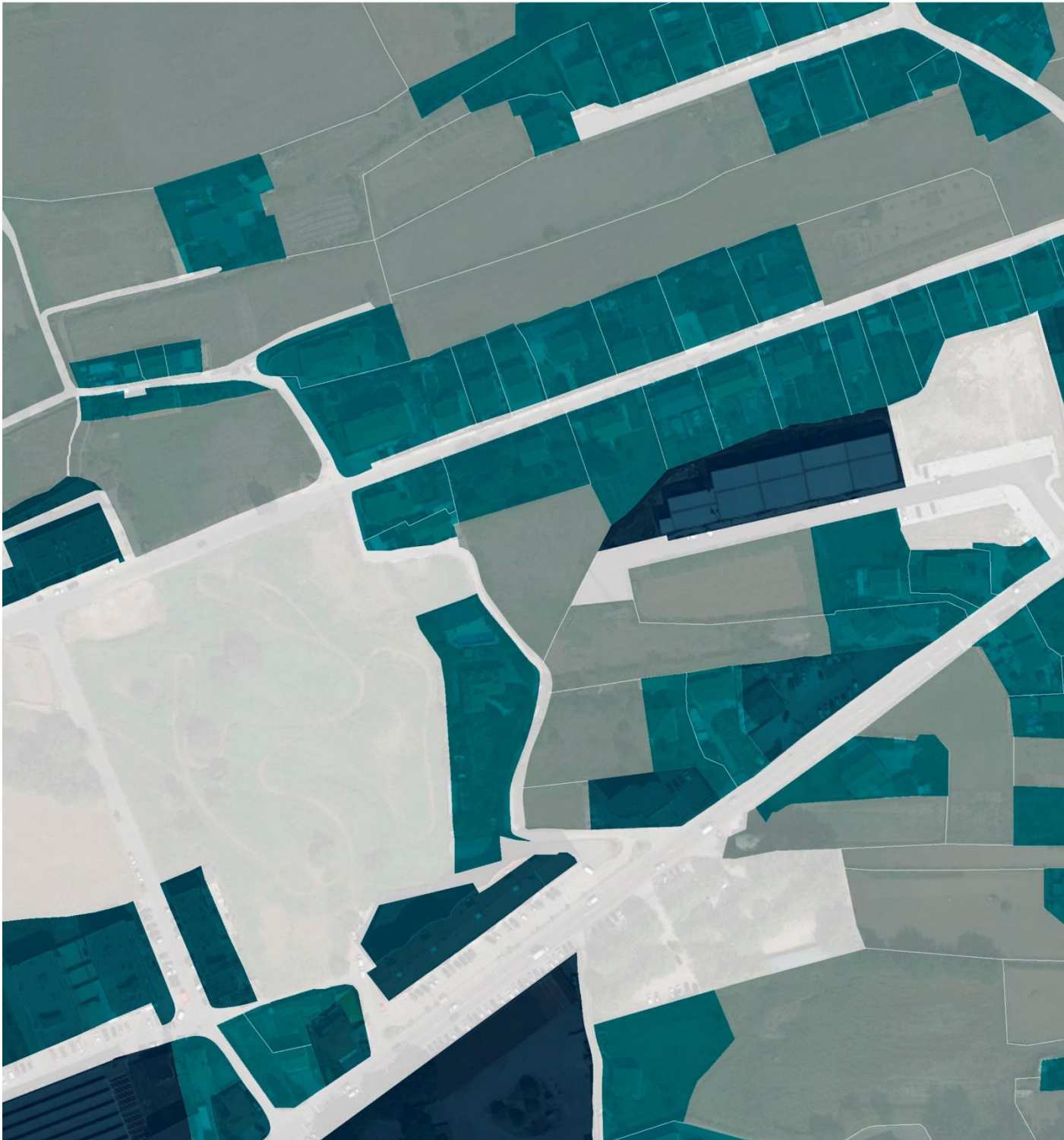
FIGURA 25_ ORGANIZAÇÃO DA PERMEABILIDADE DOS LIMITES DE PROPRIEDADE EM 4 TIPOS

2.2_ Amostra I_ um lugar disperso, de pequenas parcelas e múltiplos usos





FIGURA 26 - ORTOFOTOMAPA DA AMOSTRA I, JOANE, ESC. 1:2000



- Parcelas agrícolas
- Parcelas habitacionais
- Parcelas sociais/comerciais
- Parcelas industriais



FIGURA 27_ ESTRUTURA PARCELAR DA AMOSTRA, ESC. 1:2000

O estudo desta amostra procura entender se neste tipo de terreno bastante edificado há algum tipo de relações, padrões ou constantes na forma de delimitar as propriedades, nomeadamente na estrada nacional, nas ruas de acesso à nacional, bem como na restante infraestrutura viária.

Nesta amostra há a presença de vários **padrões urbanos** definidos como parcelas habitacionais, agrícolas, comerciais, industriais e baldias que dão origem a um território mesclado. Apesar de à primeira vista os tipos de parcelas estarem misturados entre si, é perceptível um maior destaque de parcelas habitacionais e agrícolas intercaladas. Estas apresentam-se com maior expressividade em terrenos mais interiores, adjacentes a ruas secundárias, permitindo a criação de **conjuntos habitacionais** mais compridos e a ligação destes com campos agrícolas.

As parcelas destinadas a comércio e serviços estão predominantemente localizadas junto à estrada nacional ou nas ruas de acesso mais próximas, procurando um contacto direto, prático, com uma maior afluência de transeuntes.

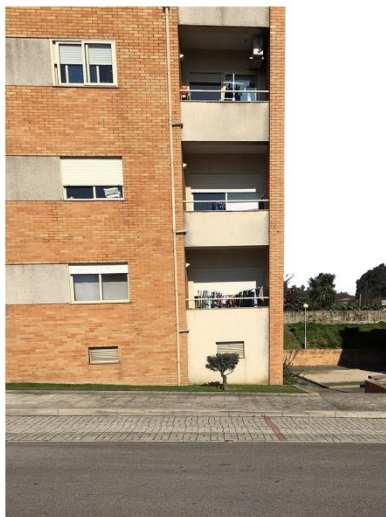
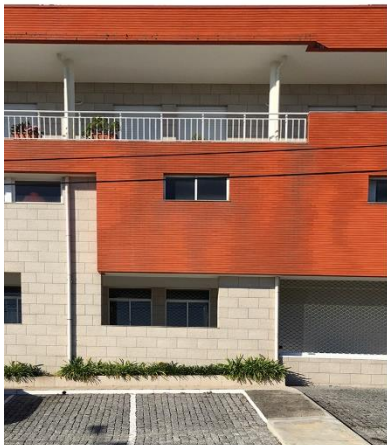
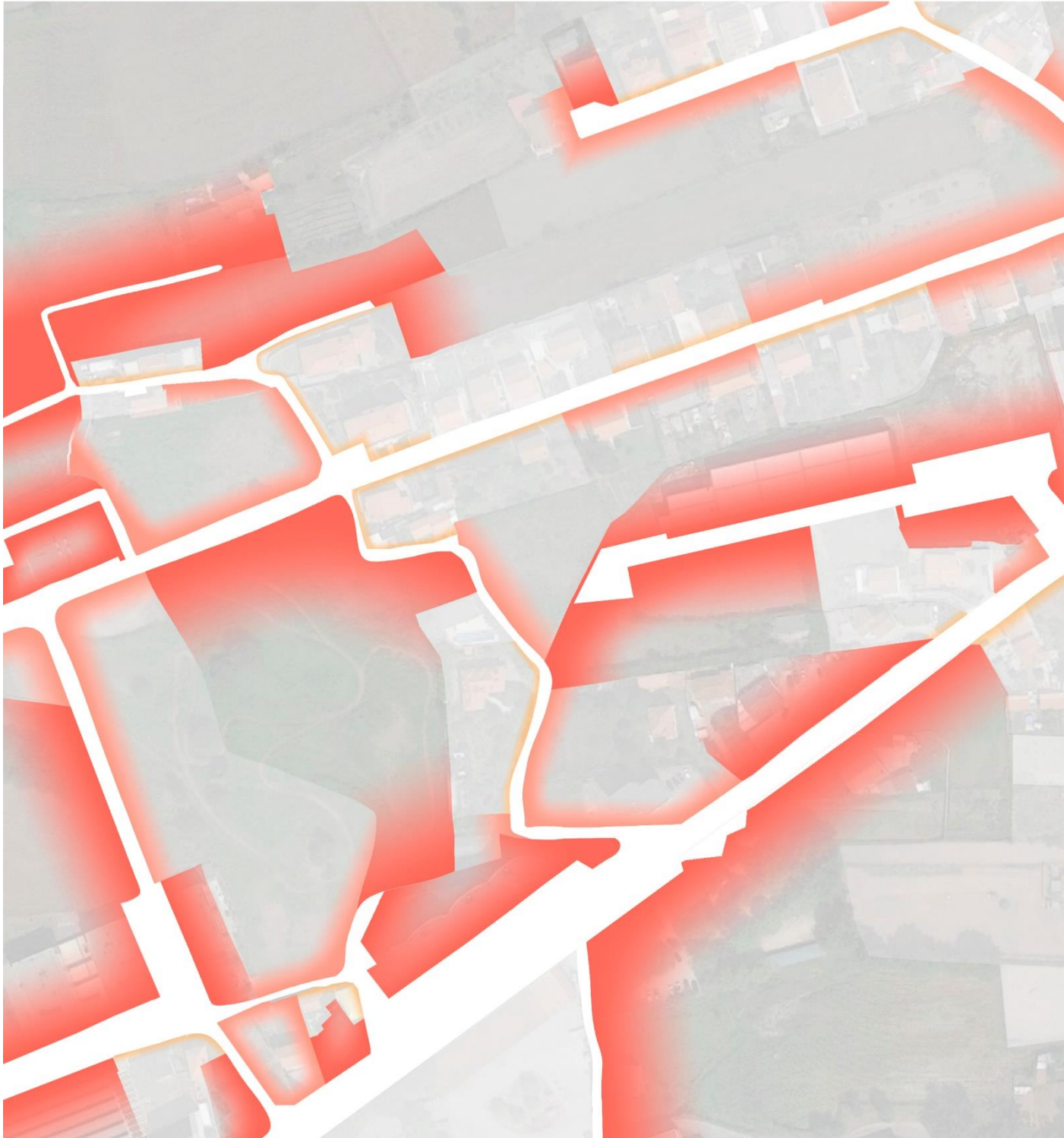


FIGURA 28_DIVERSIDADE TIPOLOGICA; TERRENO BALDIO, HABITAÇÃO ANTIGA, HABITAÇÃO CONTEMPORÂNEA, INDÚSTRIA/COMÉRCIO, HABITAÇÕES SOCIAIS

2.2.1_ A permeabilidade dos limites de propriedades no espaço privado



- Limite de propriedade tipo 1
- Limite de propriedade tipo 2
- Limite de propriedade tipo 3
- Limite de propriedade tipo 4



FIGURA 29_ PERMEABILIDADE DOS LIMITES DE PROPRIEDADES NO ESPAÇO PRIVADO, ESC. 1:2000

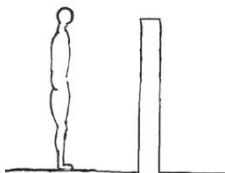
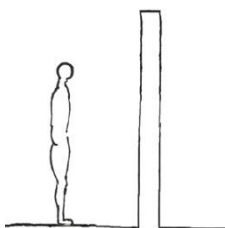
Este desenho permite obter uma visão deste território menos caótica/fragmentada, desvendando conjuntos ou porções de território, nas quais parece dominar uma determinada forma de delimitar a propriedade. Forma essa que, inevitavelmente, traduz um espaço urbano cujas características podem **interferir com o cotidiano** da população, que podem ser uma mais valia, um fator de diferenciação.

Dependendo do tipo de barreira visual que cada limite de parcela apresenta, definidos anteriormente, são projetados, na amostra, manchas sobre o interior destas, refletindo os tipos de barreiras visuais que apresentam. Desta forma, o tipo de barreira 1, que bloqueia o olhar totalmente, apresenta-se com a cor mais clara, sem mancha de permeabilidade sobre as propriedades, da mesma forma, o tipo de barreira 4 apresenta-se com o tipo de cor mais escuro, com a maior mancha representativa da permeabilidade sobre os terrenos.

O primeiro impacto sugere que os vários tipos de barreiras estão intercalados, revelando uma mistura de ideias próprias independentes da envolvente. Também é de destacar que, dado que os vários tipos aparecem mesclados, o livre-arbitrio dado pelo **entendimento pessoal de privacidade de cada um é um fator importante** na sua escolha. Dando origem a uma miscelânea de diferenças intercaladas, reflexo das diferenças individuais de cada um.

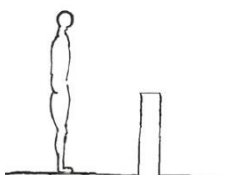
Dado que as propriedades ligadas a ramos de comércio e serviços se apresentam em maior destaque à cota da estrada nacional, é de notar a ausência de várias barreiras visuais nestes casos, ao contrário das parcelas habitacionais intercaladas com estes, erguendo fortes barreiras visuais, tentando evitar excessivos olhares exteriores devido à **forte afluência** que o comércio e os serviços geram.

Tipos 1 e 2



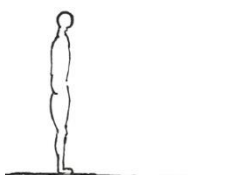
Na amostra os limites de propriedade do tipo 1 e 2 são os menos frequentes. Surgem de forma aparentemente casuística e estão predominantemente associados a parcelas habitacionais, parcelas estas que geralmente apresentam **casas mais recentes** e de maior valor monetário. Entende-se que o **valor da propriedade**, a condição económica de quem a habita pode interferir com o modo de se relacionar com o domínio público, definido como uma diferenciação do exterior, através da quebra de visão, criando um mundo próprio definido por si mesmo, também possa estar presente no momento de decisão do tipo de barreira perante o exterior que se queira criar.

Tipo 3



É o mais frequente e surge de forma dispersa por toda a amostra, com uma preferência pelas ruas secundárias, que apresentam um ambiente mais calmo, caracterizado pela **presença de uma vizinhança própria e bem definida**, com significativo número de campos de cultivo.

Tipo 4



Têm grande **presença na amostra**, tanto na estrada nacional, da qual decorrem atividades sociais, sejam comerciais ou habitações sociais, como agarrado às ruas secundárias, geralmente definindo terrenos baldios ou cultivados.

2.2.2_ A permeabilidade dos limites de propriedades na via pública

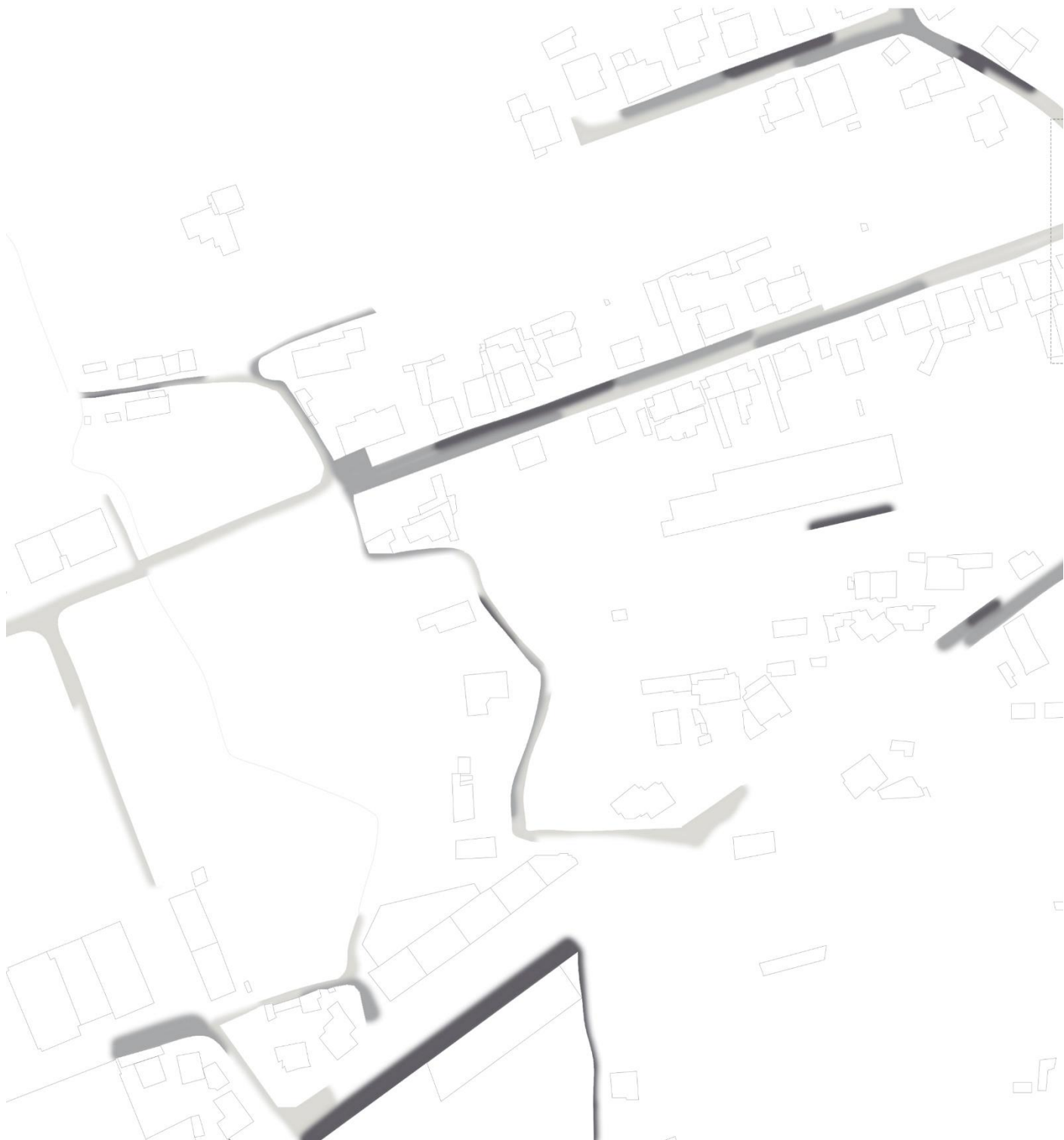




FIGURA 30_ INFLUÊNCIA DOS NÍVEIS DE PERMEABILIDADE NA VIA PÚBLICA, ESC. 1:2000

Pretende-se entender de que forma a opacidade exercida pelos limites de propriedades se reflete na via pública, perceber se há destaque de elementos com grande opacidade ou permeabilidade nesta amostra, e como se organizam, entendendo se há um padrão de abordagem das ligações entre ruas secundárias e a estrada nacional, e vice-versa. Numa vista mais alargada, permite perceber o tipo de relações e alcances visuais a uma escala territorial identificando zonas de diferentes tipos de permeabilidade localizados.

Comparativamente ao desenho de permeabilidade sobre as propriedades, permite perceber o reflexo que a opacidade das barreiras tem sobre a via pública, ou seja, o quanto **limita ou permite o olhar a região**, clarificando a imposição de zonas mais encerradas sobre si visualmente, ou a possibilidade de alongar o alcance visual regionalmente.

Dependendo do tipo de barreira visual que cada limite de propriedade apresente, são projetados nas ruas tons de cinza que procuram mostrar o que estas abordagens implicam no exterior. O tipo de barreira 1 corresponde ao tom de cinza mais escuro e o tipo 4 corresponde ao tom de cinza mais claro.

Devido à mistura de tons de cinza ao percorrer qualquer rua, em particular a estrada nacional, a passagem por esta amostra de terreno não concebe um tipo específico de influência. Neste caso, a mistura é tal que **não define um tipo geral de abordagem** ao terreno.

Há um predomínio de tons de cinza claros, fazendo corresponder a barreiras com baixa opacidade perante as propriedades, analisando os tipos de propriedades que estes circunscrevem percebe-se que há uma grande dominância em locais de cultivo, terrenos baldios, locais sociais e em vizinhanças bem definidas, marcadas por ruas compridas.

As manchas mais escuras aparecem pontualmente em vários pontos da amostra, aliadas a tons de cor similares, mostrando que os níveis de opacidade perante as propriedades tendem a aumentar ou diminuir suavemente. É de notar que acontecem com maior intensidade nos momentos de **transição entre ruas** de/para zonas habitacionais, em entroncamentos e cruzamentos. Também há a percepção de que a **largura das ruas** influencia o tipo de cor, tendendo a escurecer em momentos mais estreitos, uma vez que estas são quase sempre mais antigas, construídas à face da via pública.

2.2.3_ A influência dos limites de propriedade na identidade de cada lugar

Através da análise da amostra, ir-se-ão destacar características e temas de maior destaque que devem ser tidos em conta na análise dos vários locais e que projetam ambientes diferentes, percebendo para que servem e como resultam no espaço.

Durante a recolha de informação no local e após a análise dos limites de propriedade, identificaram-se três tipos de ocasiões/ambientes gerais, caracterizando-os como:

- a) lugares de transição;
- b) lugares de tensão;
- c) lugares de abertura visual.

a) lugares de transição

As propriedades situadas em entroncamentos, formando uma curva nas ruas de acesso às zonas linearmente habitacionais, erguem barreiras visuais eficazes. Ao desfazer a curva com o carro, meio de transporte mais usado, reduzindo a velocidade, os habitantes podem sentir que há um **maior aliciamento de olhares exteriores**. Estes espaços de transição de reduzida permeabilidade permitem **acentuar o contraste** entre um interior predominantemente habitacional, e um exterior bastante mais diversificado nos usos e tipologias, momentos em que a ideia de comunidade pode sair reforçada.

Esta ação tem efeitos positivos tanto perante a própria propriedade quanto perante o coletivo habitacional em que se insere. Esta barreira visual mais eficaz, além de tender a separar os olhares exteriores sobre a sua propriedade, serve como uma barreira de toda a vizinhança para um exterior mais público do que a rua de acesso às habitações.

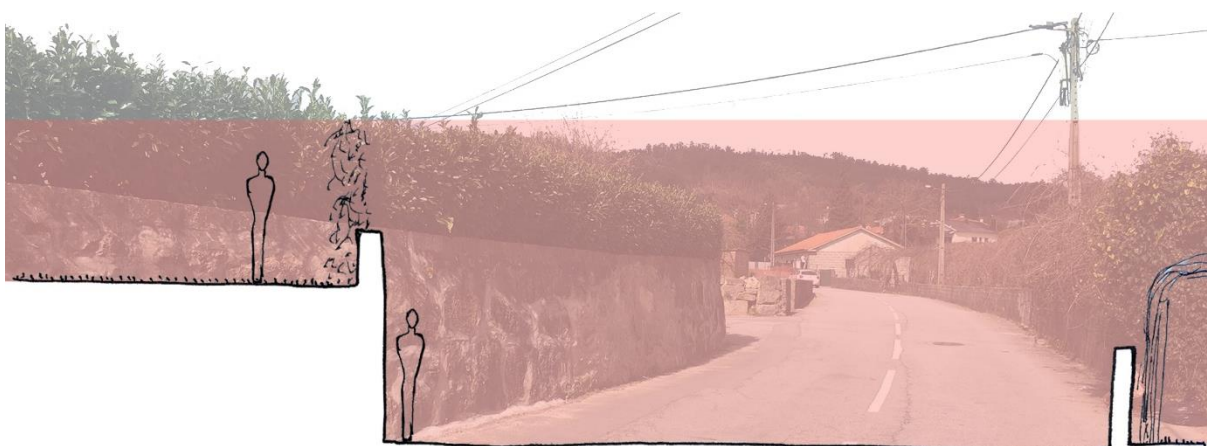
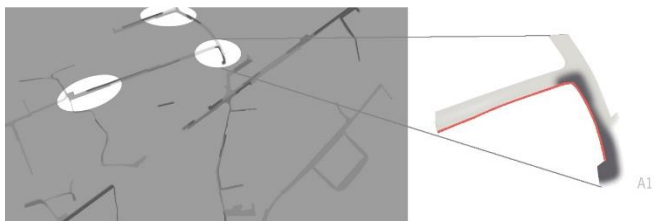


FIGURA 31_ CONSEQUÊNCIAS, NA VIA PÚBLICA, DA DIFERENÇA DO BLOQUEIO VISUAL NA TRANSIÇÃO ENTRE O INTERIOR E EXTERIOR DE UMA ZONA HABITACIONAL

b) lugares de tensão

Também nas ruas mais estreitas da amostra há um destaque de barreiras visuais mais eficazes. Por um lado, pode criar a ideia de proteção e conforto, como uma sala comprida, mas o facto de ser uma rua, a passagem de automóveis, retira o conforto de que podia ser alvo. Da mesma forma que há uma maior proximidade entre as próprias casas, também pode haver a necessidade de criar um elemento que ajude a distanciar visualmente a proximidade física entre estas. Este momento funciona como uma definição de espaço próprio, contudo o seu reflexo na via pública é **fechado e isolado**, podendo criar ambientes mais obscuros na rua de acesso a casa.

“Na estrada do Alentejo quase não há Rua da Estrada porque, se não passa quase ninguém na estrada, também não haverá muita razão para que lá apareçam coisas.”¹⁶ Criando uma analogia entre ‘apareçam coisas’ e ser usada e habitada porque ‘não passa quase ninguém’, o facto de existir a ausência de vida num local torna-o instintivamente “morto”. Em ambos os ambientes parece existir um vazio, um vazio decorrente da ausência de relações transversais, neste caso, a reduzida permeabilidade dos limites de propriedade torna a rua um espaço tenso, apertado no qual os fluxos ganham protagonismo e a permanência e as interações sociais se reduzem.

Esta prática nasce de uma crença pessoal e resulta numa diferenciação forte entre a propriedade e o local em que está, contribuindo para um **isolamento do exterior** sobre todas as propriedades, impedindo a visão sobre a própria rua. Na realidade, apesar de a necessidade de se afastarem visualmente sobre as propriedades vizinhas, dado que estão numa maior proximidade, não é tão significativa quanto isso uma vez que são sempre o primeiro plano a ter em vista. Caso não exista uma barreira visual entre estas, a diferença entre as distâncias seria praticamente nula.

¹⁶ A inerente relação e necessidade de vivência para que uma rua seja caracterizada como tal. (DOMINGUES, 2009, p. 244).

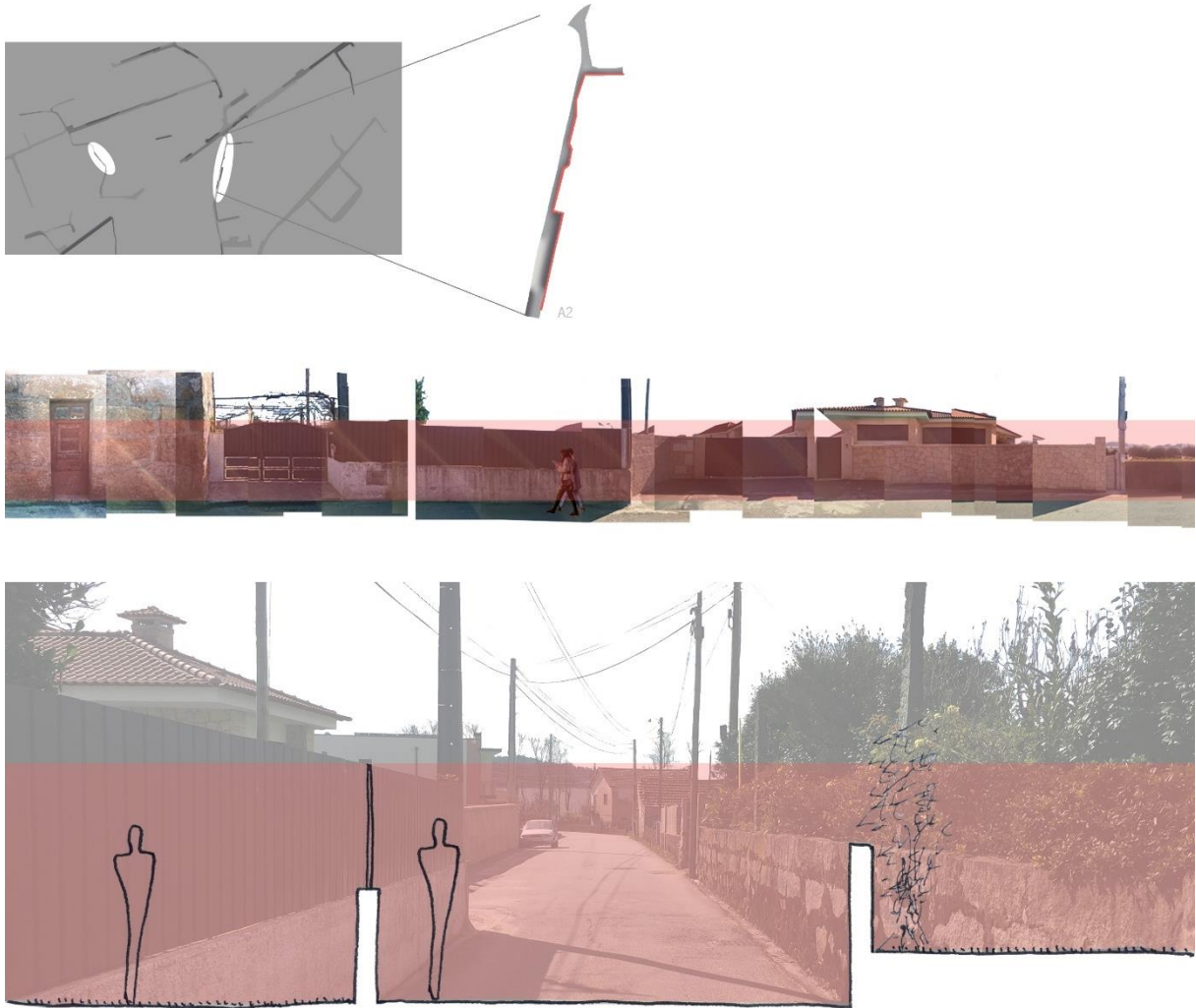


FIGURA 32_ CONSEQUÊNCIAS, NA VIA PÚBLICA, DO AUMENTO DO BLOQUEIO VISUAL PERANTE UMA RUA MAIS ESTREITA

Com a análise destes dois temas entende-se que, em geral, quando a vizinhança de cada casa/propriedade é bem definida, com uma rua usada primordialmente pelos próprios habitantes da zona, os limites de propriedades são menos impactantes e os níveis de permeabilidade aumentam, **aceitando a presença de pessoas conhecidas no mesmo campo visual**, criando uma noção de vizinhança e vivência num mesmo espaço.

Nota-se ainda, a ausência de barreiras visuais perante zonas comerciais ou sociais, como prédios habitacionais, que comportam até algum comércio no rés-do-chão, procurando exibirem-se perante o público, tratando-se de atividades que necessitam exposição para resultarem.

Quanto às propriedades que comportam habitações unifamiliares, vários casos não apresentam necessidade de repulsa perante olhares exteriores, exceto em momentos que se sinta que estes sejam controlados ou conhecidos. Quando nas proximidades ou imediações de quaisquer zonas de serviços, devido à maior afluência de transeuntes nessas ruas, os limites de propriedades habitacionais tendem a aumentar a opacidade, pelo aumento significativo de olhares exteriores.

O estreitamento de ruas, criando uma proximidade entre propriedades e casas, também serve como promotor de barreiras visuais mais eficazes. Por fim, as propriedades presentes em locais de acesso a zonas habitacionais tendem também a aumentar a opacidade dos seus limites, havendo tanto uma exposição perante um exterior imediato que não é “próprio”, como um aumento de tempo de passagem pelas propriedades. Ou seja, **momentos de maior afluência, proximidade de propriedades ou abrandamento de marcha tendem a criar um corte visual mais eficaz**, como se observam os limites de propriedades de habitações em curvas, espaços de transição, ou próximos a locais com maior afluência.

c) lugares de abertura visual



FIGURA 33_ VISÃO TERRITORIAL

Através da análise destes locais, foi clara a percepção de zonas que permitem uma visão um pouco mais alargada do território, uma visão que vai para lá do espaço da rua e das parcelas por ela servidas. Este acontecimento é possível através de uma maior permeabilidade de vários limites de propriedades contínuos.

Devido ao facto de haver uma “(...) diversidade tipológica e funcional de tudo quanto aparece pela estrada fora.”¹⁷, a informação excessiva pode tornar-se demasiada, tornando o ambiente na via pública um pouco confuso e agressivo. A partir desta premissa, o facto de haver momentos de maior abertura visual pode ajudar a entender o espaço onde se está e a **localizar-se** pela posição relativamente a uma envolvente mais alargada.

¹⁷ O excesso de informação que a rua expõe a quem a usa. (DOMINGUES, 2009, p. 15).

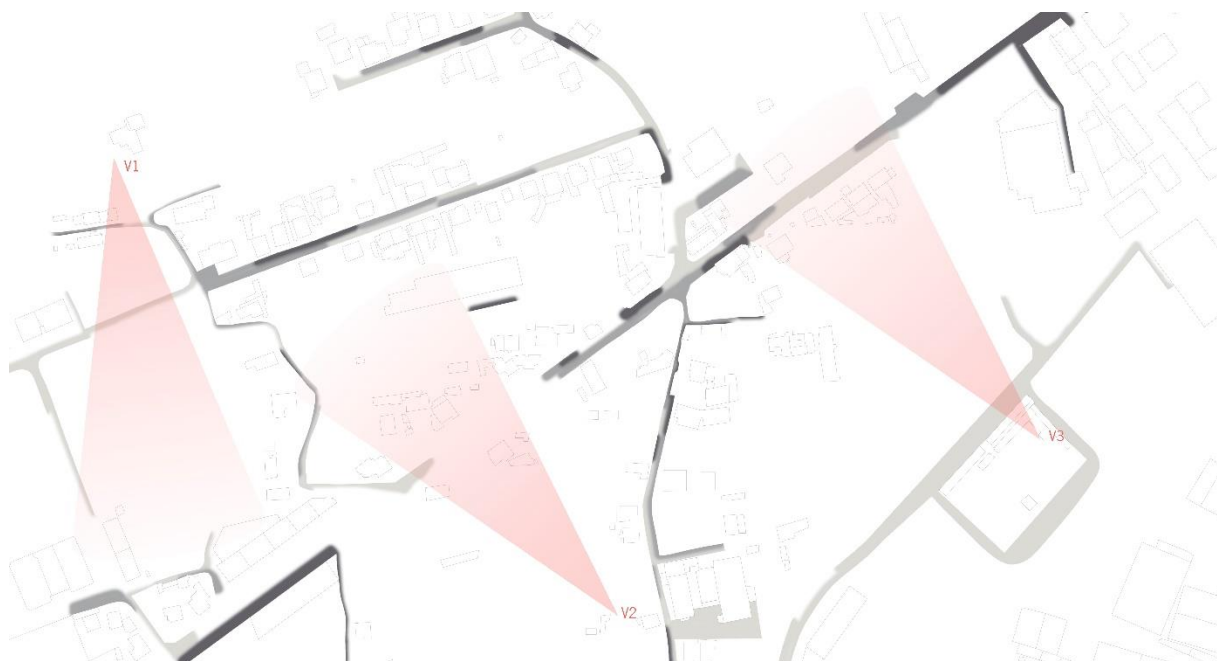


FIGURA 34_ RAIOS VISUAIS TERRITORIAIS, ESC. 1.4000

Este desenho pretende entender os momentos em que o campo visual consegue atravessar grandes parcelas da amostra. Estas situações visuais são pontuais, ocorrem consoante a permeabilidade de limites de terreno consecutivos.

Através destes momentos, dá-se a percepção de continuidade do terreno em que se está, desvendando o que está além, contribuindo para uma **compreensão mais ampla do território**. Estes raios visuais são também facilitados pelos vários campos agrícolas existentes pela amostra, dado que a necessidade de bloqueio visual sobre estes locais é menor/nula, a relação dos campos agrícolas entre as zonas habitacionais contribui também para uma **unificação territorial**. O avistamento de elementos distantes confere uma noção de relação desses elementos com quem os vê, distantes, mas permanentemente presentes no mesmo campo visual.

Estes espaços de grande permeabilidade visual podem funcionar como corredores que possibilitam uma elevada leitura do território. De certa forma asseguraram uma leitura do território mais complexa, que considera a diversidade de escalas e os vários níveis de profundidade visual, de vários planos.



V1



V2



V3

FIGURA 35_ VISTAS TERRITORIAIS ATRAVÉS DA PERMEABILIDADE DOS LIMITES DE PROPRIEDADES

2.3_ Amostra II_ um lugar de menor densidade, maiores parcelas e usos uniformes





FIGURA 36_ ORTOFOTOMAPA DA AMOSTRA II, REQUIÃO, ESC. 1:2000



- Parcelas agrícolas
- Parcelas habitacionais
- Parcelas sociais/comerciais
- Parcelas industriais



FIGURA 37_ ESTRUTURA PARCELAR DA AMOSTRA, ESC. 1:2000

O estudo desta segunda amostra procura entender se há algum tipo de relações particulares ou correlacionais entre este tipo de terreno significativamente menos construído que o terreno da primeira amostra. O domínio da mancha mais clara significa a vasta área de campos agrícolas e terrenos florestais/rurais. As manchas de cor mais escura correspondem às edificações construídas neste local. Apercebe-se que as edificações foram construídas sempre adjacentes a terrenos já edificados, formando **núcleos habitacionais**, apresentando processos de dispersão urbana menos evidentes.

Além das parcelas agrícolas e rurais, também neste tipo de terreno menos edificado, ocorre o aparecimento de maiores manchas de parcelas habitacionais, estas manchas representam **propriedades mais extensas**, comparativamente à primeira amostra. Estes casos têm um aparecimento muito maior neste tipo de terrenos, funcionando como locais que permitam a compra de terrenos maiores ou terrenos que **foram sido herdados** num curso familiar. As parcelas destinadas ao comércio e serviços permanecem contíguas à estrada nacional.

Também relativamente à estrutura viária há uma diferença significativa perante a amostra I. Esta amostra apresenta uma largura da estrada nacional e da avenida adjacente bastante maior do que a respetiva estrada nacional na primeira amostra. Numa perspetiva inversa, as estradas secundárias desta amostra são consideravelmente mais estreitas, como que refletindo a falta de pensamento urbanístico para esta zona.

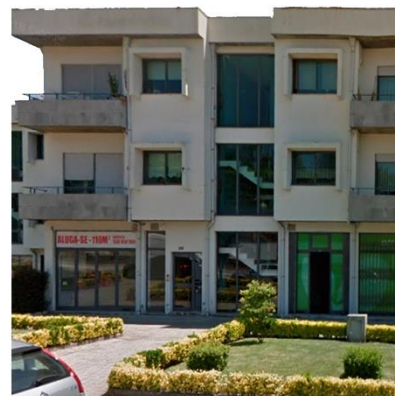
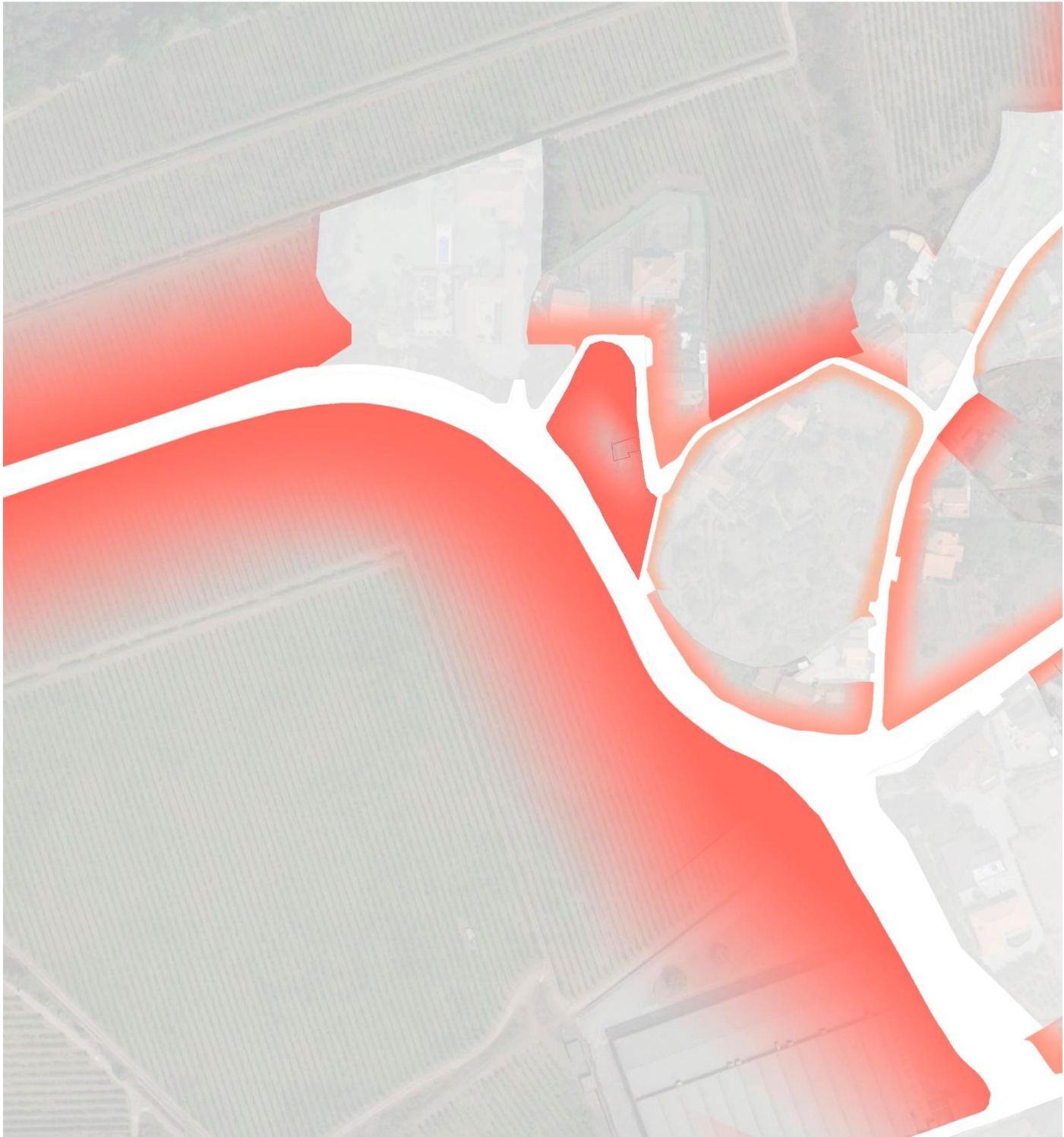


FIGURA 38_ VISTAS TERRITORIAIS, HABITAÇÕES ANTIGAS HABITAÇÕES CONTEMPORÂNEAS, HABITAÇÕES SOCIAIS

2.3.1_ A permeabilidade dos limites de propriedades no espaço privado



- Limite de propriedade tipo 1
- Limite de propriedade tipo 2
- Limite de propriedade tipo 3
- Limite de propriedade tipo 4



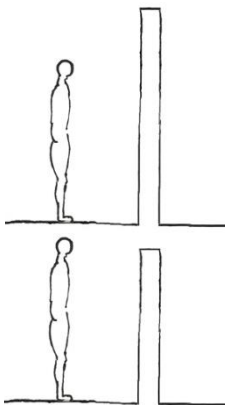
FIGURA 39_ PERMEABILIDADE DOS LIMITES DE PROPRIEDADES NO ESPAÇO PRIVADO, ESC. 1:2000

Como reflexo do aparecimento dos vastos terrenos agrícolas ou rurais durante o percurso viário desta amostra, aparecem neste desenho grandes manchas da mesma tonalidade, geralmente mais escuras, uma vez que os limites destes terrenos são geralmente **bastante permeáveis**, tanto pelo grande custo que eventualmente seria aumentar e/ou manter o seu bloqueio visual, como a não necessidade de o fazer.

Durante o percurso da estrada nacional, à exceção do aparecimento pontual de grandes terrenos habitacionais individuais que, criando um mundo próprio, erguem barreiras visuais eficazes e de um momento em que houve a necessidade de erguer também uma barreira visual eficaz perante uma barreira visual natural formada adjacente à estrada, todo o troço apresenta uma permeabilidade visual alta.

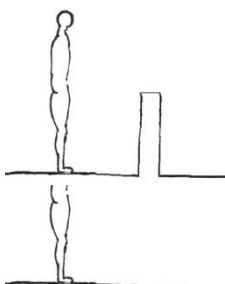
Em geral, os tipos 1 e 2 e, 3 e 4 aparecem juntos, localizados em momentos bem definidos, formando grandes momentos localizados de elevada e baixa permeabilidade.

Tipos 1 e 2



Estes tipos de limites de parcelas apresentam-se localizadas geralmente nas **ruas secundárias**. Contudo, há momentos pontuais em que ocorre o aparecimento destes tipos de barreiras visuais ao longo da estrada nacional ou da avenida, estes momentos representam as grandes propriedades que este terreno menos edificado apresenta e refletem-se em barreiras visuais mais eficazes.

Tipos 3 e 4



Estes tipos de limites de propriedades aparecem em grande continuidade ao longo do **percurso da estrada nacional**, refletindo tanto terrenos não edificados, geralmente com mancha mais clara, como propriedades habitacionais adjacentes à estrada nacional.

2.3.2_ A permeabilidade dos limites de propriedades na via pública



- Influência do limite tipo 1
- Influência do limite tipo 2
- Influência do limite tipo 3
- Influência do limite tipo 4



FIGURA 40_ INFLUÊNCIA DOS NÍVEIS DE PERMEABILIDADE NA VIA PÚBLICA, ESC. 1:2000

Há um predomínio de tons de cinza claros que representa a estrada nacional, facilmente identificável, aliada à sua maior largura, e momentos marcados por tons de cinza escuros geralmente ortogonais ou à parte deste troço viário, marcando os **acessos às zonas** habitacionais ou terrenos mais privados.

Como consequência, a passagem pelo tipo de terreno que esta amostra representa é facilmente destacada no percurso total da estrada nacional no território definido. Marcado sobretudo pelas baixas barreiras visuais, existe a **percepção de vários e vastos campos** ao longo da amostra, como momentos em que terrenos rurais aparecem perante a estrada nacional, momentos estes que tendencialmente não existem na passagem por territórios mais construídos.

Por sua vez, ao entrar nas ruas secundárias, ocorre um **afunilamento visual** tanto perante propriedades como perante a via em que se situa, traduzindo-se num ambiente totalmente fechado em si, funcionando como um caminho somente utilizados como acesso às habitações, provocando uma noção de percurso e não de zona de estar, parar e conviver.

2.3.3_ A influência dos limites de propriedades na identidade de cada lugar

Dado que esta amostra é significativamente diferente da primeira, destacam-se tanto diferentes temas como características similares neste tipo de local:

- a) permeabilidade geral regular;
- b) lugares de tensão;
- c) lugares de imposição de propriedades;
- d) lugar de resposta à envolvente;
- e) lugares de abertura visual.

a) permeabilidade geral regular

No geral, a estrada nacional apresenta uma grande permeabilidade para com as propriedades e casas adjacentes, isto deve-se a quatro pontos significativos. Dado que há menor número de edificações neste tipo de terreno, resultando num menor número de propriedades de carácter social e comercial, correspondendo a um menor número de afluência. Também as necessidades de quebra de visão são menores, aliado a um **baixo movimento pedonal** neste tipo de amostras, geralmente usado como caminho viário ou como passagem. As parcelas que apresentam um carácter social e/ou comercial estão localizadas em pontos centrais, formando um **conjunto de afluência localizado**, não atraindo os seus usuários para zonas mais habitacionais, ao par de também procurarem uma grande permeabilidade para com os seus estabelecimentos. Por fim, a largura desta via é significativamente maior que na porção de terreno mais edificado, conferindo bastante distancia, e como tal, privacidade quanto a olhares entre terrenos.

A falta de necessidade de se erguerem barreiras visuais eficazes resulta numa consequência altamente positiva, criando uma maior permeabilidade sobre a região, produzindo um ambiente de unicidade entre habitações, terrenos baldios e zonas sociais.

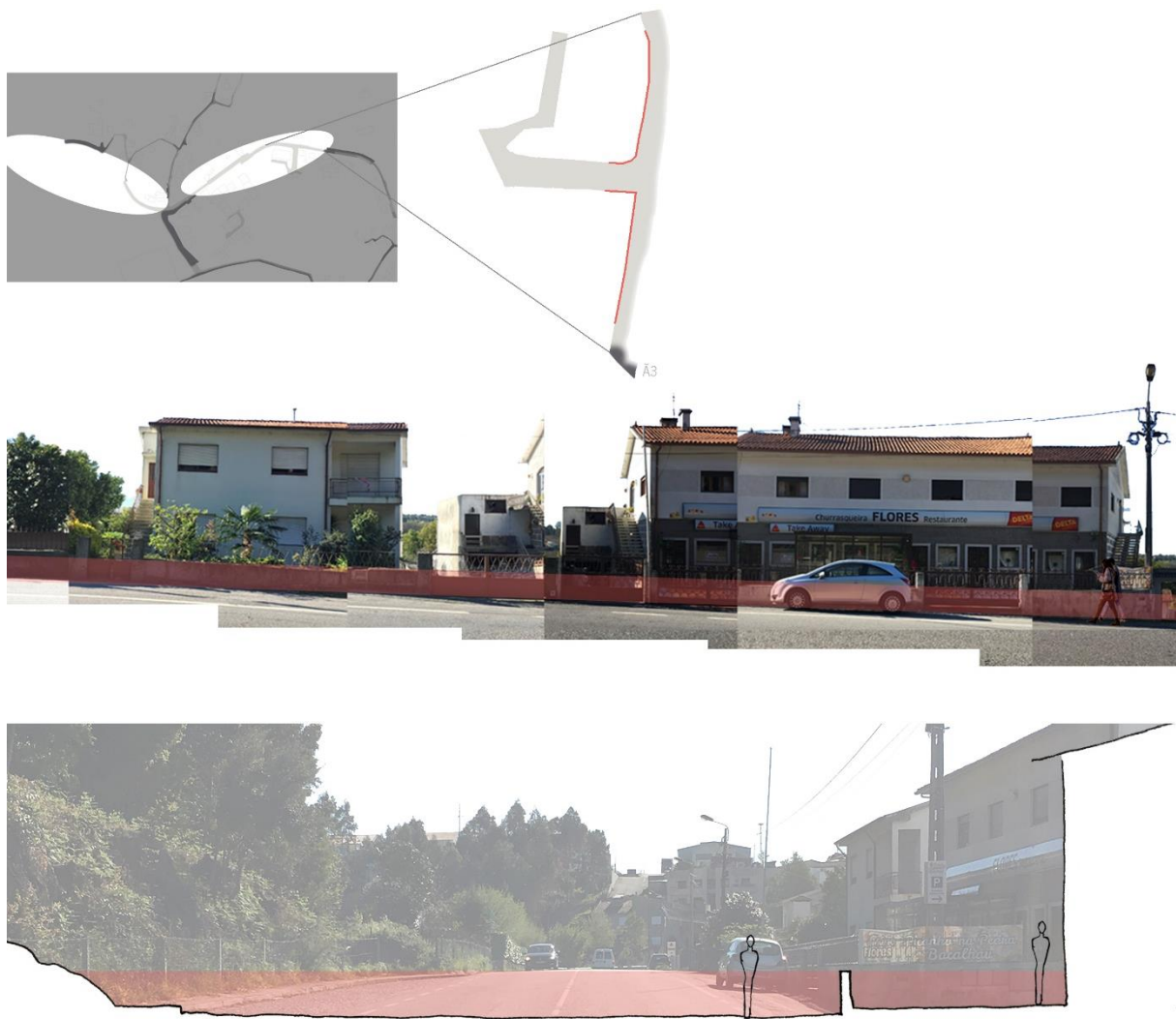


FIGURA 41_ CONSEQUÊNCIAS, NA VIA PÚBLICA, DE UMA MAIOR PERMEABILIDADE DOS ELEMENTOS LIMITADORES DE TERRENO

b) lugares de tensão

Esta amostra apresenta, acima de tudo, maior número de casas mais antigas, associado a parcelas habitacionais de maior área, comparativamente à primeira amostra. Como tal, também as vias de acesso a estas zonas habitacionais correspondem a um tipo de vias de características menos atuais, mais estreitas, e com limites de propriedades bastante fortes e opacos.

As ruas estreitas também recebem a mesma abordagem dos limites de propriedades que na primeira amostra, também causado pela proximidade das suas casas e propriedades, intensificado pelo seu uso pontual apenas dos habitantes das propriedades que as compõe, uma vez que dispersam da estrada nacional, a sua procura é menor/nula, o resultado é uma **desertificação das vias**, já que o carácter destas é de passagem, criado pelos elementos limitadores de propriedades de oposição ao exterior. O ambiente gerado nestas zonas pode ser opressivo, bloqueando totalmente uma visão mais alargada da região, despromovendo possíveis zonas de estar comuns nas comunidades que as usam.

Esta prática também existe na outra amostra. Dado que as características são idênticas, também a análise o é, o efeito resultante da abordagem dos limites de propriedades nestes momentos pode criar ambientes mais fechados, pesados.

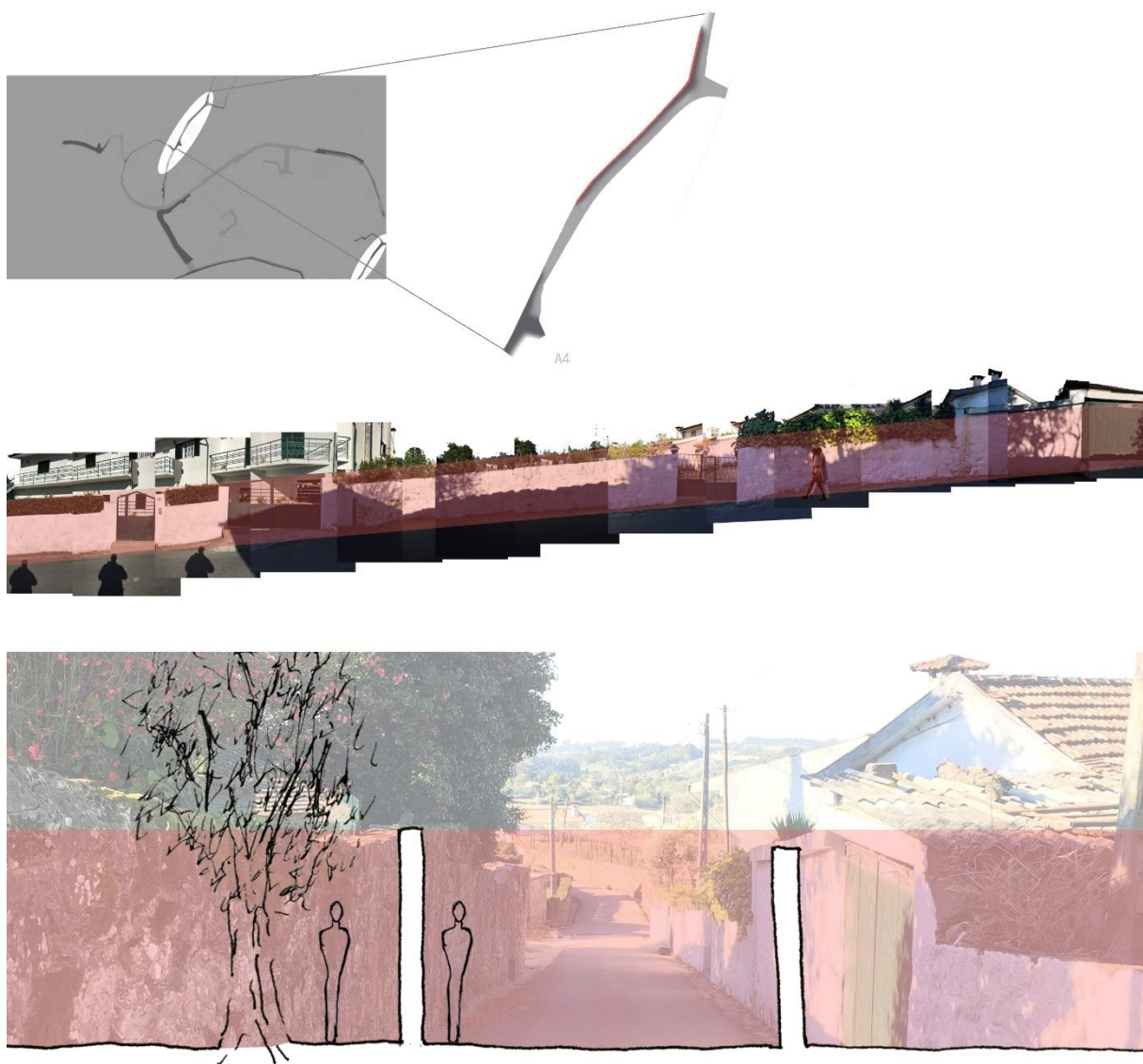


FIGURA 42_ CONSEQUÊNCIAS, NA VIA PÚBLICA, DO AUMENTO DO BLOQUEIO VISUAL PERANTE UMA RUA MAIS ESTREITA

c) lugares de imposição de propriedades

Neste tipo de território, menos construído, há, pontualmente, o aparecimento de propriedades com uma área significativamente maior, como tal, pretendendo tornar aquele espaço num pequeno mundo, eventualmente servindo também como uma afirmação de poder e estatuto para com o próximo, erguem-se grandes barreiras visuais em volta destas, resultando pontualmente no aparecimento e destaque de longas barreiras visuais. Estes momentos interrompem a perceção geral do espaço que se tem ao percorrer a estrada nacional, contudo a composição destas barreiras geralmente compostas também por vegetação tende a diminuir o impacto repetitivo que se teria com construções puramente artificiais.

Quanto a uma exposição excessiva perante a via pública, Álvaro Domingues refere que a ideia portuguesa tem que ver com *“Nada como construí-las junto à estrada para serem notadas.”*¹⁸, depreende-se uma ideia de **manifestação de poder**, de glorificação da propriedade individual, da mesma forma, quando se quer aliar este facto à privacidade desejada, as barreiras visuais tornam-se elas excessivas.

Uma vez que esta característica, além da intenção de se isolar do exterior, tem uma forte componente social, a amostra de poder, que coletivamente tem um impacto significativamente maior, uma vez que são propriedades únicas, o aspeto exterior é contínuo, destacando-se num ambiente de baixa opacidade visual. Da mesma maneira que não estão intercaladas entre propriedades de alta permeabilidade visual, estão separadas das poucas habitações que se localizam próximas, não tendem a intervir numa comunidade em específico. Este acontecimento é repetido algumas vezes na amostra, mostrando ser uma característica da região, além de não apresentar um malefício para outras propriedades habitacionais envolventes e de servir como **utilidade de comparação/localização** pela diferenciação numa amostra mais repetitiva na sua amostra perante a via pública.

¹⁸ A procura de demonstração de poder através de grandes casas vistosas. (DOMINGUES, 2009, p. 40).

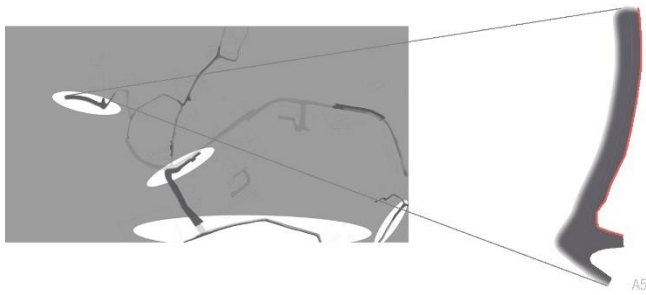


FIGURA 43_ CONSEQUÊNCIAS, NA VIA PÚBLICA, DO AUMENTO DO BLOQUEIO VISUAL EM GRANDES PROPRIEDADES

d) lugares de características pontuais

Ocorre o aparecimento do aumento das barreiras visuais num certo ponto da estrada nacional, sem que nada aparentemente o justifique. Dado que do lado adjacente da estrada há o aparecimento de uma barreira visual eficaz, talvez haja a necessidade de se recriar o mesmo tipo de abordagem nestas propriedades, dado que os **olhares tenderiam a desviar-se sobre estas**, uma vez que conseguiriam ver mais além do que o próprio limite da propriedade neste sentido. Provocada pela localização do passeio, uma vez que se apresenta do lado das parcelas habitacionais, a proximidade visual dos transeuntes para com estas propriedades torna-se significativamente intensificada.

Dado que o aumento do bloqueio visual neste ponto tem como consequência a criação de um ambiente fechado pontual num percurso marcado pela permeabilidade visual das suas barreiras e que esta via e passeio são geralmente usados como percursos, não há algo que promova a paragem neste local, na realidade os olhares não intensificam perante as propriedades adjacentes. Esta ocasião é pontual, afetando particularmente os habitantes das propriedades e não os transeuntes, uma vez que a permeabilidade geral da amostra é baixa. Caso a vegetação adjacente diminuísse, seria um fator eficaz na diminuição drástica da necessidade do aumento das barreiras visuais das propriedades habitacionais.

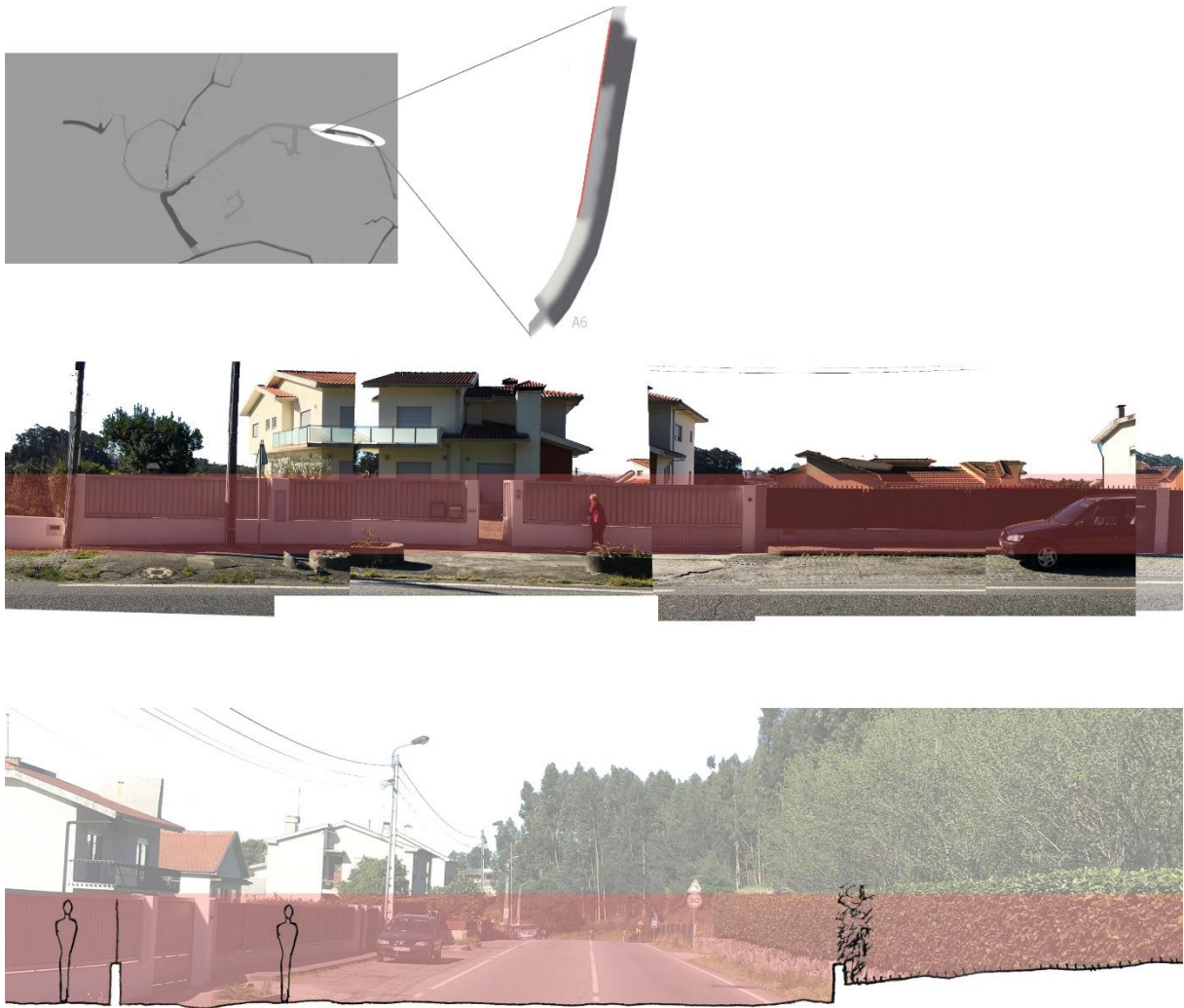


FIGURA 44_ CONSEQUÊNCIAS, NA VIA PÚBLICA, DO AUMENTO DO BLOQUEIO VISUAL PERANTE UM AUMENTO ADJACENTE



FIGURA 45_ RAIOS VISUAIS TERRITORIAIS

e) lugares de abertura visual

As linhas de visão transversais ao percurso da estrada nacional da amostra são praticamente permanentes, refletindo-se numa ligação visual entre o próprio terreno e quem o avista, criando uma noção de localização permanente para o transeunte e de entendimento dos locais ao longo do percurso, tornando assim a passagem pela região num **ambiente mais calmo**, permitindo o avistamento de pontos além, não cingindo o olhar focado numa direção contínua, em linha com a estrada nacional.

Desta forma, os raios visuais são praticamente transversais nesta amostra, contudo dado que as ruas secundárias são caracterizadas por elementos delimitadores de propriedades visuais eficazes, os raios visuais **não atravessam as ruas secundárias**, há uma visão de campos agrícolas e terrenos florestais que agem como grandes massas dispostas na paisagem.



V1



V2



V3



V4



V5

FIGURA 46_ VISTAS TERRITORIAIS ATRAVÉS DA PERMEABILIDADE DOS LIMITES DE PROPRIEDADES

Como conclusão, entende-se que esta amostra é bastante diferente da primeira, refletindo-se na permeabilidade das barreiras visuais, enquanto que na amostra de terreno mais edificado há uma miscelânea e interpolação de tipos de barreiras visuais, nesta amostra os tipos de **barreiras visuais organizam-se em grupos**, blocos contínuos, que se vão modelando ao longo do percurso da estrada nacional.

Também, pelo facto de este percurso ser geralmente usado como estrutura viária, não pedonal, tornando a passagem do percurso mais rápida, há **menor necessidade de diminuir a visão** perante o interior das propriedades. Exceto quando estas se opõem a barreiras visuais mais eficazes, direcionando o olhar para si mesmas, quando há a necessidade de criar uma propriedade fechada em si, funcionando como um pequeno mundo, ou quando se situam em ruas mais estreitas, quando a proximidade entre terrenos é maior, tentando bloquear possíveis olhares mais intensificados e permanentes.

2.4_ Experiências contemporâneas sobre os limites de propriedades

Além da análise da influência da abordagem da privacidade nos limites de propriedades de comunidades que foram evoluindo e definindo-se com o decorrer do tempo, permitindo entender as necessidades de cada propriedade em cada local de implantação, também é importante estudar propriedades contemporâneas, no mesmo panorama sociocultural. De que forma são pensados os espaços privados, públicos e a relação entre estes, e quais as **intenções desejadas para as comunidades** dos locais em questão. Como projetos de loteamentos e urbanizações que criam de raiz tanto as propriedades individuais como os espaços públicos entre estas, que compõe e definem os espaços de uma comunidade. São soluções que procuram reinventar a forma canônica de trabalhar os limites de propriedades, características que conferem relevância ao tema da investigação e que podem constituir exemplos a considerar. Revelam preocupações e estratégias que podem estar afastadas dos lugares estudados na investigação.

As novas moradias isoladas geralmente definem a ideia e o tipo do seu limite de propriedade, desta forma continua a haver uma ideia de **singularidade quanto à casa em si**, não se relacionando com a sua envolvente. Apesar da sua permeabilidade estar relacionada com as adjacentes, tal como a sua altura, esta *“se funda en la rentabilidad económica máxima del suelo (...) quebrando la posible permeabilidad próxima”*¹⁹, ao tentar aproveitar o máximo de terreno possível, “fechando-o só para si”, resulta numa grande opacidade dos seus limites.

No caso de loteamentos, uma vez que definem “globalmente” uma zona habitacional, ir-se-á prestar especial destaque à forma como foram trabalhados os elementos limitadores de propriedades, que influenciam diretamente as vias públicas e a relação que se tem com o espaço composto pelos vários elementos, tentar-se-á entender as intenções para o espaço, o contributo para uma noção comunitária de loteamento e como se refletem na realidade.

¹⁹ O uso do solo nas novas moradias e o seu reflexo nos limites de propriedades. (LABASTIDA, 2013, p. 198).



FIGURA 47_ DISSIPAÇÃO DE OLHARES DE UMA ENVOLTE INTENSA PELA COBERTURA, “LIMITE DE PROPRIEDADE” SUPERIOR, ATRAVÉS DE ABERTURAS E FECHOS, 2 CASAS EM SANTA ISABEL, RICARDO BAK GORDON, 2008, CARNAXIDE.

_Loteamento D. Antónia²⁰

O loteamento D. Antónia teve como local de implantação um local virgem, um terreno rural em estado florestal. Desta forma a sua criação derivou do terreno mais puro possível, promovendo ideias e intenções de criação a partir do que o próprio terreno apresenta.

A aglomeração de pedras seccionadas na definição dos muros comporta um entendimento de pequenas porções de barreira que funcionam como definidor de espaço, mas não como barreira intransponível fisicamente. Também a vegetação, existente, comporta um entendimento considerável na composição geral do projeto, aparecendo tanto antes como após o aparecimento do muro, criando um **jogo de simbiose** com este na definição dos limites das propriedades. Ou seja, tanto no exterior quanto no interior das propriedades, os seus limites são marcados pela ideia de diferenciação de espaços, composto pelos vários elementos e não uma imposição drástica de uma barreira limitadora.

A disposição dos muros de pedra também é importante na definição do espaço. Ao se apresentarem oblíquos aos limites da via pública, em espinha, em formato de L, criam **diferentes tipos de sensações** quer ao subir, quer ao descer o loteamento. Enquanto se sobe, dado que o alcance visual é menor, uma vez que o raio visual tende a encontrar a própria rua, os muros criam uma sensação de aperto, de que a rua está a estreitar à medida que é percorrida, dado que o raio visual tende a destacar mais a parte em L mais próxima que fecha, apesar de posteriormente se voltar a abrir. Ao descer, a sensação de nos aproximarmos de um ponto mais fértil, povoado, uma sensação calmante, é intensificada pela perspetiva alargada que os muros vão criando na rua, desta vez, dado que o alcance visual é maior é possível ter a perceção das contínuas aberturas dos muros oblíquos.

No geral, trata-se de uma paisagem conscientemente organizada a partir daquele local em particular. Os elementos e as suas intenções derivam do tipo de **abordagens que o terreno já apresentava**, resultando numa mistura de elementos naturais. Entende-se então que a ideia que define os limites das parcelas não é de uma barreira visual permanente, mas de um **entendimento de posição atual no terreno** em questão, conferido pelas diferenças de altura e materiais que definem os limites. Transmitindo a ideia de que a definição não é algo físico e permanente, varia tanto com a noção de olhar o privado de outro alguém como com a intenção de quebra de visão pontual perante um local que se queira mais resguardado dentro da propriedade.

²⁰ TOPOS ATELIER, 2000, Braga.



FIGURA 48_ RELAÇÃO DE UNICIDADE DOS ELEMENTOS LIMITADORES DE PROPRIEDADES COM O ESPAÇO PÚBLICO E PRIVADO. LOTEAMENTO D. ANTÓNIA, BRAGA.

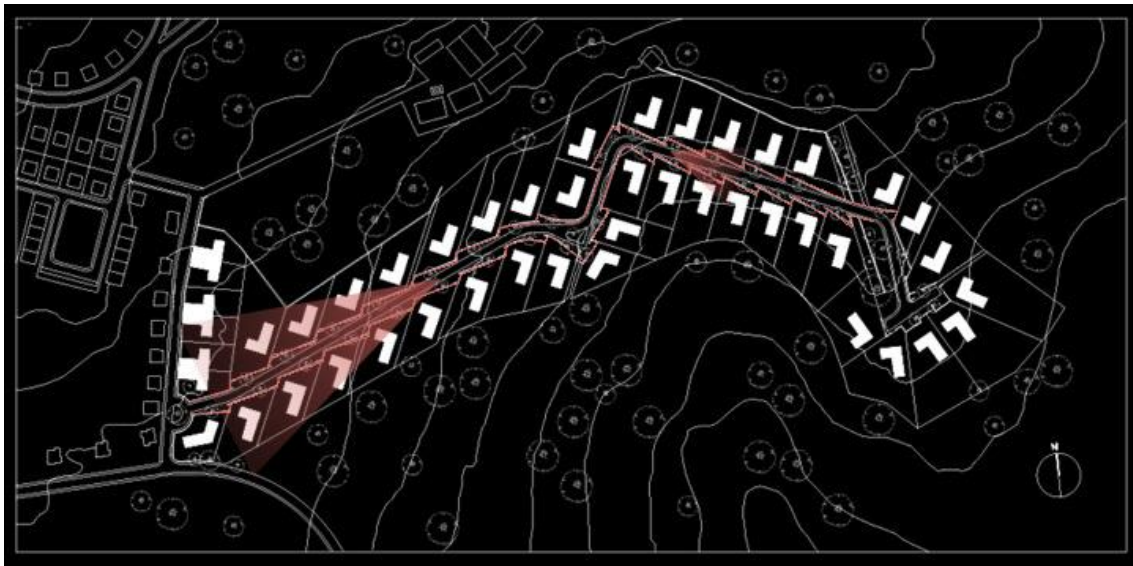


FIGURA 49_ REPRESENTAÇÃO DO ALCANCE VISUAL COM A DISPOSIÇÃO DOS MUROS, AO DESCER E SUBIR O LOTEAMENTO RESPETIVAMENTE

_Loteamento Vila Utopia²¹

A Vila Utopia, em Carnaxide, nasceu como o único empreendimento urbano de arquitetura contemporânea portuguesa. Os seus lotes estão dispostos apenas a projetos de arquitetos de referência. Insere-se no Parque de Santa Cruz, um condomínio urbanizado de habitações.

Trata-se de um loteamento em que além de estarem definidas as medidas dos lotes seus, também os limites das propriedades o são, consistem em lâminas metálicas perpendiculares à via pública. Esta definição **impõe fortemente a relação que existirá** entre os seus lotes e entre os lotes e a via pública, apesar de existir uma definição de espaço com uma divisória física, as relações extrafísicas manter-se-ão. Isto obriga aos vários projetistas, que possam realizar projetos neste loteamento, um controle do espaço, conferindo locais também queridos reservados, seja tanto com a própria habitação tanto com outros elementos que possam existir.

Como forma de controlar a visão sobre o interior da propriedade, várias obras já realizadas contam com vegetação como apoio às lâminas metálicas predefinidas. No entanto, este apoio nem sempre serve como bloqueio total de visão, caso haja a necessidade, funciona como um filtro, mais ou menos eficaz. Em vários casos, nos meses mais frios, alguma vegetação tende a perder folhas e, portanto, volume, resultando numa permeabilidade relativamente igual à inicial. Isto cria automaticamente **variação no tipo de relação que a propriedade tem com o local**, sendo mais eficaz em meses mais quentes e menos eficaz em meses mais frios. Uma vez que nos meses mais quentes há uma procura por espaços exteriores, seja por práticas de desporto ao ar livre ou por possibilidade do uso desse espaço, dado que nem sempre é possível, o aumento da opacidade da vegetação promove um uso mais alargado de espaços exteriores. Já em meses mais frios, uma vez que se procura ambientes mais quentes, geralmente no interior das habitações, a vegetação permite desvendar um pouco do terreno e da habitação, promovendo relações entre vizinhos e habitantes da mesma região.

²¹ SOTHEBY'S International Realty, 2009, Carnaxide.

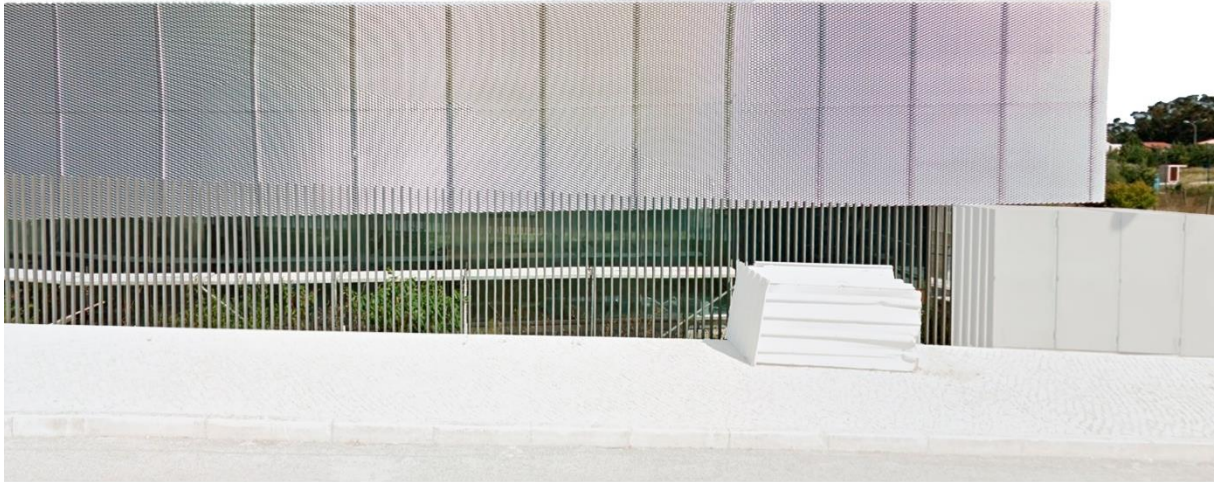


FIGURA 50_ RESPOSTA DA MORADIA PERANTE A INFLUÊNCIA VISUAL DAS LÂMINAS METÁLICAS SOBRE A PROPRIEDADE



FIGURA 51_ IMPACTO VISUAL EXPONENCIAL NA COMUNIDADE DO LOTEAMENTO

3_ Repensar os limites de propriedades

O estudo desenvolvido nas duas amostras permitiu identificar temas que podem ser considerados relevantes no âmbito de futuras estratégias que permitem fortalecer o vínculo entre os muros e as características do território. Como tal, ir-se-ão destacar e explicar essas estratégias.

Principais temas identificados nas amostras

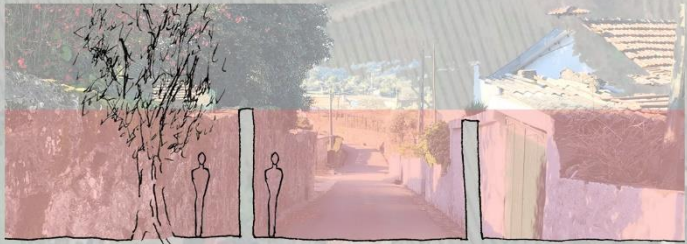




II_ lugares de transição

III_ lugares de tensão

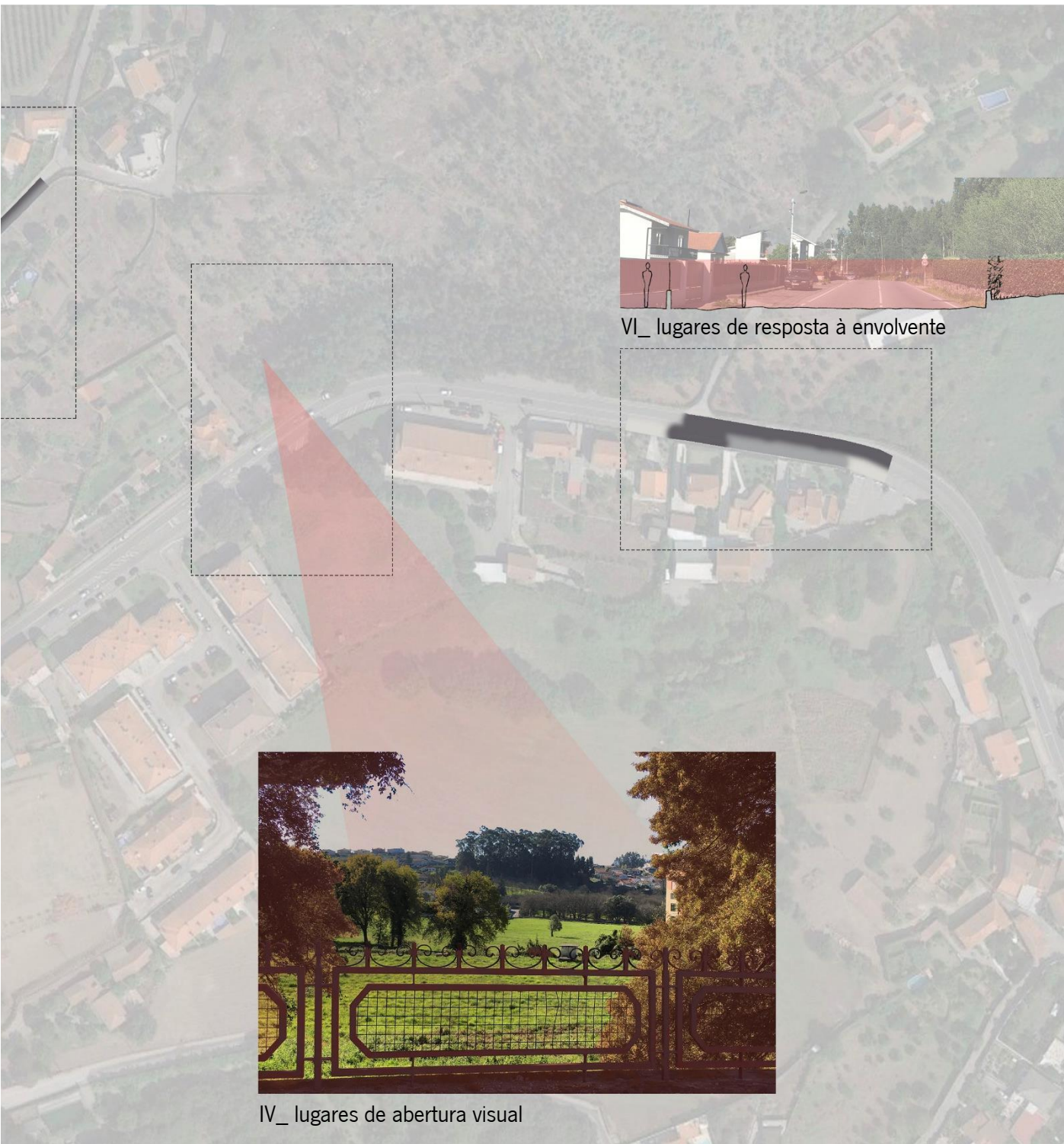
FIGURA 53_ TEMAS A CONSIDERAR, AMOSTRA I, ESC. 1:2000



III_ lugares de tensão



V_ lugares de imposição de propriedades



VI_ lugares de resposta à envolvente

IV_ lugares de abertura visual

FIGURA 54_ TEMAS A CONSIDERAR, AMOSTRA II, ESC. 1:2000

3.1_ Princípios de melhoria do ambiente urbano

- I_ incrementar a permeabilidade em núcleos de habitação unifamiliar;
- II_ evidenciar os lugares de transição;
- III_ desafogar visualmente os lugares de tensão;
- IV_ preservar lugares de abertura visual;
- V_ assegurar grandes barreiras visuais;
- VI_ resguardar visualmente habitações com envolventes de comércio e serviços;
- VII_ relacionar o uso do espaço aberto das propriedades com a permeabilidade do seu limite.

I_ incrementar a permeabilidade em núcleos de habitação unifamiliar

Através da existência de séries de habitações próximas, tendo em vista uma promoção de relações entre os seus habitantes, propõe-se um nível visual permanente entre as várias propriedades, conferindo a noção de pertença das casas na mesma localidade, **tornando a própria zona um lar**. Através da permissão do olhar entre as várias propriedades, a noção de entreaajuda e de interação com o próximo é promovida, tornando a ideia de comunidade em algo existente e enraizado, além do espaço público entre estas realmente usado. Através da promoção de relações entre habitantes, a via pública pode ser usada para atividades sociais, para além da função de passagem, dado que serve praticamente o acesso às habitações.

Tal como Christina Kotchemidova faz alusão ao facto de **uma barreira ser entendida mais pelo seu simbolismo do que pelas suas características físicas**, ou seja, a intenção que cria nas pessoas de entendimento de definição de espaço e passagem entre público e privado ser mais forte do que a sua real intransponibilidade, a par de outros autores e da análise das amostras e entendimento das consequências, permitir relações visuais entre propriedades vizinhas promove uma noção de pertença e de união aos seus habitantes, sentindo que os outros cuidam das propriedades vizinhas e vice-versa, não retirando a possibilidade de privacidade no interior da habitação.



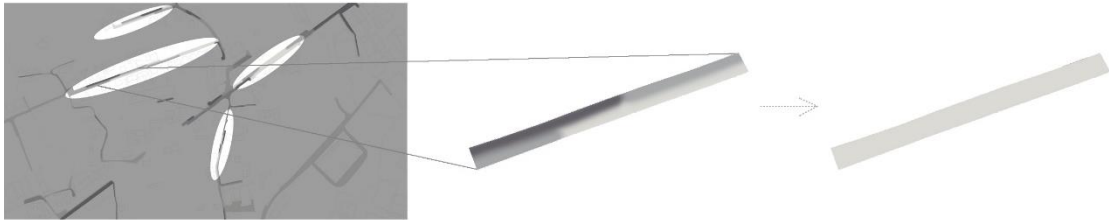


FIGURA 55_ PROCURA DE UM AUMENTO DE RELAÇÕES INTERPESSOAIS EM MOMENTOS DE VIZINHANÇA BEM DEFINIDOS COMO REFLEXO DE BAIXAS BARREIRAS VISUAIS



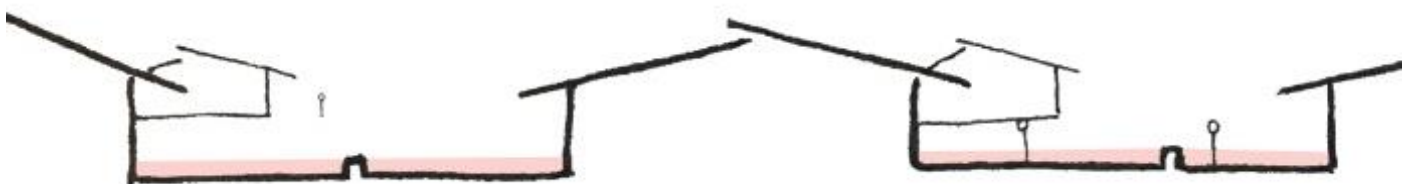


FIGURA 56_ LOCAL DE ENTRADA EM ZONA DE VIZINHANÇA

II_ evidenciar os lugares de transição

O uso de barreiras visuais eficazes nos limites de uma zona de vizinhança, premeditado ou não, acontece ao longo da amostra, uns mais eficazes que outros. Mas este tipo de abordagem nos acessos a zonas habitacionais com comunidades bem definidas, sejam cruzamentos, entroncamentos ou simplesmente entradas nestas, devem continuar a existir, a funcionar como tal e devem ser definidas quando não o acontecer. Na realidade, funciona tanto como um **definidor de uma zona “intima”**, como um apoio a toda a zona, promovendo que esta se ligue e relacione entre si através do bloqueio visual lateral da zona comunitária. Para a propriedade em concreto, evita que ao percorrer o acesso à zona habitacional se foque apenas no seu terreno, para que depois o olhar se perca na zona habitacional.

Tal como a porta de entrada de qualquer habitação, que define e caracteriza um espaço fechado, interior, o acesso a uma zona de habitação caracterizada por uma vizinhança bem definida, é marcado pela diferença entre o interior e o exterior de uma zona, sendo sempre espaço público. Num território disperso onde tudo é fragmentado e no qual as misturas são constantes, estes espaços podem contribuir para a delimitação de ambientes urbanos com características muito particulares.



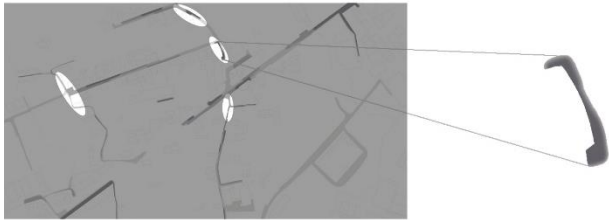


FIGURA 57_ DEFINIÇÃO DE BARREIRAS VISUAIS COLETIVAS COMUNIDADES BEM DEFINIDAS E O EXTERIOR

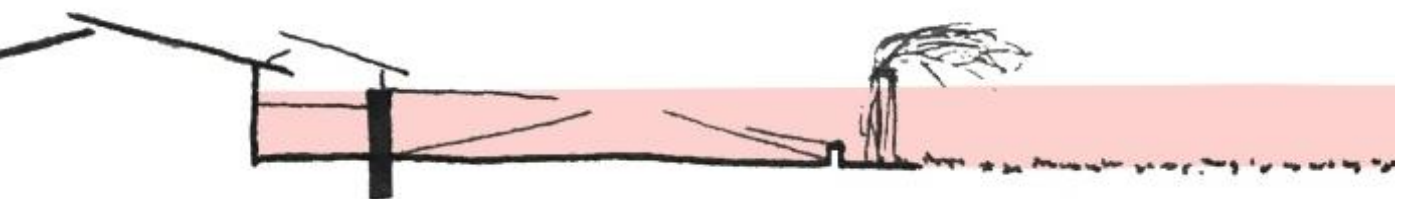




FIGURA 58_ GRANDE TENSÃO SOBRE RUA ESTREITA

III_ desafogar visualmente os lugares de tensão

A tensão que tende a acontecer em ruas mais estreitas, como já analisado, sempre que possível deve ser evitado, promovendo uma melhoria coletiva mais benéfica do que os benefícios que atualmente proporciona. Geralmente são ruas mais antigas, em que os caminhos não tinham necessidade de maior largura, criando ambientes típicos que servem como associação para tempos e vivências mais antigas, em que dada uma maior proximidade entre propriedades vizinhas, pode ter-se refletido numa procura de encerramento visual entre estas, gerando um ambiente de divisão da envolvente **na própria rua de acesso a casa**. Através da diminuição da opacidade dos limites destas propriedades, o ambiente tornar-se-á automaticamente menos fechado, aumentando a noção de comunidade. Apesar de, várias vezes, as casas serem o próprio limite entre a sua propriedade e a via pública, o facto de o restante limite ser igualmente opaco, torna este espaço estreito em largura também totalmente “estrito em altura”, resultando numa zona fechada geral.

Como tentativa de controlar ambientes deste género, em que as relações entre espaços privados e públicos, ou ambos espaços privados, estão bastante condicionadas, possivelmente no acesso à própria habitação, propõe-se a diluição de limites de propriedades bastante opacos, que tornem o espaço exterior realmente claustrofóbico e isolado da envolvente local.



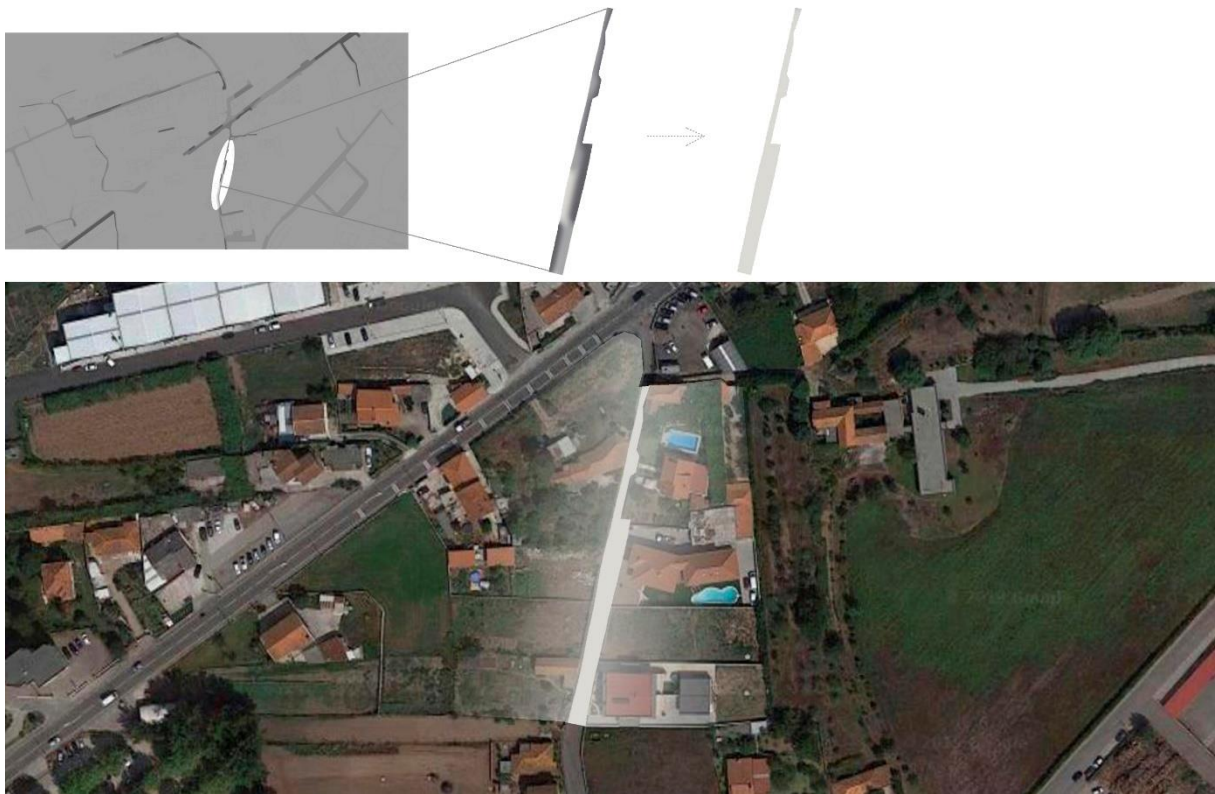


FIGURA 59_ PROMOÇÃO DE LIGAÇÕES INTERPESSOAIS EM RUAS ESTREITAS





FIGURA 60_ REGIÃO LOCAL DE JOANE

IV_ preservar lugares de abertura visual

Os momentos de uma vista alargada da região em que se está têm igual ou maior importância que as zonas individuais, são conseguidos através de uma série de grande permeabilidade de limites de propriedades contínuos. Estes raios visuais permitem visão sobre o vasto terreno em que se está, atribuindo esta possibilidade a várias zonas deste local, funcionando como um **unificador de vasto terreno**.

Trata-se portanto de uma prática que deve ser tida em conta, ou seja, cada intervenção que haja deve ter em atenção não interromper estes momentos beneficiadores.

Tal como um miradouro tem o efeito de pausar, acalmar e localizar certos pontos da região em que se situa, é importante recriar momentos destes, com efeito de não tornar qualquer região labiríntica e organizada em ruas que quebram a noção de região local, através do corte visual da mesma.





FIGURA 61_ VISÃO TERRITORIAL ATRAVÉS DA PERMEABILIDADE DO LIMITE DE PROPRIEDADE





FIGURA 62_ LIMITE DE PROPRIEDADE DE QUINTA EM REQUIÃO

V_ assegurar grandes barreiras visuais

As barreiras visuais quase totalmente eficazes das propriedades consideravelmente maiores que as restantes parcelas habitacionais, funcionam porque há uma limitação marcada entre as mesmas e a envolvente, de outra forma resultariam numa ideia de prados, planícies convidativas. A ideia de se criar um pequeno mundo, destacado de tudo o resto entrelaça-se com a ideia de algo o separar de tudo o resto. Assim, haverá o destaque pontual deste tipo de propriedades, aliado ao facto do seu comprimento resultar numa divisão de zona habitacional, tenderia também a elevar as barreiras visuais nos seus limites, neste caso presente, dado que esta propriedade se insere num panorama envolvente rural e agrícola, usa também os limites da propriedade como defesa, como separação de um exterior mais deserto.

Tal como uma catedral, à parte do carácter de culto, as grandes propriedades dispostas numa região **funcionam como localização e referência** para a mesma. Associadas aos momentos localizadores de lugar, permitem um apaziguamento de um enorme número de ruas “iguais”. Trata-se de um bloqueio visual pontual que tem efeitos regionais.



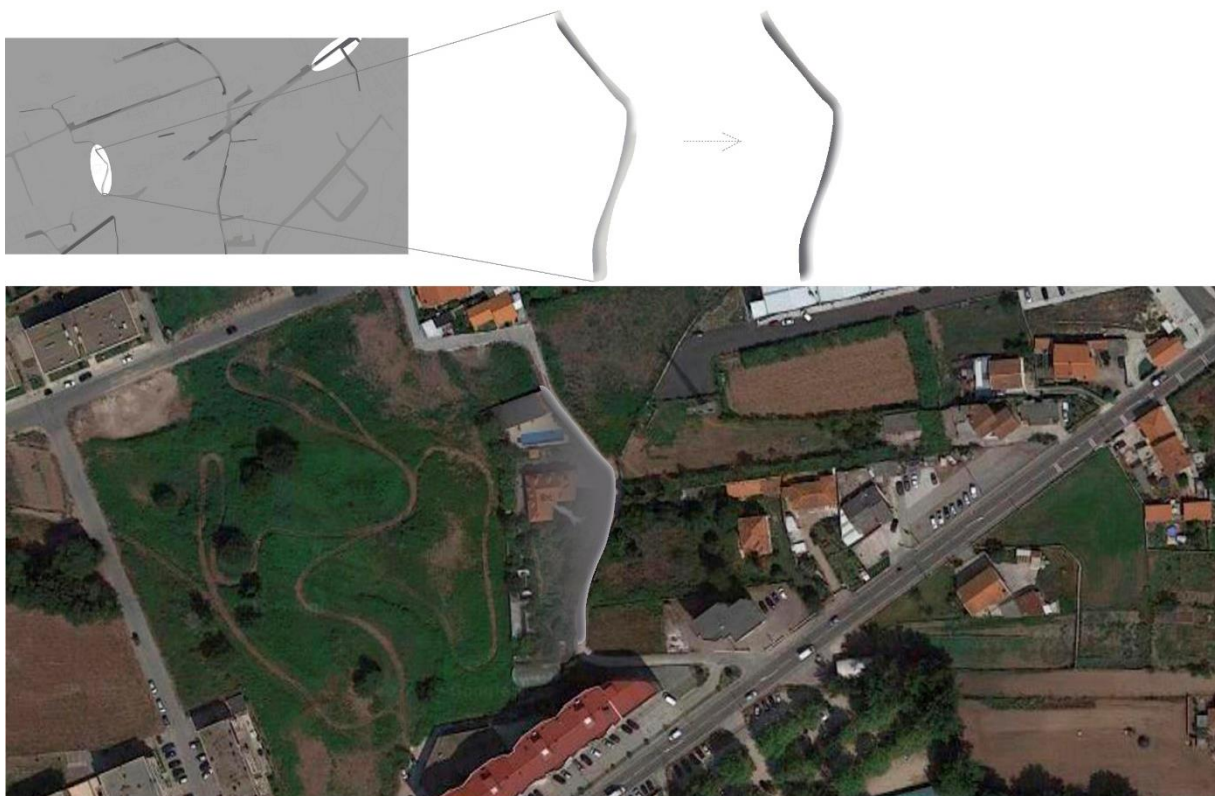


FIGURA 63_ GRANDES PROPIEDADES DESTACADAS PELAS LONGAS BARREIRAS VISUAIS EFICAZES



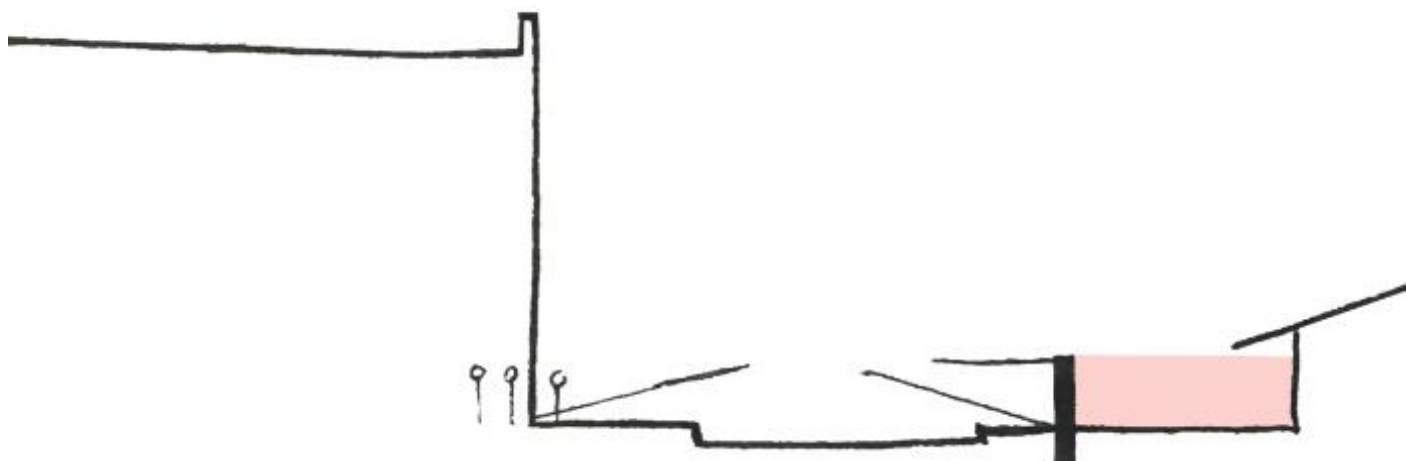


FIGURA 64_ AUMENTO EXPONENCIAL DAS BARREIRAS VISUAIS PERANTE PARQUE DE ESTACIONAMENTO DE SUPERMERCADO

VI_ resguardar visualmente habitações com envolventes de comércio e serviços

Devido à mistura de tipos de propriedades na amostra, há momentos em que propriedades habitacionais se apresentam nas imediações de várias propriedades que conferem maior afluência de pessoal desconhecido à zona. Como tal, a intervenção nestes casos passa por **assegurar a noção de lar**, de espaço resguardado de grande parte do exterior. Uma vez que os olhares exteriores tendem a acontecer em maior número, agravados pelo facto de serem de pessoas estranhas ao local, não criam uma noção de comunidade habitacional. Como tal, o encerramento visual entre o interior e o exterior das propriedades parece ser a decisão mais consciente, tanto para os habitantes das habitações como para um coletivo que se rege pelo facto dos vários tipos de terrenos se intercalarem entre si.

Este exemplo ocorre na primeira amostra, a primeira fotografia retrata uma permeabilidade limitada, que permite desvendar pontos interiores da propriedade, está contudo virada sobre uma zona da estrada nacional em que serve apenas de passagem, não contendo nenhum elemento que promova a paragem. Na mesma propriedade, num ponto em que esta tem frente com um estacionamento de um supermercado, as barreiras visuais aumentam exponencialmente.



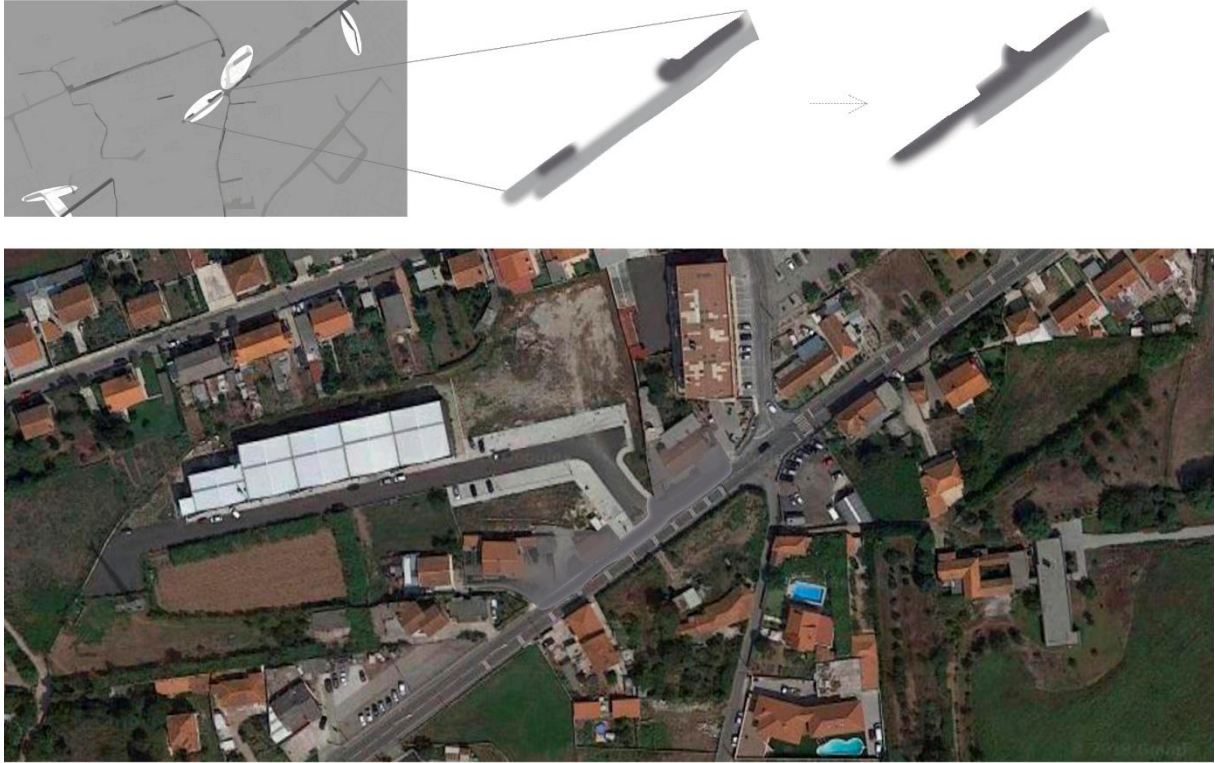


FIGURA 65_ DIVISÃO HABITACIONAL DE UMA ENVOLVENTE COM CARÁTER COMERCIAL OU SOCIAL

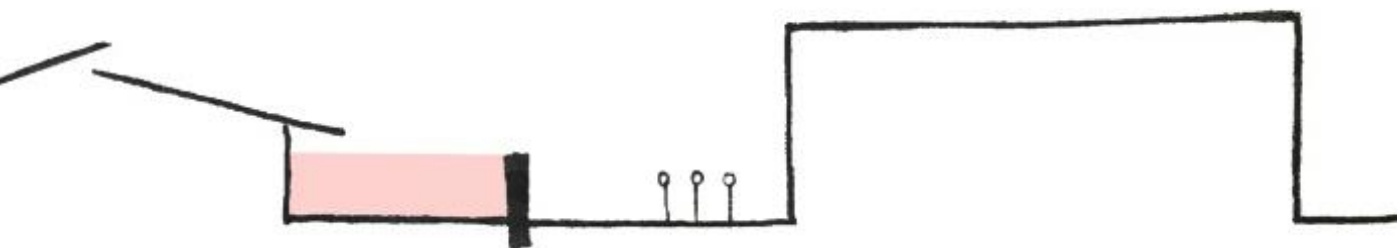




FIGURA 66_ VARIÇÃO DA PERMEABILIDADE DE UM LIMITE DA PROPRIEDADE DEVIDO À VEGETAÇÃO

VII_ relacionar o uso do espaço aberto das propriedades com a permeabilidade do seu limite

Os limites de propriedades compostos por vegetação compreendem uma mudança do mesmo. Dado que tendem a perder folhas/volume em épocas mais frias e a ganhar em épocas mais quentes, a sua permeabilidade visual varia, aumentando no inverno e diminuindo no verão. Uma vez que, geralmente, em épocas mais frias é mais convidativo estar em espaços interiores, mais quentes e confortáveis, traduzindo-se na casa em propriedades habitacionais, e, pelo contrário, em épocas mais quentes, procuram-se zonas exteriores, tanto para conviver em espaços mais amplos, como para aproveitar o tempo que o permite, há uma **relação com o uso dos espaços exteriores** das propriedades habitacionais.

Ou seja, o aumento do volume da vegetação, da opacidade visual, pode contribuir para essas atividades exteriores, conferindo alguma privacidade exterior, quando os espaços são mais utilizados, contudo, no inverno, uma vez que são menos usados, a vegetação diminui o seu volume e, portanto, a sua opacidade, permitindo haver uma ligação visual entre o exterior e o interior da propriedade, **promovendo a relação com o exterior**, uma vez que as pessoas passam a maior parte do tempo dentro das casas.

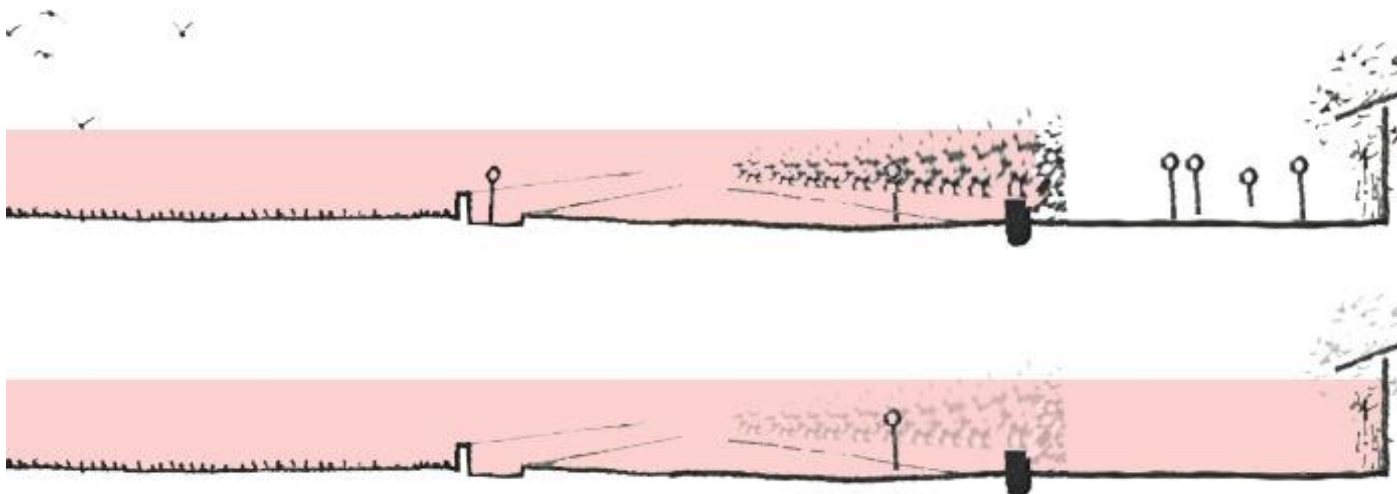
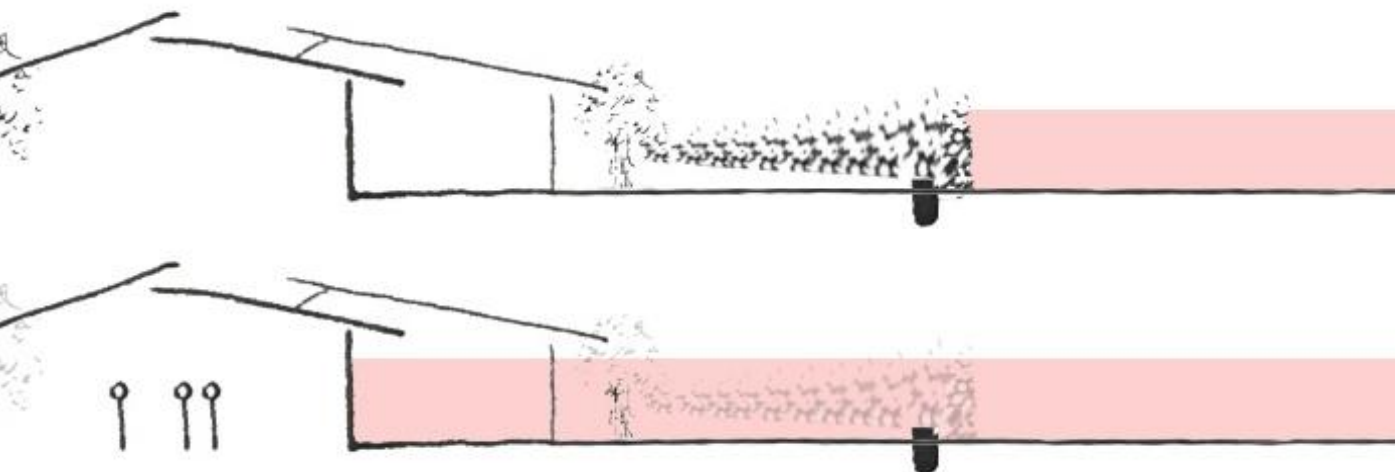




FIGURA 67_ REFLEXO DA VARIÇÃO DA PERMEABILIDADE DOS LIMITES DE PROPRIEDADE COM OS USOS DA PARTE NÃO EDIFICADA DA PROPRIEDADE



3.2_ Cenários nos limites de propriedades

Tal como na apresentação do tema deste trabalho se refere os vários ambientes que uma barreira visual pode gerar, as análises e as referências usadas evidenciam que estas são vastamente variadas e capazes de produzir espaços e transições entre espaços de imensos tipos. Cada limite de propriedade e o conjunto entre estes define diferentes tipos de espaços. A criação de algo limitador de propriedade não perde o seu valor como construção, contudo as suas necessidades e as respetivas **consequências devem ser alvo de atenção** na forma como são projetadas.

Desta forma, como objetivo final deste trabalho procura-se, com o que foi aprendido tanto nas análises quanto nos estudos dos trabalhos realizados sobre este tema, entender as necessidades de barreiras visuais entre o espaço público e o espaço privado e das relações entre estes. Através do controlo dos níveis de permeabilidade dos seus limites, **umentando, mantendo ou diminuindo** as permeabilidades, quando necessárias, pretende-se promover melhor qualidade de vida e ligações interpessoais, como a noção de comunidade e vizinhança de uma localidade, atendendo às necessidades do local em questão, propondo sempre uma melhoria coletiva.

Assim, ir-se-á projetar possíveis cenários sobre os limites de propriedades em quatro zonas identificadas nestes últimos desenhos. Estes quatro momentos tentam compilar vários princípios de intervenção e torná-los mais facilmente refletidos em melhorias para as comunidades e transeuntes.



● Diminuição da permeabilidade
● Aumento da permeabilidade



Como reflexo das intenções da proposta referida, há uma intenção de **diminuição de bloqueios visuais** em ruas geralmente mais lineares e interiores, referentes a comunidades bem definidas, contudo também se apresenta uma zona com estas características na estrada nacional. Apesar da não estarem representados, há momentos que ficaram melhor definidos quanto à sua intenção pelo facto de se diminuir algumas barreiras visuais imediatas, tornando-os mais destacados.

O aumento de algumas barreiras visuais tem que ver geralmente com a maior afluência de pessoal em propriedades de carácter social ou comercial, outros, como já referidos, ganharam o **destaque de barreira visual eficaz** com a diminuição destas nas imediações.

FIGURA 68_ ALTERAÇÕES DOS LIMITES DE PROPRIEDADES NA AMOSTRA I, ESC. 1:2000



- Influência do limite tipo 1
- Influência do limite tipo 2
- Influência do limite tipo 3
- Influência do limite tipo 4




Através da representação da proposta de barreiras visuais nesta amostra, há uma **clarificação da percepção** da localização das zonas habitacionais que geralmente se situam em ruas secundárias, à exceção de um momento na estrada nacional, que com a análise do local entende-se que haveria mais melhorias para um coletivo através desta abordagem.

Os momentos de maior opacidade visual são agora mais localizados e com um propósito e função para o local, seja com a intenção do **fecho visual propositado** de uma propriedade como de um fecho visual do exterior. Devido à disposição aleatória no terreno dos vários tipos de propriedades, quer mais particulares ou sociais, continuam a haver variações dos tipos de bloqueio visual perante a estrada nacional, nas ruas secundárias o aumento do bloqueio visual tem propósitos diferentes, que servem como um resguardo de uma comunidade.

Continua perceptível um predomínio da barreira visual nula em propriedades como campos agrícolas e terrenos rurais, que num tipo de amostra vastamente edificada tendem a conferir uma **noção de localização** no terreno através da permissão da visão através das parcelas, não apenas através das vias públicas.

FIGURA 69_ AMOSTRA | INTERVENÇIONADA, ESC. 1:2000

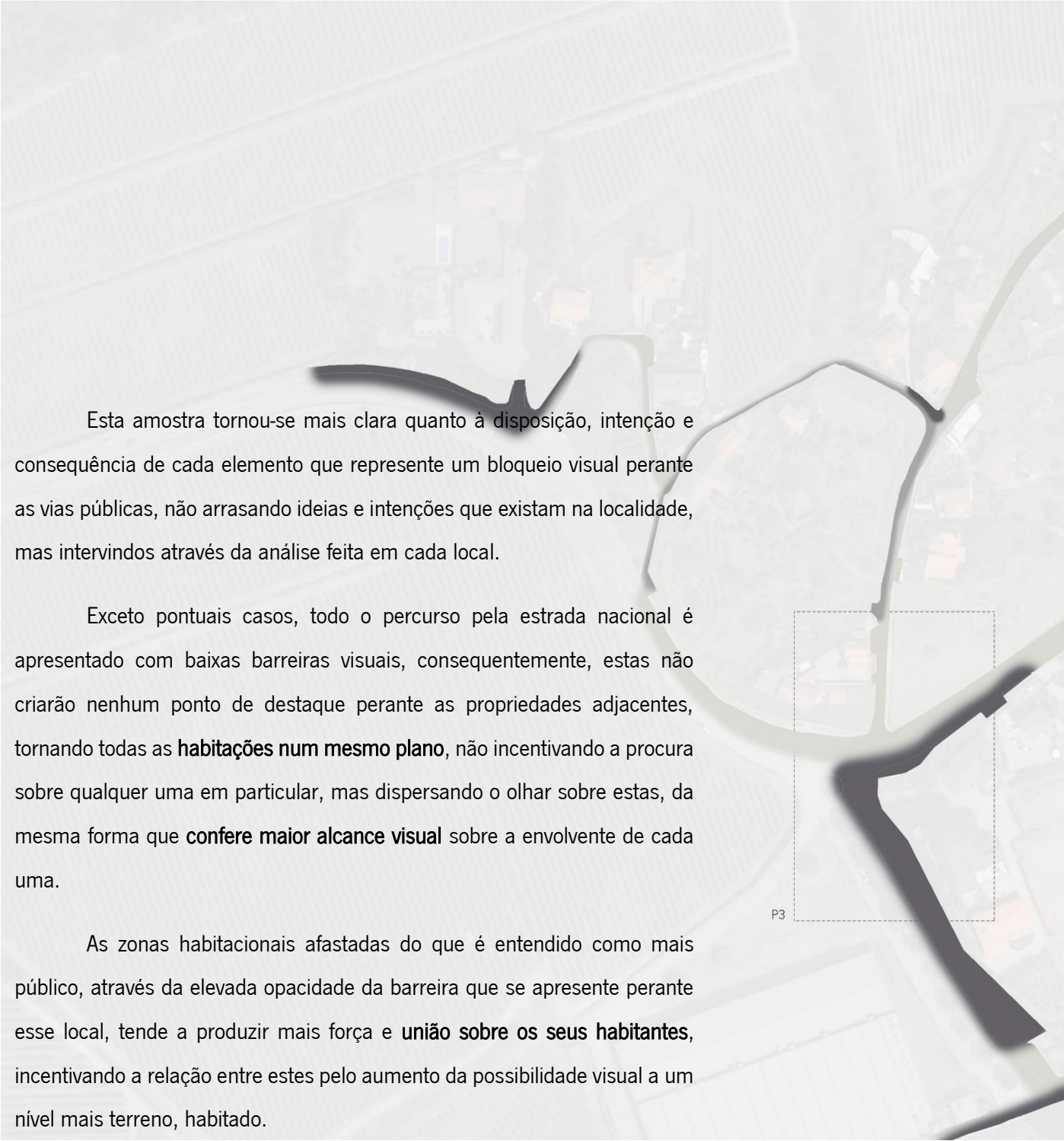


No geral, a tendência do aumento de permeabilidade está presente em propriedades de ruas secundárias, interiores, que se definem bem do exterior, funcionando como um **ambiente habitacional geral**, de companheirismo, já a parte perante a estrada nacional que também é proposto o aumento da permeabilidade dos elementos limitadores das propriedades tem que ver com o momento isolado estudado, que assim tenta promover as possibilidades tanto dos habitantes como de um nível exterior das propriedades. Os aumentos ou definição de elementos mais opacos têm que ver pontualmente com o **estudo de cada caso** e de como funcionam em cada local.

- Diminuição da permeabilidade
- Aumento da permeabilidade



FIGURA 70_ ALTERAÇÕES DOS LIMITES DE PROPRIEDADES NA AMOSTRA II, ESC. 1:2000

An aerial photograph of a residential area with a road. A dark, thick line highlights a path that follows the road and then branches off. A dashed rectangular box labeled 'P3' is located in the lower right quadrant of the image, highlighting a specific area of the residential development.

Esta amostra tornou-se mais clara quanto à disposição, intenção e consequência de cada elemento que represente um bloqueio visual perante as vias públicas, não arrasando ideias e intenções que existam na localidade, mas intervindo através da análise feita em cada local.

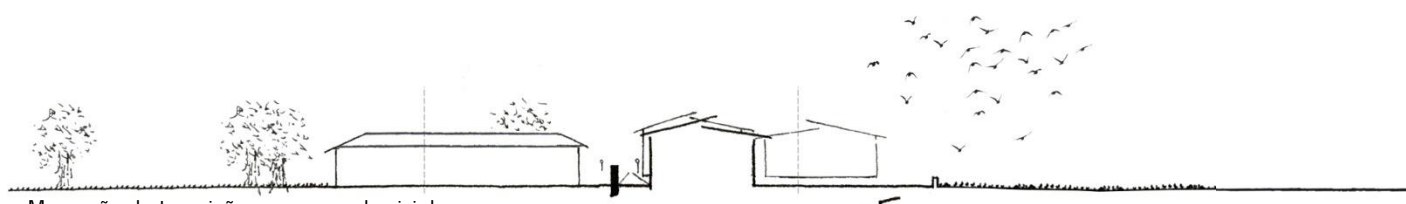
Exceto pontuais casos, todo o percurso pela estrada nacional é apresentado com baixas barreiras visuais, consequentemente, estas não criarão nenhum ponto de destaque perante as propriedades adjacentes, tornando todas as **habitações num mesmo plano**, não incentivando a procura sobre qualquer uma em particular, mas dispersando o olhar sobre estas, da mesma forma que **confere maior alcance visual** sobre a envolvente de cada uma.

As zonas habitacionais afastadas do que é entendido como mais público, através da elevada opacidade da barreira que se apresenta perante esse local, tende a produzir mais força e **união sobre os seus habitantes**, incentivando a relação entre estes pelo aumento da possibilidade visual a um nível mais terreno, habitado.

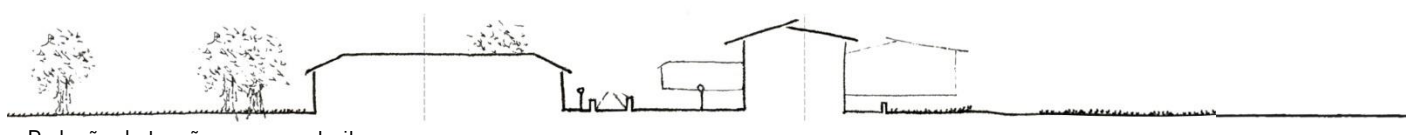
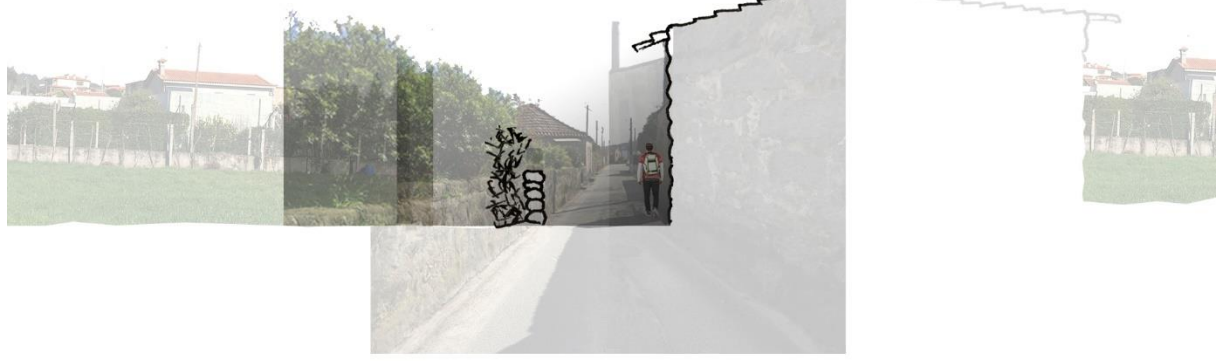
- Influência do limite tipo 1
- Influência do limite tipo 2
- Influência do limite tipo 3
- Influência do limite tipo 4



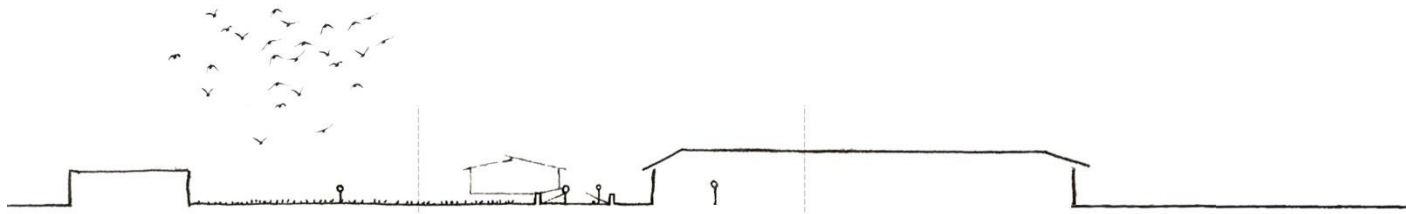
FIGURA 71_ AMOSTRA II INTERVENCIÓNADA, ESC. 1:2000



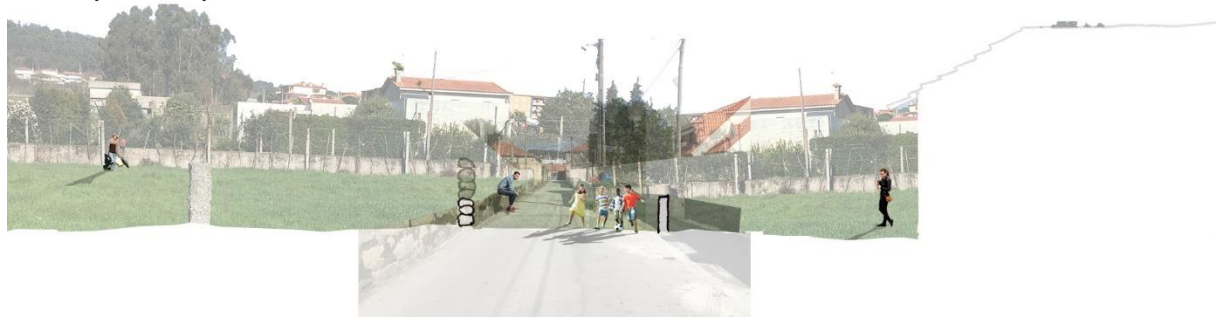
Marcação da transição para zona de vizinhança



Redução da tensão em rua estreita



Promoção de relações na comunidade



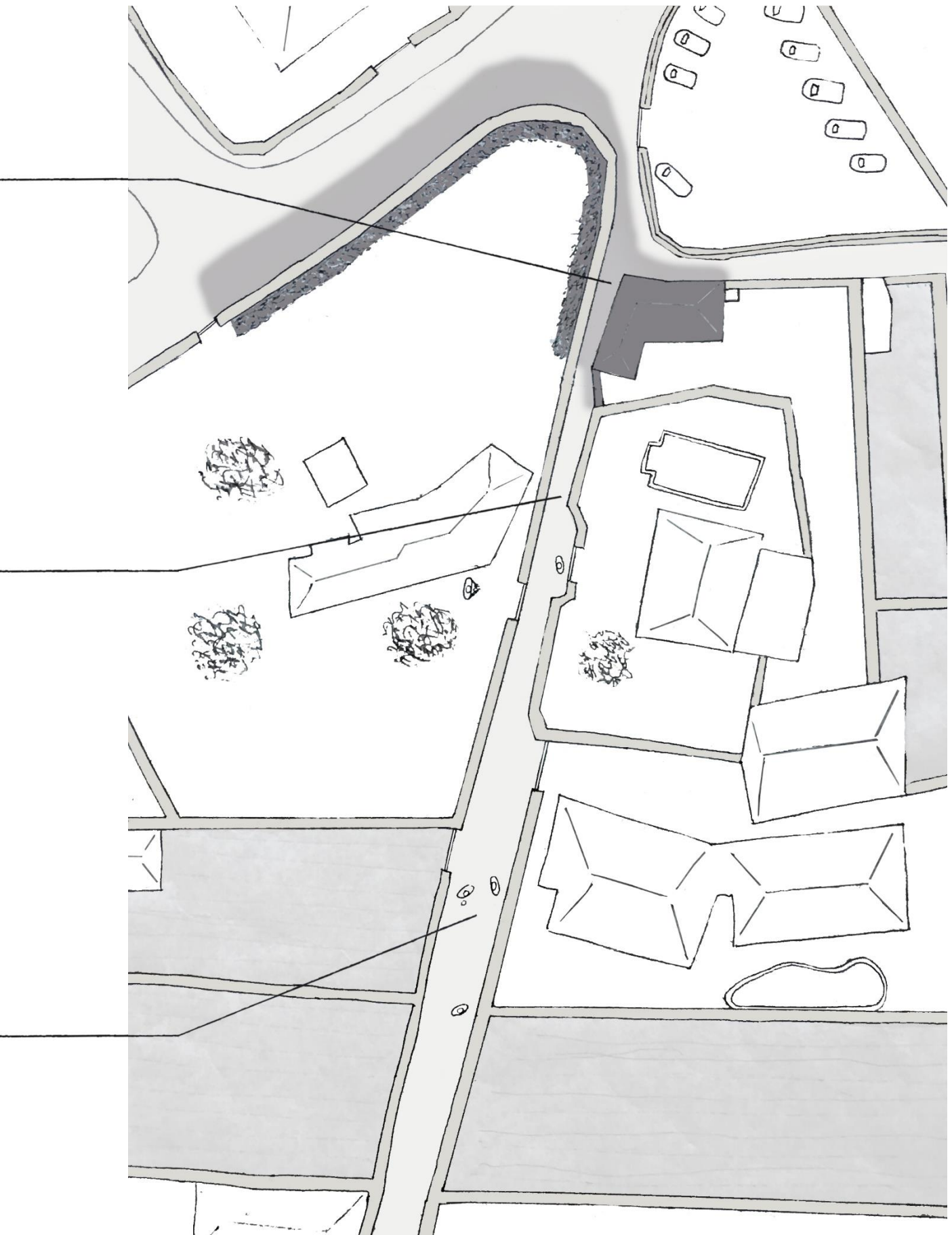
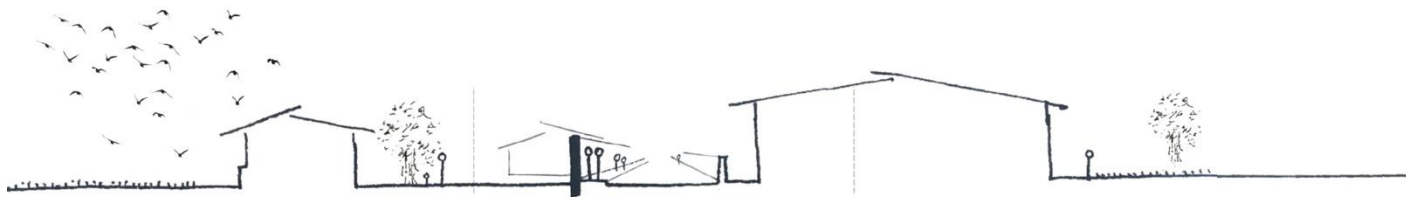
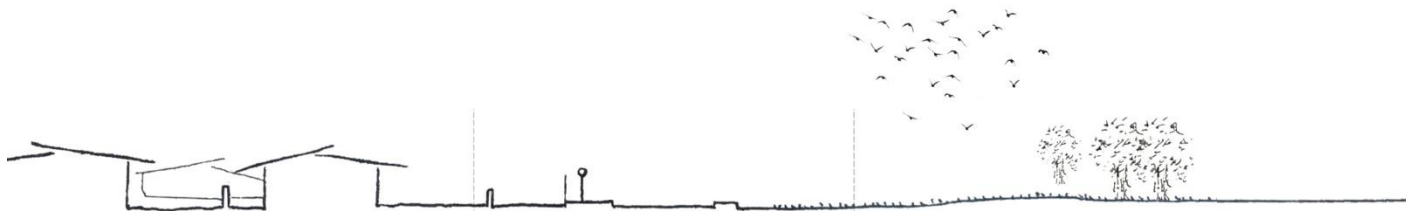


FIGURA 72_ PLANTA P1, ESC. 1:500



Quebra visual de propriedades em zonas de muita afluência estranha à zona



Promoção de momento de entendimento e localização no território



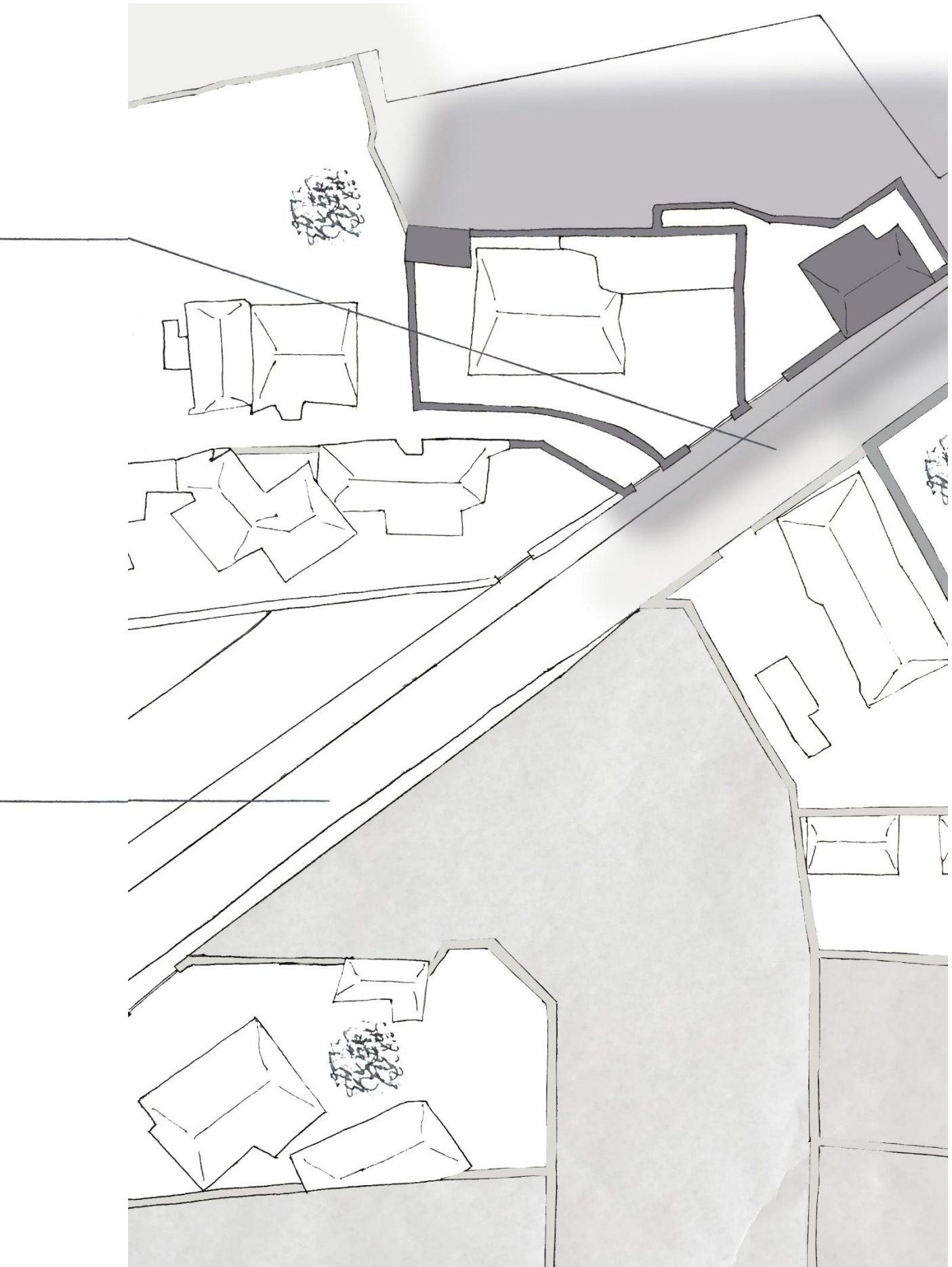
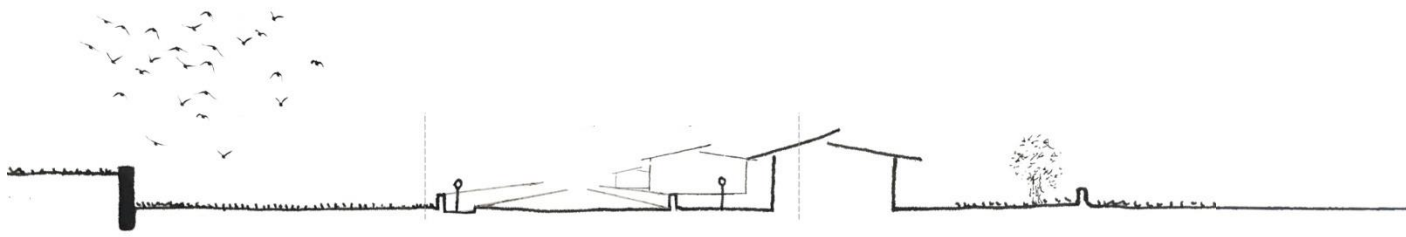


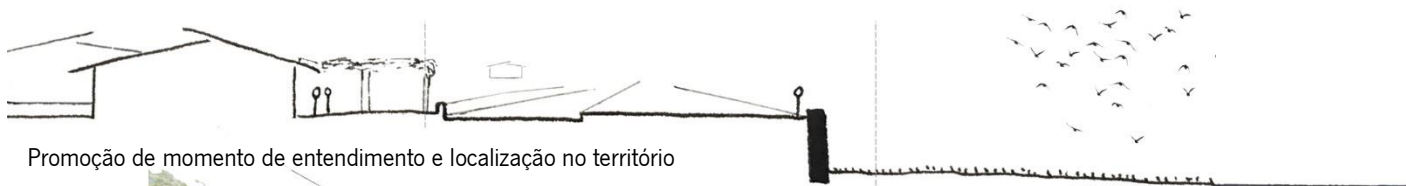
FIGURA 73_ PLANTA P2, ESC. 1:500



Permeabilidade geral na amostra



Referência e localização no território através de uma marcante barreira visual eficaz



Promoção de momento de entendimento e localização no território





FIGURA 74_ PLANTA P3, ESC. 1:500



Permeabilidade constante na amostra



Promoção da continuação da permeabilidade geral, tornando-se um com o território



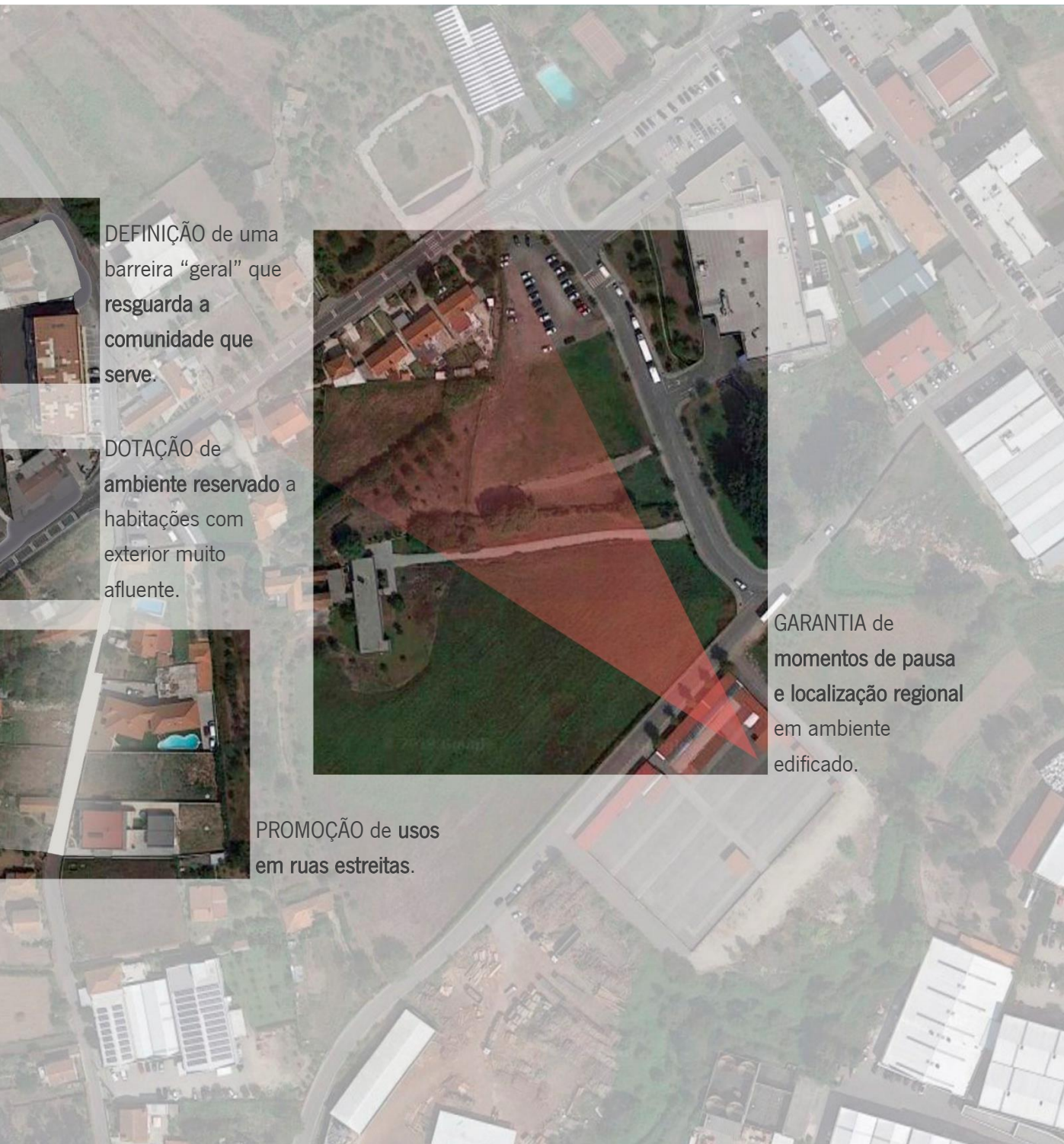


FIGURA 75_ PLANTA P4, ESC. 1:500

Efeitos dos princípios de intervenção:

Dos princípios de intervenção usados, decorrem consequências nos locais onde são projetados, conferindo diferentes características em cada local, tendo em vista uma melhoria coletiva para a região.





DEFINIÇÃO de uma barreira “geral” que resguarda a comunidade que serve.

DOTAÇÃO de ambiente reservado a habitações com exterior muito afluente.

PROMOÇÃO de usos em ruas estreitas.

GARANTIA de momentos de pausa e localização regional em ambiente edificado.

FIGURA 76_ EFEITOS DOS PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO. ESC. 1:2000

Considerações finais

As amostras não revelam padrões consistentes e/ou definidos de tipos de limites de propriedades localizados em locais específicos pelas suas características, mostrando que em última análise são os proprietários que definem o limite da propriedade. Este pode derivar de vários aspetos, a ideia que foi desenvolvendo ao longo da vida, seja pelos limites com que sempre viu ou conviveu, por ser desejavelmente mais opaco em situações que haja necessidade de se separar afincadamente do exterior, por se querer maior permeabilidade em casos de propriedades mais elevadas do seu redor, promovendo uma vista privilegiada, ou por perceber que na sua envolvente à um tipo de muro que predomina e como tal replicar essa solução.

O facto de os limites de propriedade não revelarem padrões concisos mostram que derivam de ideias concebidas individualmente, sem um pensamento geral que organize tanto o interior como o exterior de cada propriedade. É, portanto, importante que o arquiteto ou projetista de qualquer intervenção proponha ou defina com consciência o tipo de limite que vai definir a transição entre o interior e o exterior da propriedade, dado que, como intervém diretamente nos vários espaços, pode intervir com grande poder sobre estes e as pessoas que os usam.

A amostra I não permitiu descobrir tantos padrões/temas relevantes quanto a segunda. Dado que a primeira amostra é consideravelmente mais edificada, com usos muito mais diversificados do que a segunda, torna a decisão de definir os limites das propriedades mais difícil pelo excesso de informação com que cada propriedade tem de lidar, dependendo da sua localização. Contudo, pelo facto de estarem ambas no mesmo ambiente sociocultural, após a identificação de outros padrões e temas relevantes na segunda amostra, estes foram facilmente identificados na primeira. Apesar de haver uma maior diversidade, os entendimentos gerais sobre o tema são os mesmos nas duas localidades.

Nesta região do Vale do Ave, devido à topografia inerente, é recorrente o aparecimento de muros de contenção de terras sobre a estrada nacional e algumas ruas interiores. Nestes casos é de notar a ausência de elementos adicionais à barreira estritamente necessária que tentem romper a permeabilidade visual. Uma vez que se situam numa cota superior à da via pública, o seu olhar automaticamente predomina a envolvente, da mesma forma que a envolvente não consegue ter uma visão clara do interior da propriedade. Neste caso, a permeabilidade visual funciona unilateralmente, permitindo a visão de dentro da propriedade para fora, ao passo que reprime olhares exteriores.

Vários limites de propriedades que contribuíram para a análise desta faixa territorial foram alterados ao longo do tempo, seja como resposta a um exterior que pode apresentar-se com maior ênfase perante a sua propriedade ou como necessidade por parte de quem a habita ou usa. Dado que devido à materialidade de muros de alvenaria de tijolo, material primordialmente usado nos limites de propriedades nesta região, dificilmente se toma uma decisão de diminuir a permeabilidade visual devido ao que é requerido para tal acontecer, a desafixação de elementos metálicos ou a retirada de vegetação é significativamente mais prático. Como tal, nas alterações que podem ter ocorrido, a probabilidade de estas serem um acrescento da opacidade é maior, quer através da fixação seca de elementos ou do uso complementar de vegetação, que é bastante comum nesta região, muitas vezes não premeditada.

Geralmente, os limites de propriedades perto da estrada nacional, correspondentes a propriedades mais antigas, apresentam-se mais elaborados ou com um maior número de elementos do que propriedades afastadas desta via. Quanto maior o afastamento a esta, mais novas são as construções e nelas são mais frequentes planos mais puros, aliado a uma procura de maior aproveitamento do espaço privado, dado que a área das propriedades geralmente tem vindo a diminuir, os limites têm-se tornado mais puros e objetivos na sua intensão para o local.

Destaca-se que, geralmente, a estrada nacional apresenta limites de propriedades mais permeáveis que as ruas mais interiores. Dado que as estradas nacionais nem sempre têm passeios que acompanhem a via para o uso pedonal, associado a uma travessia mais rápida pelos automóveis, pode não haver uma procura de quebrar a visão nestas circunstâncias. Por outro lado, o uso pedonal de ruas interiores, associado a uma travessia viária mais lenta, pode gerar uma procura de maior quebra visual sobre o exterior. O facto das propriedades de comércio e serviços procurarem ligações mais eficazes com os transeuntes, exibem-se perante a estrada nacional, sem quebras visuais.

De todos os temas a considerar levantados pela análise das amostras, apenas os momentos de abertura visual têm um impacto regional, funcionando como canais visuais pela região, permitem a dispersão visual de vários locais e sobre vários locais. Apesar dos limites de grandes propriedades, geralmente opacos, servirem como localização local, que vai além da relação próxima entre a via pública e o espaço privado envolvente, agem diretamente no local onde se situam. Assim, consideram-se os momentos de abertura visual de extrema importância, conferindo maior relevância às ruas e zonas que

servem, não contribuindo para uma individualização de todas as zonas. Dado que os campos agrícolas são grandes promotores destes momentos, não erguendo grandes barreiras visuais nos seus limites de propriedades, entende-se que são de grande importância neste território. Aliando-se a terrenos baldios, ou sem definição própria, unem visualmente lugares distintos.

Geralmente, as imagens usadas nos temas levantados na análise das amostras aparecem despovoadas, tanto na via pública como em propriedades privadas. Isto serve como representação da realidade e é um reflexo das permeabilidades dos limites de propriedade existentes nesta região. Os usos da via pública por parte de vizinhos ou a relação que têm entre propriedades é pontual, não se vê como um hábito, hábito que refletiria uma promoção da relação entre estes. Várias vezes as vias públicas secundárias, em zonas habitacionais, onde o trânsito se apresenta mais lento, são vistas apenas como transição viária e não como um uso público estacionário ou transitório a ser usado para servir localmente os habitantes.

Consoante uma crescente procura de propriedades habitacionais, aproveitado espaços que possibilitem estas construções, estas propriedades tendem a ver o seu terreno exterior reduzido, muitas vezes criando até grupos de casas geminadas em terrenos periféricos à estrada nacional. Como tal, procurando maximizar o espaço interior das propriedades reservado de olhares, ocorre a procura do uso de limites de propriedades mais opacos. Este efeito pode levar a um afastamento mais severo e a uma quebra de relações interpessoais.

Os exemplos de limites de propriedades mais contemporâneos, com causas particulares, desenhados por arquitetos conhecidos mostram princípios mais puros na abordagem a cada situação. Ou seja, a resposta dada é assertiva, focada. Esta pureza deriva de uma análise do tema detalhada, permitindo identificar exatamente o problema a tratar ou a forma de trabalhar o limite de propriedade no local em questão.

Desenvolvimento do trabalho

Deste trabalho, surgiram respostas a temas identificados nas análises que tentam beneficiar o maior coletivo possível de pessoas e melhorar o ambiente urbano. Apesar do contributo de trabalhos de outras áreas científicas, esta dissertação desenvolve um olhar sobre os limites de propriedades e respetivos níveis de permeabilidade muito a partir de uma visão arquitetónica, ou seja, centrado na avaliação qualitativa dos espaços resultantes.

Como melhoria deste trabalho, além dos critérios espaciais propostos poderiam surgir outros, nomeadamente de génese ambiental ou social, capazes de justificar opções distintas das apresentadas. Para tentar maximizar o benefício das respostas dadas através de cada princípio usado nas intervenções, poderiam ser cruzadas as análises feitas, de um ponto de vista mais técnico e qualitativamente arquitetónico, com outras áreas científicas que identificam, com outro ponto de vista, pontos relevantes sobre o tema.

A continuação do trabalho poderia ser feita com a consideração de outras problemáticas, com origem em outros campos disciplinares como por exemplo áreas como ecologia, sociologia, engenharia do ambiente e hidráulica. Os espaços urbanos são complexos e todas as disciplinas devem ser convocadas para a construção de respostas eficientes aos problemas mais latentes. O arquiteto não vive profissionalmente isolado, para poder maximizar os benefícios fornecidos conscientemente deve trabalhar em equipa, bebendo de outros saberes. E dado que se está a atuar a um nível urbano de enorme diversidade, desde a interferência do nível humano a uma interferência no ecossistema, este facto é particularmente relevante.

Referências

Bibliografia

ALTSHULER, Joseph – *de[FENCING]*. (2010). [Consult. dez. 2018]. Disponível em <http://www.mascontext.com/issues/6-amusement-summer-10/defencing/>.

ARMAS, Duarte de – *O livro das Fortalezas*. 4ª ed. Casal de Cambra, Odivelas: Caleidoscópio, 2015.

BRADATAN, Costica – *Scaling the 'Wall in the Head'*. (2011). [Consult. dez. 2018]. Disponível em <https://opinionator.blogs.nytimes.com/2011/11/27/scaling-the-wall-in-the-head/>

COLOMINA, Beatriz – *Privacy And Publicity*. 2ª ed. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1996.

DOMINGUES, Álvaro – *A Rua da Estrada*. 1ª ed. Porto: Dafne Editora, 2009.

GÜÇLÜ, TUĞBA – *Architectural build form and public dialogue: an evaluation of public wall in its communicative role*. Submissão de tese na GRADUATE SCHOOL OF NATURAL APPLIED SCIENCES OF MIDDLE EAST TECHNICAL UNIVERSITY. Dezembro 2006.

KOTCHEMIDOVA, Christina – *The Culture of the Fence: Artifacts and Meanings*. (2008). [Consult. dez. 2018]. Disponível em <https://www.nyu.edu/pubs/counterblast/fence.htm>.

LABASTIDA, Marta – *El paisaje próximo. Fragmentos del Vale do Ave*, volumen II. Submissão de tese de doutoramento na Universidade do Minho, 2013.

NETTO, Vinicius - *O efeito da arquitetura: impactos sociais, económicos e ambientais de diferentes configurações de quarteirão*. (2006). [Consult. out. 2018]. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.079/290>.

TRIGUEIROS, Luiz - *Eduardo Souto Moura*. 12ª ed. Lisboa: Editorial Blau, 2010.

WALDINGER, Robert – *Why it's so tempting to build walls and shut people out (and what to do instead)*. (2016). [Consult. out. 2018]. Disponível em <https://ideas.ted.com/why-its-so-tempting-to-build-walls-and-shut-people-out-and-what-to-do-instead/>.

Projetos

DER ROHE, Ludwig van & JOHNSON, Philip – *Seagram Building*. Manhattan, Nova Iorque. (1958)

GORDON, Bak, arquitectos – *2 Casas em Santa Isabel*. Lisboa, Portugal. (2008)

LEESER ARCHITECTURE – *Glass Bar*. Chelsea, Nova Iorque. (2002)

MARADEI, Giovanna - *Muro de vidro: solução integra ou divide a cidade?*. (2018).

SOTHEBY'S International Realty - Urbanização *Vila Utopia*. Carnaxide, Lisboa, Portugal. (2009)

Storefront for Art and Architecture. Manhattan, Nova Iorque. (1982)

TOPOS ATELIER – Urbanização *Dona Antónia*. Braga, Portugal. (2000)

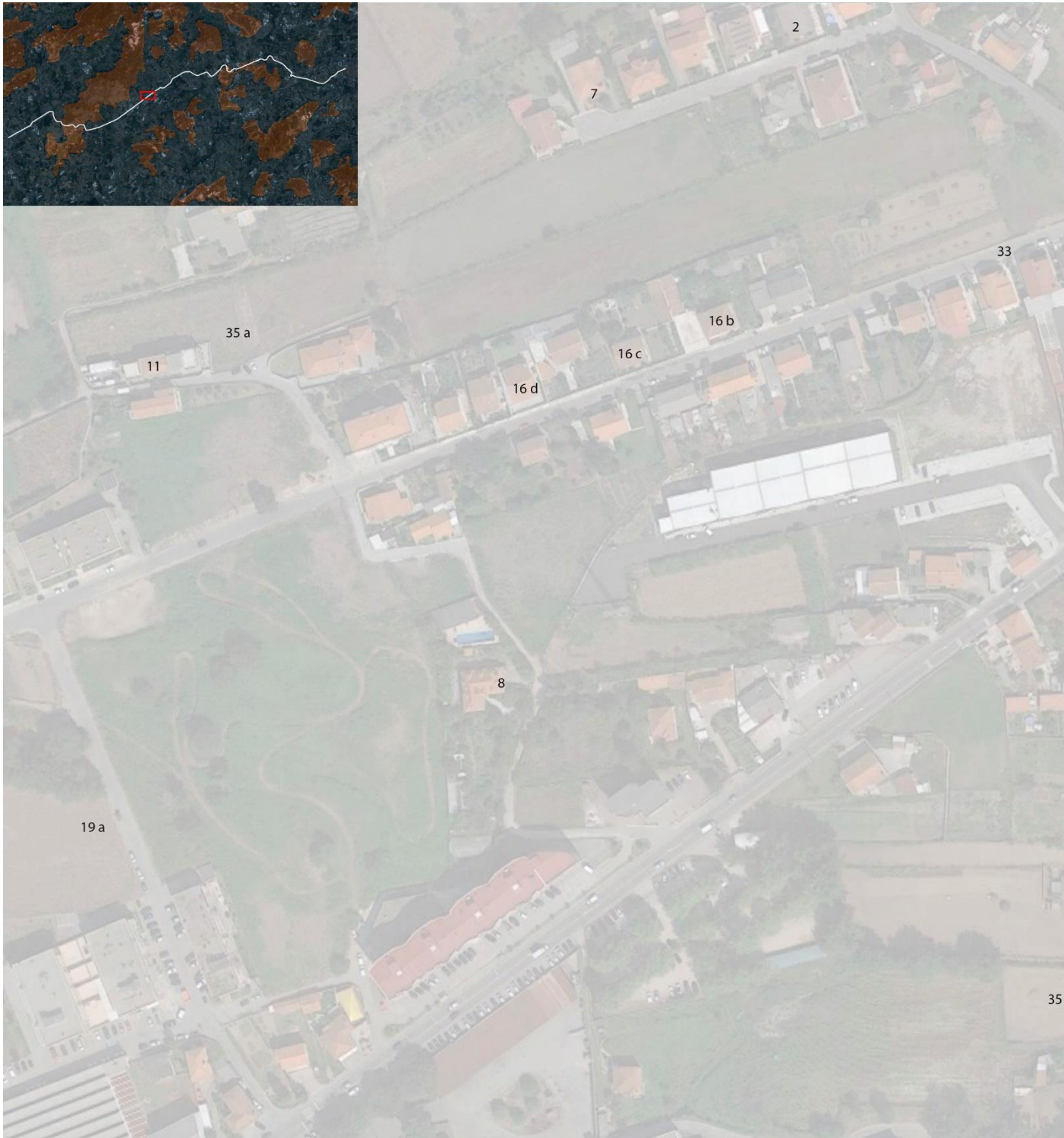
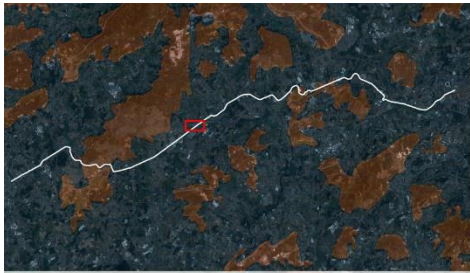




FIGURA 77_ LOCALIZAÇÃO DE FOTOGRAFIAS, AMOSTRA I, ESC. 1:2000

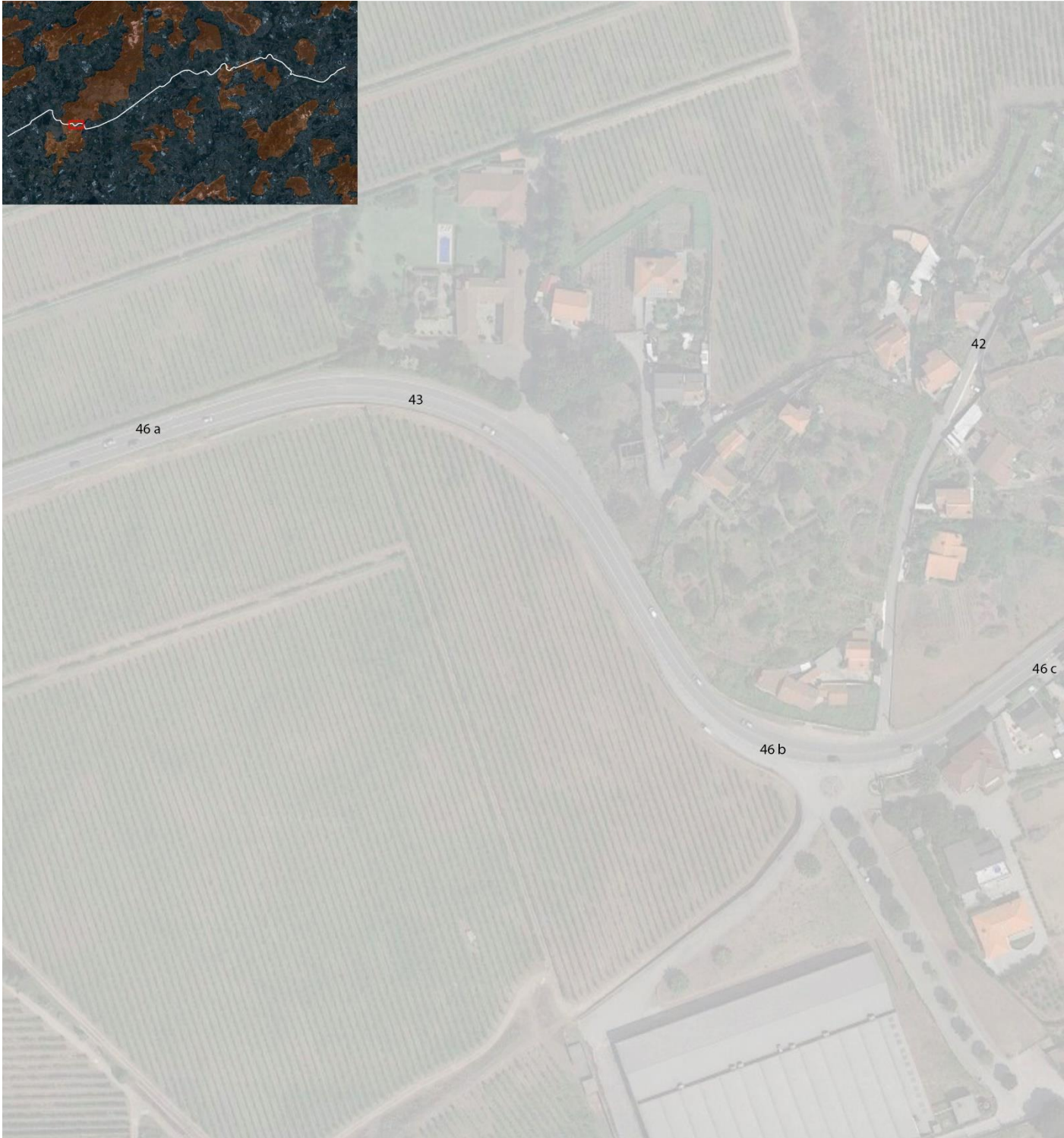




FIGURA 78_ LOCALIZAÇÃO DE FOTOGRAFIAS, AMOSTRA II, ESC. 1:2000

Índice

Figuras/Fotografias

- 1_ <http://www.diarioaveiro.pt/noticia/30115>. [Consult. set. 2019]
- 2-9_ Figuras de autor.
- 10_ <https://www.koozarch.com/interviews/queenstown-microsociety/>. [Consult. set. 2019].
- 11_ Ashihara, Yoshinobu. *The Aesthetic Townscape*, the MIT Press, Cambridge, Massachusetts, 1983. [Consult. set. 2019]
- 12_ <http://archiweb.cz>. Último acesso em Novembro de 2006. [Consult. set. 2019].
- 13_ <http://archpaper.com/2012/07/on-view-aestheticsanesthetics-at-the-storefront-for-art-and-architecture-through-july-28/>. [Consult. set. 2019].
- 14-46_ Figuras de autor.
- 47_ <https://www.archdaily.com.br/br/01-12707/2-casas-em-santa-isabel-bak-gordon-arquitectos>. [Consult. set. 2019].
- 48_ <https://toposatelier.com/en/portfolio/urbanizacao-dona-antonia/>. [Consult. set. 2019].
- 49_ <http://habitarportugal.org/PT/projecto/loteamento-dona-antonia-amorim/> [Consult. set. 2019].
- 50-78_ Figuras de autor.